

CENTAUR

JÚLIO VERNE

A Aldeia Aérea

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Júlio Verne

A ALDEIA AÉREA

Título original: *Le Village Aérien* (1901)
Tradução: José Coelho de Jesus Pacheco (1894-1951)
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com
www.facebook.com/centaur.editions

Índice

CAPÍTULO 1 — DEPOIS DE UMA LONGA CAMINHADA
CAPÍTULO 2 — OS FOGOS MOVENTES
CAPÍTULO 3 — DISPERSÃO
CAPÍTULO 4 — RESOLUÇÃO ÚNICA
CAPÍTULO 5 — PRIMEIRO DIA DE MARCHA
CAPÍTULO 6 — SEMPRE NA DIREÇÃO SUDOESTE
CAPÍTULO 7 — A GAIOLA VAZIA
CAPÍTULO 8 — O DR. JOHAUSEN
CAPÍTULO 9 — À MERCÊ DA CORRENTE
CAPÍTULO 10 — *NGORA!*
CAPÍTULO 11 — O DIA 19 DE MARÇO
CAPÍTULO 12 — NA FLORESTA
CAPÍTULO 13 — A ALDEIA AÉREA
CAPÍTULO 14 — OS WAGDDIS
CAPÍTULO 15 — TRÊS SEMANAS DE ESTUDO
CAPÍTULO 16 — SUA MAJESTADE MSÉLO-TALA-TALA
CAPÍTULO 17 — EM QUE ESTADO, O DR. JOHAUSEN!
CAPÍTULO 18 — INESPERADO DESFECHO
NOTAS

Capítulo 1 — Depois de uma Longa Caminhada

— E o Congo americano? — perguntou Max Huber. — Não se trata dele por enquanto?

— Para quê, caro Max? — respondeu John Cort. — Acaso nos faltam os vastos espaços nos Estados Unidos?... Que de regiões novas e desertas a visitar entre o Alasca e o Texas!... Antes de colonizar fora, vale mais colonizar no interior, penso eu...

— Não há dúvida, caro John. Se isto assim continua, as nações europeias acabarão por repartir entre si a África, ou seja aproximadamente uma superfície de três biliões de hectares!... Os Americanos abandoná-los-ão na totalidade aos Ingleses, Alemães, Holandeses, Portugueses, Franceses, Italianos, Espanhóis e Belgas!...

— Não têm outra coisa a fazer, e os Russos também, pela mesma razão — replicou John Cort.

— E porquê?

— Porque é inútil fatigar as pernas quando basta estender os braços...

— Pois bem, caro John, o Governo federal também reclamará qualquer dia a sua parte do bolo africano. Existe já um Congo francês, um Congo belga, um Congo alemão, não falando no Congo independente, que apenas espera ensejo para sacrificar a sua independência... E, depois, todo este território que vimos percorrendo há três meses...

— Como curiosos, Max, como simples curiosos, não como conquistadores...

— A diferença não é considerável, digno cidadão dos Estados Unidos — redarguiu Max Huber. — Nesta parte da África, repito, os Estados Unidos podiam fundar uma colónia soberba... Abundam os terrenos férteis, onde apenas resta utilizar a fertilidade sob a influência de uma generosa irrigação de que a natureza se incumbia por completo... Possuem uma rede de veios de água que nunca secam...

— Apesar deste insuportável calor? — observou John Cort, limpando a fronte calcinada pelo sol tropical.

— Ora! Não pensemos nisso — replicou Max Huber. — Então nós não estamos já aclimatados, direi mesmo «negrificados», se não vê nisso inconveniente, caro amigo?... Apenas estamos em março; calcule o que serão as temperaturas de julho e agosto, em que os raios solares ferem a pele como

línguas de fogo!...

— É fora de dúvida, Max, que nos há de custar um pouco tomarmo-nos pahouins ou zanzibaritas com a nossa fraca epiderme de francês e de americano! Presumo em todo o caso que havemos de terminar sem novidade esta bela e interessante campanha favorecida por bons auspícios. Mas tarda-me estar de volta a Libreville e encontrar nas nossas feitorias um pouco dessa tranquilidade e repouso que os viajantes bem merecem depois de três meses de uma viagem como esta...

— Concordo, amigo John, que esta aventurosa expedição apresentasse algum interesse. No entanto, confesso que não apresentou metade do que eu esperava dela...

— O quê, Max? Pois muitas centenas de milhas através de um território desconhecido, não poucos perigos arrostados no meio de tribos pouco hospitaleiras, alguns tiros trocados contra azagaiadas e nuvens de frechas, caçadas que o leão númida e a pantera libiana se dignaram honrar com a sua presença, hecatombes de elefantes feitas em proveito do nosso chefe Urdax, uma colheita de marfim de primeira qualidade que bastaria para fornecer de teclas os pianos do mundo inteiro... com tudo isto ainda não se declara satisfeito?...

— Sim e não, John. Tudo isso está dentro do programa normal dos exploradores da África Central. É o que o leitor encontra nas narrações dos Barth, dos Burton, dos Speke, dos Grant, dos Du Chaillu, dos Livingstone, dos Stanley, dos Serpa Pinto, dos Anderson, dos Cameron, dos Mage, dos Brazza, dos Gallieni, dos Dibowsky, dos Lejean, dos Massari, dos Wissemann, dos Buonfanti, dos Maistre...

O choque do jogo dianteiro da carruagem contra um pedregulho cortou de súbito a nomenclatura dos conquistadores africanos de Max Huber. John Cort aproveitou essa ocasião para lhe dizer:

— Esperava então que se lhe deparasse outra coisa no decurso da nossa viagem?

— Esperava, sim, meu caro John.

— O imprevisto?

— Melhor que o imprevisto, porque esse, sou o primeiro a reconhecê-lo, nem por isso tem faltado...

— O extraordinário?

— É o termo, meu amigo, e nem uma só vez, nem uma única, tive ocasião de despertar os ecos da velha Líbia com essa eloquente classificação de «portentosa África» devida aos fantasistas clássicos da Antiguidade.

— Estou a ver, Max, que um espírito francês é mais difícil de contentar...

— Que um espírito americano... Concordarei, John, se as recordações que leva da nossa campanha o satisfazem...

— Plenamente, Max.

— E se regressa satisfeito...

— Satisfeitíssimo... sobretudo por estar de volta.

— E se pensa que quem lesse a narração desta viagem diria: «Na verdade, isto é bastante curioso!»...

— Seria exigente quem o não dissesse.

— No meu entender não o era muito.

— Mas sê-lo-ia sem dúvida — respondeu John Cort — se tivéssemos terminado a nossa expedição no estômago de um leão ou no ventre de um antropófago do Oubanghi...

— Não, John, sem ir até esse género de acontecimentos, que, além disso, não são destituídos de um certo interesse -para os leitores e mesmo para as leitoras, seria o amigo capaz de jurar perante Deus e os homens e na sua alma e consciência que tenhamos descoberto e observado alguma coisa que ainda não tivesse sido descoberta e observada pelos nossos predecessores na África Central?

— Não, com efeito.

— Pois bem, eu esperava ser mais favorecido.

— Guloso, que pretende fazer da sua gulodice uma virtude! — replicou John Cort. — Quanto a mim, declaro-me saciado e não esperava da nossa campanha nada mais do que o que ela nos proporcionou.

— Isto é, nada, John.

— Além de que, Max, a viagem ainda não terminou e, durante as cinco ou seis semanas que durará o percurso daqui a Libreville...

— Oh! não! — exclamou Max Huber. — Não passará de um simples caminhar de caravana... a sucessão normal das jornadas... um passeio em diligência como noutros tempos...

— Quem sabe? — concluiu John Cort.

Desta vez a carruagem parou, para o descanso da tarde, junto de um cabeço coroado de cinco ou seis belas árvores, as únicas que se mostravam sobre aquela vasta planície iluminada então pelo fogo do sol no ocaso.

Eram sete horas da tarde. Graças à rapidez do crepúsculo na latitude do nono grau norte, em breve seria noite fechada. A escuridão seria até profunda, porque o raiar das estrelas ficaria encoberto por espessas nuvens e o crescente da lua

acabava de desaparecer no horizonte oeste.

O carro, unicamente destinado ao transporte dos viajantes, não conduzia mercadorias nem provisões. Imagine-se uma espécie de vagão construído sobre quatro rodas maciças e posto em movimento por um tiro de seis bois. Na parte anterior abria-se uma porta. O carro, iluminado por pequenas janelas laterais, estava dividido em dois compartimentos contíguos, separados por um tabique. O do fundo era destinado a dois jovens de vinte e cinco a vinte e seis anos, um americano, John Cort, outro francês, Max Huber. O da frente era ocupado por um traficante português, de nome Urdax, e pelo *foreloper,* chamado Khamis. Este *foreloper,* isto é, o homem que abre a marcha de uma caravana, natural do Camarão, era muito entendido no difícil mister de guia através das regiões abrasadoras do Oubanghi.

Escusado será dizer que este vagão-carro nada deixava a desejar sob o ponto de vista da solidez. Depois das provas dessa longa e trabalhosa expedição e apesar de o seu percurso se cifrar em mais de dois mil quilómetros, dir-se-ia voltar de um simples passeio de quinze a vinte léguas ao ver o bom estado da armação, os eixos nem sequer fendidos ou torcidos e as rodas apenas gastas junto do aro.

Este veículo, três meses antes, havia partido de Libreville, capital do Congo francês, e dali, seguindo a direção de leste, tinha avançado sobre as planícies do Oubanghi para além do curso do Bahar-el-Abiad, um dos tributários que lançam as suas águas ao sul do lago Chade.

É a um dos principais afluentes da margem direita do Zaire ou Congo que esta região deve o seu nome. Estende-se ela a leste do Camarão alemão, cujo governador é o cônsul-geral da Alemanha na África Ocidental, mas mesmo nas mais modernas cartas não poderia atualmente ser limitada por um traço preciso. Se não é um deserto — deserto de possante vegetação, em nada comparável ao Sara —, é pelo menos uma extensa região sobre a qual estão disseminadas as aldeias a grande distância umas das outras e onde as tribos se guerreiam incessantemente, chacinando, escravizando e alimentando-se ainda de carne humana, como os Monboutus, entre a bacia do Nilo e do Congo. E — coisa abominável! — é de habitual nas crianças que cevam os seus instintos de canibais. Por isso os missionários se empenham em salvar essas pequenas criaturas, ou raptando-as pela força, ou resgatando-as para as educar cristãmente nas missões estabelecidas ao longo do rio Siramba. E cumpre notar que estas missões não tardariam a sucumbir por falta de recursos se viesse a extinguir-se a generosidade dos países europeus, nomeadamente da França.

Convém mesmo acrescentar que no Oubanghi as crianças são consideradas como moeda corrente nas trocas de comércio. É com crianças de ambos os sexos que se pagam os objetos de consumo que os traficantes introduzem até ao centro da província. O mais rico indígena é pois aquele cuja família é mais numerosa.

Mas, se bem que o português Urdax nunca se tivesse aventurado através destas planícies com interesses comerciais e não houvesse traficado com as tribos justafluviais ao Oubanghi, mas somente tendo como único objetivo o de obter uma certa quantidade de marfim caçando o elefante que abunda nestas regiões, nem por isso deixara de ter relações com as ferozes tribos congolesas. Teve até em vários encontros de conservar em respeito bandos hostis, tornando em armas defensivas contra os indígenas as que ele destinava a perseguir as manadas de paquidermes.

Mas, afinal de contas, esta feliz e frutuosa expedição não contava uma única vítima entre o pessoal da caravana.

Ora, fora precisamente nas vizinhanças de uma aldeia próxima das nascentes do Bahar-el-Abiad que John Cort e Max Huber tinham podido arrancar uma criança à terrível sorte que a esperava, comprando-a pelo preço dalgumas missangas.

Era um rapazote duns dez anos de idade, de fisionomia meiga e interessante, de tipo negro pouco acentuado. Segundo o que se observa em várias tribos, era de coloração quase clara, tinha a cabeleira loira e não a lã encrespada dos negros, o nariz aquilino e não achatado e os lábios finos. Os olhos brilhavam-lhe de inteligência e em breve sentiu pelos seus salvadores uma espécie de amor filial. Esta pobre criatura, arrebatada da sua tribo, e não da família, visto que perdera pai e mãe, chamava-se Llanga. Depois de ter sido instruído durante algum tempo pelos missionários, que lhe tinham ensinado um pouco de francês e de inglês, caíra, infelizmente, de novo nas mãos dos Denkas, e fácil é imaginar-se a sorte que o esperava.

Seduzidos pela sua meiga afeição e pelo reconhecimento que lhes testemunhava, os dois amigos tomaram-se de uma viva simpatia por esse pequeno, a quem alimentaram e vestiram, e cuja inteligência lhes permitiu educarem-no com proveito. E, desde então, que diferença para Llanga! Em lugar de ser como os infelizes indigenazinhos seus irmãos mercadoria viva, passaria a viver nas feitorias de Libreville, tornado filho adotivo de Max Huber e de John Cort... Tinham-se encarregado do seu futuro, jamais o abandonariam!... Apesar da sua pouca idade, Llanga compreendia isto, sentia-se amado e uma lágrima de felicidade lhe deslizava dos olhos sempre que a mão de Max Huber ou a de John

Cort lhe poisava sobre a cabeça...

Assim que o carro parou, os bois, fatigados da longa caminhada por um calor abrasador, deitaram-se na planície. Llanga, que caminhara a pé durante uma parte da jornada, ora adiante, ora na retaguarda dos bois, chegou a correr no momento em que os seus dois amigos desciam da plataforma.

— Estás muito fatigado, Llanga? — perguntou John Cort, pegando na mão do rapaz.

— Não... não! Boas pernas... e gostar muito de correr — respondeu Llanga, que ria com a boca e com os olhos para John Cort e Max Huber.

— É tempo de irmos comer — lembrou este último.

— Comer... sim, meu amigo Max.

Em seguida, depois de ter beijado as mãos que lhe estendiam os dois amigos, foi misturar-se com os carregadores sob a ramagem das grandes árvores do cômoro.

Se o carro apenas servia para o transporte do português Urdax, de Khamis e dos seus dois companheiros, é que os fardos e cargas de marfim haviam sido confiados ao pessoal da caravana — uns cinquenta homens, na maior parte negros do Camarão. Ao dar o sinal de paragem tinham deposto em terra os dentes de elefante e as caixas que asseguravam o sustento diário, não contando com o que fornecia a caça numa região tão povoada como a do Oubanghi.

Estes negros são apenas jornaleiros, afeitos a essa espécie de trabalho, e que os lucros de tão frutuosas expedições permitem ser pagos por altos salários. Pode mesmo dizer-se que nunca «cobriram os ovos», para empregar a expressão por que se designam os indígenas sedentários. Habituados desde a infância a carregar, carregam enquanto as pernas lho permitem. E, no entanto, o mister é rude quando exercido sob um tal clima. Com as espáduas curvadas ao peso do marfim ou dos enormes fardos de provisões, descarnados, quase nus, os pés ensanguentados, o corpo escalavrado pelos espinhos das ervas, caminham assim entre a madrugada e as onze horas da manhã para recomeçarem a marcha até à noite, logo que passa o grande calor. Mas é do interesse dos traficantes pagá-los e alimentá-los bem e não os fatigar em demasia, e por isso os pagam e alimentam bem e os poupam. Sem falar já no encontro possível com os leões ou com as panteras, são bem para recear os perigos da caça ao elefante, e o chefe deve poder contar com o seu pessoal. Além disso, terminada a recolha do precioso material, convém que a caravana volte, fácil e prontamente, às feitorias da costa. Há pois vantagem em que não seja retardada pelos estorvos provenientes de fadigas excessivas ou pelas doenças — entre outras, as bexigas

—, cujos estragos são dos mais temíveis.

O português Urdax, servido por uma velha experiência e conhecedor destes sãos princípios, fora sempre feliz até então, tomando excessivos cuidados com os seus homens nessas lucrativas expedições ao centro da África Equatorial.

E assim se podia considerar esta última, visto que lhe rendia uma provisão considerável de marfim de boa qualidade recolhido nas regiões de além do Bahar-el-Abiad, quase no limite do Darfur.

Foi à sombra duns magníficos tamarindos que se organizou o acampamento, e, assim que os carregadores começaram a desfazer os fardos das provisões, eis a resposta que John Cort obteve ao interrogar o português em língua inglesa, que Urdax falava correntemente:

— Quer-me parecer, Sr. Cort, que o lugar da paragem é adequado, visto que até a mesa já está servida para os animais.

— Com efeito, têm à disposição erva basta e abundante...— afirmou John Cort.

— E que nós ruminaríamos de bom grado — acrescentou Max Huber —, se tivéssemos a estrutura de um ruminante, e três estômagos para a digerir...

— Obrigado — replicou John Cort —, mas prefiro um quarto de antílope grelhado nas brasas, o biscoito de que temos farta provisão e a nossa reserva de Madeira do Cabo.

— À qual poderemos misturar umas gotas desse límpido rio que corre através da planície — acrescentou o português.

E apontava um curso de água — afluente do Oubanghi, sem dúvida — que corria a um quilómetro do cômoro.

O acampamento concluiu-se sem demora. O marfim foi empilhado em montes nas proximidades do carro. Os animais começaram a pastar em torno dos tamarindos. Acenderam-se fogos aqui e acolá com os ramos mortos caídos das árvores. Assegurou-se o *foreloper* de que nada faltava aos diversos grupos. Abundava a carne de alce ou antílope, fresca ou seca, e os caçadores facilmente a podiam renovar. Encheram o espaço as emanações das carnes a grelhar e cada qual deu provas de um formidável apetite, justificado por este meio dia de marcha.

É escusado dizer que as armas e as munições tinham ficado no carro — algumas caixas de cartuchos, espingardas de caça, carabinas, revólveres, constituindo excelentes engenhos de armamento moderno à disposição de Khamis, de John Cort e de Max Huber em caso de necessidade.

A refeição terminou uma hora depois. Saciados os estômagos e fazendo-se,

além disso, sentir a fadiga, não tardaria que a caravana ficasse mergulhada em profundo sono.

No entanto, o *foreloper* confiou-o à vigilância de alguns dos seus homens, que deviam render-se de duas em duas horas. Em tão longínquas paragens é sempre conveniente precaverem-se contra os seres mal-intencionados tanto de dois pés como de quatro patas. Em vista disto, Urdax tomara todas as medidas que a prudência aconselhava. O português tinha cinquenta anos de idade, era vigoroso ainda, muito entendido na condução de expedições deste género e de uma perseverança e tenacidade extraordinárias. Do mesmo modo, Khamis, de trinta e cinco anos, lesto, ágil, sólido também e de grande sangue-frio e coragem, era da máxima confiança na direção das caravanas através da África.

Foi ao pé de um dos tamarindos que se sentaram os dois amigos e o português, servidos pelo pequeno para tomarem a ceia, que um indígena, a quem estavam entregues as funções de cozinheiro, acabava de preparar.

Durante a refeição não trabalharam mais os queixos do que tagarelaram as línguas. Comer não impede o falar, desde que não haja muita pressa. Sobre que versava a conversa? Sobre os incidentes da viagem durante o percurso para o nordeste? Bem longe disso. Eram de um interesse mais atual os que se podiam apresentar à volta. A caminhada seria extensa ainda até às feitorias de Libreville — mais de dois mil quilómetros —, para o que seriam necessárias nove a dez semanas de marcha. Ora nesta segunda parte da viagem, quem sabe?... havia dito John Cort ao seu companheiro, que desejava mais que o imprevisto: o extraordinário.

Até esta última jornada desde os confins do Darfur a caravana tinha-se dirigido sempre para o Oubanghi depois de ter transposto os vaus do Aoukadébé e dos seus múltiplos afluentes. Nesse dia acabava de parar pouco mais ou menos no ponto em que se cruzam o vigésimo segundo meridiano e o nono paralelo.

— Mas — disse Urdax — nós agora vamos seguir a direção do sudoeste.

— E isso é tanto mais conveniente quanto é certo que, se me não enganam os olhos, aquela faixa no horizonte é uma floresta cujos extremos limites não se avistam nem a leste nem a oeste.

— Sim, imensa! — informou o português. — Se fôssemos obrigados a contorná-la por leste, passar-se-iam meses antes que a deixássemos para a retaguarda.

— Enquanto, por oeste...

— Por oeste — respondeu Urdax —, seguindo a orla da floresta e sem alongar muito o caminho, encontraremos o Oubanghi próximo dos rápidos do

Zongo.

— Atravessando-a, não abreviaríamos a viagem? — perguntou Max Huber.

— Poupávamos... uns quinze dias de marcha.

— Então porque não nos metemos através dela?

— Porque é impenetrável...

— Oh!... Impenetrável!... — tornou Max Huber, em tom pouco convencido.

— Não aos peões, talvez — observou o português —, e, mesmo assim, não tenho disso a certeza porque ainda ninguém o tentou. Quanto a aventurar os animais numa tal travessia, era tentativa de fracasso certo...

— Disse, Urdax, que ninguém tentou ainda embrenhar-se nessa floresta?

— Lá que tenha tentado... não sei, Sr. Max, mas conseguido, isso não... e aqui no Congo ou no Camarão ninguém pensa em tentá-lo. Quem teria a pretensão de passar através das balças espinhosas e das silvas onde se não encontra um único carreiro? Não sei mesmo se o ferro e o fogo conseguiriam desimpedir o caminho obstruído pelas árvores mortas, que devem formar obstáculos insuperáveis...

— Insuperáveis, Urdax?

— Vejamos, caro amigo — interveio então John Cort —, não se deixe entusiasmar por essa floresta e consideremo-nos felizes por apenas a termos de contornar! Confesso que não me agradava lá muito o aventurar-me através de semelhante labirinto de árvores...

— Nem mesmo para saber o que ela encerra?

— E que quer que lá exista? Reinos desconhecidos, cidades encantadas, eldorados mitológicos, animais de espécie nova, carnívoros com cinco patas e seres humanos com três pernas?

— Porque não, John? E, para tirar as dúvidas, nada melhor do que ir lá ver!...

Llanga, com a fisionomia viva e os grandes olhos atentos, parecia dizer que, se Max Huber se aventurasse nesses bosques, não hesitaria um momento em segui-lo.

— Em todo o caso — prosseguiu John Cort —, visto que Urdax não faz tenção de a atravessar para alcançar as margens do Oubanghi...

— Não, decerto — confirmou o português. — Seria expormo-nos a nunca mais poder de lá sair...

— Pois bem, caro Max, nesse caso vamos dormir. Poderá muito à vontade tentar desvendar os mistérios dessa floresta e arriscar-se nesses impenetráveis maciços... somente em sonhos, é claro, e mesmo assim não será lá muito prudente...

— Zombe, John, zombe de mim quanto quiser... Mas recordo-me agora do que disse um dos nossos poetas... não tenho presente qual: *Fouiller dans l'inconnu pour trouver du nouveau.*

— Deveras, Max? E qual é o verso que rima com esse?

— Já me não lembro, John.

— Esqueça então o primeiro como esqueceu o segundo, e vamos dormir.

Era, de facto, o melhor que havia a fazer desde que se não abrigassem no carro. Uma noite passada junto do cômoro, debaixo dos grandes tamarindos, cuja frescura abrandava algum tanto o calor ambiente, tão forte ainda depois do pôr do sol, não era coisa que inquietasse os frequentadores do «Hotel do Ar Livre» quando o tempo o permitia. Nesse dia, se bem que as constelações estivessem ocultas detrás de espessas nuvens, a chuva não ameaçava e era preferível deitarem-se debaixo da árvore.

O pequeno trouxe as mantas, e os dois amigos, bem embrulhados, estenderam-se entre as raízes de um tamarindo — uma verdadeira cama de beliche —, enquanto Llanga se enrolava a seu lado como um cão de guarda.

Antes de os imitarem, Urdax e Khamis quiseram uma última vez dar volta ao acampamento, para se assegurarem de que os bois, travados, não podiam divagar pela planície, de que os carregadores se conservavam nos seus postos de vigia e de que os fogos tinham sido apagados — porque uma faúlha bastaria para incendiar as ervas secas e os ramos mortos. Em seguida, voltaram ambos para junto do cômoro.

Não tardou o sono a apossar-se deles — sono que nem uma trovoada despertaria! E ter-se-iam os vigias deixado vencer também por ele? De facto, por volta das três horas, ninguém deu sinal duns certos fogos suspeitos que se moviam na orla da Grande Floresta.

Capítulo 2 — Os Fogos Moventes

Uma distância de dois quilómetros, o máximo, separava o cômoro dos sombrios maciços, junto dos quais, de um lado para outro, se moviam chamas fuliginosas e vacilantes. Podiam-se contar umas doze, ora reunidas, ora isoladas e agitadas por vezes com uma violência que a calma da atmosfera não justificava. Podia talvez supor-se que um bando de indígenas tivesse acampado naquele lugar ou que se houvesse instalado ali, esperando pelo dia. Em todo o caso, esses fogos não eram os de um acampamento. Vagueavam muito caprichosamente, numa extensão de cem toesas, em lugar de se concentrarem no foco único de um acampamento noturno.

É preciso não esquecer que as regiões do Oubanghi são frequentadas por tribos nómadas vindas de Adamaoua ou do Baghirmi por oeste ou mesmo do Uganda por leste. Nenhuma caravana de traficantes teria sido tão imprudente que traísse a sua presença com esses múltiplos fogos, agitando-se nas trevas. Somente os indígenas se podiam ter detido nesse lugar. E quem sabe se não estavam animados de intenções hostis para com a caravana adormecida sob a ramagem dos tamarindos?

Seja como for, se é verdade que deste modo algum perigo a ameaçava e se muitas centenas de Pahouins, de Founds, de Chiloux, de Bari, de Denkas ou de outros indígenas apenas esperavam ocasião propícia para a assaltar com as vantagens de uma superioridade numérica, não era menos verdade que ninguém tinha tomado — até às dez horas e meia, pelo menos — qualquer medida defensiva. Tudo dormia no acampamento, servos e senhores, e, o que é mais grave ainda, os carregadores incumbidos de se renderem no posto de vigilância estavam mergulhados em profundo sono.

Felizmente, o pequeno acordou. Mas os seus olhos ter-se-iam sem dúvida fechado no mesmo instante se se não se tivessem dirigido para o horizonte sul. Sob as pálpebras meio cerradas teve a impressão dumas luzes que se destacavam na profunda escuridão da noite.

Estirou-se, esfregou os olhos e olhou com maior atenção... Não! Não se enganava: na orla da floresta moviam-se fogos dispersos.

Llanga, mais devido ao instinto do que à reflexão, teve a perceção de que a caravana ia ser atacada. Com efeito, os malfeitores que se preparam para uma carnificina, não ignoram que aumentam as probabilidades da vitória atacando de

surpresa e não traindo a sua presença antes do ataque, como estes o faziam.

Não querendo o pequeno acordar John Cort ou Max Huber, dirigiu-se sem ruído para o carro e, assim que chegou junto do *foreloper*, pôs-lhe a mão no ombro, acordou-o e indicou-lhe os fogos no horizonte.

Khamis levantou-se, observou essas chamas em movimento, e com voz, cujo tom trémulo não procurava disfarçar, gritou:

— Urdax!

O português, como homem acostumado a livrar-se com rapidez dos vapores do sono, pôs-se de pé num instante.

— Que há, Khamis?

— Olhe!

E, com o braço estendido, indicava a orla iluminada ao nível da planície.

— Alerta! — gritou o português com toda a força dos pulmões.

Em poucos segundos o pessoal da caravana estava todo de pé. De tal modo ficaram impressionados os espíritos pela gravidade da situação, que ninguém pensou em acusar os vigias surpreendidos em delito. Era provável que, sem a intervenção de Llanga, tivesse sido invadido o acampamento enquanto Urdax e os seus companheiros dormiam.

É inútil mencionar que Max Huber e John Cort, apressando-se em sair da cavidade aberta entre as raízes, se tinham reunido ao português e ao *foreloper.*

Eram um pouco mais de dez horas e meia. Nos três perímetros: norte, leste e oeste, a planície estava mergulhada em profunda escuridão. Somente o sul se iluminava com essas chamas extravagantes que, redemoinhando, lançavam vivos clarões. Podiam agora contar-se pelo menos umas cinquenta.

— Deve haver ali algum agrupamento de indígenas — disse Urdax —, provavelmente desses Boudjos que frequentam as margens do Congo e do Oubanghi.

— Certamente — acrescentou Khamis — essas chamas não se acenderam por si próprias.

— E são com certeza braços aqueles que as sustentam e deslocam! — exclamou John Cort.

— Mas — observou Max Huber —, a esses braços devem pertencer ombros, a esses ombros, corpos, e desses corpos nem um só se distingue no meio de toda esta iluminação...

— Provavelmente porque estão para lá da orla, por detrás das árvores — redarguiu Khamis.

— E notemos — tornou Max Huber — que não se trata de um bando em

marcha no extremo da floresta... Não! Estes fogos afastam-se para a direita e para a esquerda, mas voltam sempre ao mesmo ponto...

— Ponto onde deve ser o acampamento dos indígenas — afirmou o *foreloper.*

— Qual é a sua opinião? — perguntou John Cort a Urdax.

— Creio que vamos ser atacados — afirmou este —, e é necessário fazer os nossos preparativos de defesa imediatamente.

— Mas por que razão nos não atacaram antes de se mostrar?

— Os pretos não têm o raciocínio dos brancos. No entanto, lá por serem pouco espertos, nem por isso são menos temíveis pela superioridade numérica e pelos seus instintos ferozes.

— Panteras, que os nossos missionários terão grande dificuldade em transformar em cordeiros! — acrescentou Max Huber.

— Preparemo-nos para a defesa! — decidiu então o português.

Sim, preparar-se para a defesa e defender-se até à morte, porque não há nenhuma piedade a esperar dessas tribos do Oubanghi. Não se pode imaginar até que ponto são cruéis. As mais selvagens tribos da Austrália, das Salomão, das Hébridas ou da Nova Guiné dificilmente podem comparar-se com tais indígenas. Para o centro da região apenas há aldeias de canibais que os padres da Missão, afrontando sempre a mais terrível das mortes, não desconhecem. É-se tentado a classificar esses seres, feras de rosto humano, na classe dos irracionais da África Equatorial, onde a fraqueza é um crime e a força tudo. E, de facto, mesmo já homens, quantos desses negros não ignoram as primeiras noções de uma criança culta de cinco ou seis anos?

E o que se pode afirmar — as provas abundam e os missionários têm sido muitas vezes testemunhas dessas cenas medonhas — é que se praticam ainda sacrifícios humanos na África. Matam-se os escravos sobre o túmulo do seu senhor e as cabeças, ligadas a um ramo flexível, são lançadas para longe assim que a faca do feiticeiro as decepou. As crianças entre os dez e os dezasseis anos servem de alimento nas cerimónias de aparato e certos chefes só se alimentam dessa carne tenra.

Aos instintos de canibais juntam-se os da pilhagem, que os arrastam por vezes a grandes distâncias, na peugada das caravanas, que assaltam, saqueiam e destroem. Se é certo que não estão tão bem armados como os traficantes e seu pessoal, têm no entanto por seu lado o número: alguns milhares de indígenas levarão sempre a melhor a algumas centenas de carregadores. Não ignoram isto os *forelopers.* Por isso a sua principal preocupação é a de não se internarem em

aldeias tais como Ngombé Dara, Kalaka Taimo e outras compreendidas na região do Aoukadébé e do Bahar-el-Abiad, onde os missionários não apareceram ainda, mas em que penetrarão um dia. Nenhum receio embarga a devoção destes últimos quando se trata de arrancar pequenos seres à morte e de regenerar essas raças selvagens pela influência da civilização cristã.

Desde que começara a expedição nem sempre o português Urdax havia podido evitar os ataques dos indígenas. Tinha-se, porém, sempre livrado sem grandes perdas e voltar com o pessoal quase completo. O regresso prometia efetuar-se em condições de perfeita segurança. Contornada a floresta por oeste, atingir-se-ia a margem direita do Oubanghi e seguir-se-ia esse rio até à embocadura da margem direita do Congo. A partir do Oubanghi a região é frequentada por mercadores e missionários. Desde esse ponto haveria menos a temer do contacto das tribos nómadas, que as iniciativas francesa, inglesa, portuguesa e alemã fazem recuar pouco a pouco até às longínquas paragens do Darfur.

Mas, quando apenas faltavam alguns dias de marcha para atingir o rio, iria a caravana ser detida, provocada a combate por um tal número de salteadores que acabariam decerto por a destroçar?... Era lícito temê-lo. Em todo o caso não sucumbiria sem se defender e, à voz do português, tomaram-se todas as medidas tendentes a organizar a resistência.

Num instante, Urdax, o *foreloper,* John Cort e Max Huber estavam armados, carabina na mão, revólver à cinta e a cartucheira bem fornecida. Continha o carro uma dúzia de espingardas e de pistolas, que se entregaram a alguns dos carregadores, de fidelidade reconhecida.

Ao mesmo tempo, Urdax deu ordem ao pessoal para se colocar em torno dos grandes tamarindos, a fim de melhor se abrigarem das frechas, cujas pontas ervadas ocasionam feridas mortais.

Esperou-se. Nenhum ruído cortava o espaço. Parecia que os indígenas não tinham avançado para cá da floresta. Os fogos continuavam a mostrar-se, e aqui, acolá, agitavam-se penachos de fumo amarelento.

— São archotes resinosos, que eles agitam na orla das árvores...

— Certamente — concordou Max Huber —, mas persisto em não compreender por que razão essa gente o faz desde que tenha intenção de nos atacar...

— Pois se o não fazem com esse propósito, ainda o compreendo menos — acrescentou John Cort.

Era inexplicável, com efeito, mas, na verdade, de nada nos devemos

surpreender quando se trate desses brutos do alto Oubanghi.

Passou-se meia hora sem que a situação se modificasse de qualquer modo. O acampamento conservava-se na defensiva. Os olhares perscrutavam as longínquas sombras de leste e oeste. Enquanto os fogos brilhavam ao sul, podia um grupo hostil, esgueirando-se lateralmente, graças à obscuridade, atacar a caravana de improviso.

Nesta direção estava com certeza deserta a planície. Por mais sombria que fosse a noite era impossível que qualquer grupo de invasores surpreendesse o português e os seus companheiros antes de eles terem feito uso das armas.

Pouco depois, pelas onze horas, Max Huber, acercando-se alguns passos do grupo formado por Urdax, Khamis e John Cort, propôs com voz resoluta:

— Vamos reconhecer o inimigo...

— Para quê? — perguntou John Cort. — Não nos ordena a mais elementar das prudências que fiquemos em observação até o despontar do dia?

— Esperar... Esperar... — replicou Max Huber — depois de o nosso sono ter sido tão desagradavelmente interrompido!... Esperar durante seis a sete horas ainda, de espingardas aperradas!... Não! É preciso saber de que se trata, e o mais cedo possível. Porque, afinal, se esses indígenas não têm más intenções, não se me dava de me acomodar durante o resto da noite nesse abrigo de raízes em que estava no melhor dos meus sonos!...

— Qual é a sua opinião? — perguntou John Cort ao português, que se conservava silencioso.

— Talvez a proposta mereça ser aceite — replicou este — mas procedamos com precauções...

— Ofereço-me para ir em reconhecimento—disse Max Huber. — Podem fiar-se em mim...

— Acompanhá-lo-ei — declarou então o *foreloper* — se o Sr. Urdax assim o entender.

— Certamente... será melhor — aprovou o português.

— Posso também juntar-me aos senhores?... — perguntou John Cort.

— Não; fique, caro amigo — insistiu Max Huber. — Nós dois bastamos... De resto, não avançaremos mais do que o que for necessário... Se descobrirmos um bando dirigindo-se para este lado, voltaremos a toda a pressa...

— É melhor verificar se as armas estão em condições... — recomendou John Cort.

— Estão boas — afirmou Khamis —, mas espero que não teremos de nos servir delas durante o nosso reconhecimento. O essencial é não nos deixarmos

ver.

— É também essa a minha opinião — concordou o português.

Max Huber e o *foreloper,* caminhando um junto do outro, em breve passaram o outeiro dos tamarindos, para além do qual a planície estava um pouco menos obscura. À distância duns cem passos, porém, já se não distinguia um homem.

Teriam apenas dado uns cinquenta passos quando notaram que Llanga caminhava atrás deles. Sem nada dizer, o rapazote tinha-os seguido.

— Eh, pequeno... para que vieste? — perguntou Khamis.

— Sim, Llanga, porque não ficaste lá com os outros? — ajuntou Max Huber.

— Vamos... vai-te embora — ordenou o *foreloper.*

— Oh, Sr. Max... — murmurou Llanga —, consigo... eu... consigo.

— Mas tu sabes que o teu amigo John ficou lá...

— Sim... mas o meu amigo Max... está aqui.

— Não precisamos de ti! — disse Khamis, em tom brusco.

— Deixemo-lo ir, já que veio até aqui — condescendeu Max Huber. — Não nos incomodará, Khamis, e com os seus olhos de gato selvagem talvez descubra na sombra o que nós não podemos ver.

— Sim... eu olhar... ver longe! — afirmou a criança.

— Está bem! — acedeu Max Huber. — Conserva-te junto de mim e olho alerta.

Os três meteram-se a caminho e, um quarto de hora depois, estavam a metade da distância entre o acampamento e a Grande Floresta.

Os fogos continuavam espargindo a sua claridade junto do maciço e, menos afastados já, manifestavam-se por clarões mais vivos. Mas, por mais aguda que fosse a vista do *foreloper,* por melhor que fosse o óculo de alcance que Max Huber acabava de tirar do seu estojo, e por mais penetrantes que fossem os olhares do jovem «gato selvagem», era ainda impossível distinguir quem agitava esses fachos luminosos.

Este facto confirmava a opinião do português: era a coberto das árvores, detrás dos esparsos tojos e dos largos troncos, que se agitavam os clarões.

Os indígenas não tinham seguramente ultrapassado o limite da floresta e talvez nem pensassem em fazê-lo. Na realidade aquilo cada vez se tornava mais inexplicável. Se se não tratava apenas de um acampamento de negros com intenções de se porem de novo a caminho ao nascer do dia, como explicar então aquela iluminação na orla da floresta? Que cerimónia noturna os conservava

acordados até uma hora tão adiantada da noite?

— Duvido até — observou Max Huber — que eles tenham reconhecido a caravana e saibam que estamos acampados junto dos tamarindos...

— É possível que o ignorem — admitiu Khamis —, desde que tenham chegado ao cair da noite, quando a planície estava já mergulhada em trevas. E, como os nossos fogos estavam apagados, é possível também que ignorem estarmos acampados a curta distância. Mas amanhã, ao romper da aurora, ver-nos-ão...

— A menos que não tenhamos abalado já, Khamis.

Max Huber e o *foreloper* recomeçaram a marcha em silêncio.

Meio quilómetro mais foi vencido. Nesse momento, algumas centenas de metros apenas os separavam da floresta.

Nada de suspeito à superfície daquele solo, atravessado por vezes pelos longos clarões dos archotes. Não se distinguia sombra alguma quer ao sul, quer ao norte, quer ao poente.

Não parecia iminente qualquer agressão. Além disso, por muito aproximados que estivessem da orla, nem Max, nem Khamis, nem Llanga conseguiram descobrir os seres que atraíam a sua presença por esses múltiplos fogos.

— Deveremos aproximar-nos mais? — perguntou Max Huber, depois de uma paragem de alguns momentos.

— Para quê? — replicou Khamis. — Seria imprudência. É possível, apesar de tudo, que a nossa caravana não tenha sido notada e, retirando-nos nós, no meio da noite...

— Gostaria, no entanto, de saber ao certo a explicação de tudo isto! — repetiu Max Huber. — Apresenta-se numas condições tão singulares...

Nem tanto seria necessário para sobre-excitar a imaginação viva de um francês.

— Voltemos ao acampamento — insistiu o *foreloper.*

No entanto, teve de avançar mais perto ainda, em seguimento de Max Huber, que Llanga não quisera abandonar, e talvez tivessem avançado até à orla da floresta se Khamis não parasse definitivamente.

— Nem um passo mais — disse ele em voz baixa.

Era em face de um perigo iminente que o *foreloper* e o seu companheiro suspendiam a marcha? Tinham avistado algum grupo de indígenas? Iam porventura ser atacados? O que era certo é que uma brusca mudança acabava de se operar na disposição dos fogos na margem da floresta.

Num momento, desapareceram de todo detrás da cortina formada pelas primeiras árvores.

— Atenção! — recomendou Max Huber.

— Para a retaguarda — acrescentou Khamis.

Convinha retroceder com receio de uma agressão imediata? Em todo o caso, era preferível não bater em retirada sem estar apto para responder ao ataque.

As carabinas, aperradas, tornaram aos ombros enquanto os olhares não cessavam de perscrutar os sombrios maciços da orla da floresta.

De súbito, os clarões brotaram de novo da sombra, em número de vinte, agora.

— Por Deus! — exclamou Max Huber. — Desta vez, se não é o extraordinário, é, pelo menos, o estranho...

Esta exclamação parecia justificada pelo facto de os fachos, depois de terem brilhado havia pouco ao nível da planície, lançarem agora clarões mais vivos entre cinquenta e cem pés do solo.

Quanto aos seres que agitavam essas luzes, ora nos ramos baixos, ora nos mais altos, como se uma corrente de fogo tivesse atravessado a espessa folhagem, nem Max Huber, nem o *foreloper*, nem Llanga conseguiram distinguir um único.

— Ah! — exclamou Max Huber. — E se fossem apenas fogos-fátuos a brincar nas árvores?

Khamis abanou a cabeça. A explicação não o satisfazia.

Certamente, não podia admitir-se que aquilo apenas fosse alguma expansão de hidrogénio em emanações inflamadas, ou uma vintena desses fogos que as tempestades acendem quer nos ramos das árvores, quer nos aparelhos de um navio, porque tais fogos não podiam ser confundidos com as caprichosas exalações do fogo de Santelmo. A atmosfera não estava saturada de eletricidade, antes as nuvens ameaçavam converter-se numa dessas chuvas torrenciais que inundam frequentes vezes a parte central do continente negro.

Mas, nesse caso, por que razão os indígenas, acampados junto das árvores, tinham marinhado, uns até às suas primeiras ramificações, outros até aos ramos superiores?

E com que propósito agitavam ali os seus archotes inflamados, esses fachos resinosos cuja combustão fazia ouvir o seu crepitar à distância?

— Avancemos — disse Max Huber.

— Inútil — respondeu o *foreloper.* — Não creio que o nosso acampamento esteja ameaçado por esta noite, e é preferível voltar para lá, a fim de tranquilizar

os nossos companheiros.

— Estaremos mais aptos para os tranquilizar quando soubermos o que devemos pensar a respeito deste fenómeno.

— Não, Sr. Max, não nos aventuremos mais... Não há dúvida de que uma tribo se reuniu neste lugar. Mas por que razão agitam os nómadas esses fogos? Porque se refugiaram eles nas árvores? É com o fim de afugentar as feras que alimentam essas chamas?

— Feras? — replicou Max Huber. — Mas as panteras, as hienas ou os bois selvagens ouvir-se-iam rugir ou mugir, e o único ruído que chega até nós é o crepitar das resinas que ameaçam incendiar a floresta!... Quero saber...

E Max Huber avançou alguns passos, seguido de Llanga, que Khamis chamava em vão para junto de si.

O *foreloper* hesitava sobre o que devia fazer, na impossibilidade de deter o impaciente francês. Enfim, não querendo deixar que se aventurasse só, dispunha-se a acompanhá-lo até aos maciços, se bem que isso fosse, na sua opinião, imperdoável temeridade.

De súbito, estacou, no mesmo instante em que Max Huber e Llanga paravam também, e os três voltaram costas à floresta. Já não eram os clarões que atraíam a sua atenção. Demais, como soprados por um súbito furacão, os fachos acabavam de se apagar e profundas trevas envolviam o horizonte.

Do lado oposto propagava-se através do espaço um rumor longínquo, ou, antes, um concerto de mugidos prolongados e nasalados roncos, de forma a fazer crer que um órgão gigantesco lançava as suas poderosas ondas sonoras ao nível da planície.

Seria uma tempestade que caminhava para essa parte do céu e cujos primeiros bramidos perturbassem a atmosfera?

Não! Não era nenhum desses meteoros que desolam tão frequentes vezes a África Equatorial de um a outro litoral.

Estes mugidos característicos traíam a sua origem animal e não provinham da repercussão das descargas das faíscas feridas nas profundezas do céu. Deviam ter origem em goelas formidáveis e não em nuvens elétricas. Além disso, as regiões baixas não se zebravam com esses fulgurantes ziguezagues que se sucedem a curtos intervalos. Nem um único relâmpago acima do horizonte norte, tão sombrio como o horizonte sul. Através das nuvens acumuladas, entre os cirros empilhados como fardos de vapores, nenhum rasto de fogo.

— Que é isto, Khamis? — perguntou Max Huber.

— Para o acampamento! — limitou-se a responder o *foreloper.*

— Será por acaso...? — exclamou Max Huber.

E, dirigindo o ouvido nessa direção, distinguiu um som agudo mais destacado, estridente por vezes como o silvo de uma locomotiva, no meio dos extensos rumores que aumentavam à medida que se aproximavam.

— Retiremo-nos — recomendou o *foreloper* —, e a passo de carga...

Capítulo 3 — Dispersão

Max Huber, Llanga e Khamis apenas levaram dez minutos a percorrer os mil e quinhentos metros que os separavam do acampamento. Nem sequer se deram ao trabalho de se voltar uma única vez ou de observar se os indígenas, depois de terem apagado os fogos, tratavam de os perseguir.

Desse lado estava tudo calmo, ao passo que do lado oposto a planície enchia-se de uma agitação confusa e de estrepitosas sonoridades.

No acampamento, quando os dois homens e o rapaz lá chegaram, reinava o terror — terror justificado pela iminência de um perigo contra o qual a inteligência e a coragem nada podiam. Fazer-lhe face era impossível e, quanto a fugir, haveria tempo ainda?

Max Huber e Khamis tinham-se imediatamente reunido a John Cort e Urdax, postados a cinquenta passos do cômoro.

— Uma manada de elefantes — anunciou o *foreloper.*

— Sim — confirmou o português — e em menos de um quarto de hora estarão em cima de nós.

— Ganhemos a floresta — propôs John Cort.

— A floresta não os deterá — replicou Khamis.

— Que é feito dos indígenas? — interrogou John Cort.

— Não pudemos lobrigá-los... — respondeu Max Huber.

— No entanto, não devem ter abandonado a orla da floresta!

— Creio que não.

Ao longe, a uma meia légua aproximadamente, distinguia-se uma larga ondulação de sombras que se deslocavam na extensão de uma centena de toesas. Era como que uma enorme vaga cujas volutas se tivessem esboroado com estrépito. Através da camada elástica do solo propagava-se até às raízes dos tamarindos um pesado bater de patas. Ao mesmo tempo os mugidos tomavam uma intensidade espantosa. Escapavam-se daquelas centenas de trombas, como doutros tantos clarins soprados com extrema força, gritos estridentes e berros de timbre metálico.

Os viajantes da África Central comparam com razão este ruído ao que produziria um comboio de artilharia rodando a grande velocidade sobre um campo de batalha. Seja! Mas com a condição de que as trombetas firam os ares com as suas estrídulas notas.

Julgue-se o terror a que se entregava o pessoal da caravana, ameaçado de ser esmagado pela manada de elefantes!...

A caça destes enormes animais apresenta sérios perigos. Quando se consegue surpreendê-los isoladamente e separar do bando a que pertence algum desses paquidermes, ou quando é possível atirar-lhe em condições que assegurem o tiro e atingi-lo entre o olho e a orelha com uma bala que o mate quase instantaneamente, os perigos diminuem consideravelmente. No caso, porém, de o bando ser formado por uma meia dúzia de animais são necessárias as mais sérias precauções e a maior prudência. Perante dez a doze elefantes irritados toda a resistência é impossível, por isso que — diria um matemático — a sua massa é multiplicada pelo quadrado da velocidade.

E se é por centenas que esses formidáveis animais se lançam sobre um acampamento, então nunca será possível detê-los no seu ímpeto, pela mesma razão que se não detém uma avalancha ou um desses macaréus que arremessam os navios para o interior das terras, a muitos quilómetros do litoral.

Todavia, por numerosos que ainda sejam os elefantes, a espécie acabará por desaparecer um dia. Como um elefante traz consigo aproximadamente cem francos de marfim, os caçadores perseguem-nos sem piedade.

Em cada ano, segundo os cálculos de Mr. Foa, não se matam menos de quarenta mil no continente africano, o que produz setecentos e cinquenta mil quilogramas de marfim, expedido para Inglaterra.

Se bem que a duração da sua existência seja considerável, em menos de meio século já não restará nem um só desses animais. Não seria preferível tirar partido de tão preciosos brutos pela domesticação, visto que um elefante é capaz de conduzir a carga de trinta e dois homens e caminhar quatro vezes mais do que eles? Além disso, domesticados, valeriam, como na índia, mil e quinhentos a dois mil francos, em lugar dos cem francos que se lucra com a sua morte.

O elefante africano forma com o asiático as duas únicas espécies existentes. Têm-se estabelecido algumas diferenças entre eles. Se os primeiros são inferiores pela corpulência aos seus congéneres asiáticos, se a sua pele é mais parda e a fronte mais convexa, têm em compensação as orelhas maiores, as defesas mais compridas e mostram instintos mais ferozes, quase indomáveis.

Durante esta expedição, o português e os dois amadores desse desporto apenas haviam tido ocasião para se felicitar. Repetimo-lo, os elefantes são ainda numerosos nas regiões libianas. As paragens do Oubanghi, onde habitam em manadas, normalmente guiados por um macho velho, oferecem-lhes um *habitat* que lhes convém e florestas e planícies pantanosas que apreciam imenso.

Atraindo-os a recintos rodeados por paliçadas, preparando-lhes armadilhas e atacando-os quando isolados,

Urdax e os seus companheiros tinham feito uma boa campanha sem acidentes, senão sem perigos nem fadigas. Mas agora, no caminho do regresso, não parecia que a manada furiosa, cujos gritos atroavam o espaço, ia esmagar na passagem toda a caravana?

O português, que tivera tempo de organizar a defesa ao temer uma agressão de indígenas acampados na orla da floresta, que podia fazer contra essa irrupção? O acampamento em breve seria destroçado e reduzido a pó. Toda a questão se resumia nisto: conseguiria o pessoal salvar-se dispersando-se na planície? Não se esqueça, porém, que a velocidade de um elefante é por tal forma prodigiosa que um cavalo a galope dificilmente o acompanha.

— É preciso fugir, fugir no mesmo instante — gritou Khamis, dirigindo-se ao português.

— Fugir! — exclamou Urdax.

E o infeliz traficante compreendia bem que isso constituía a perda não só do material mas de todo o produto da expedição!

Além disso, salvá-lo-ia o ficar no acampamento? Não seria insensato obstinar-se numa resistência impossível?

Max Huber e John Cort esperavam uma resolução, decididos a submeter-se a ela, qualquer que fosse.

No entanto, a massa aproximava-se com um tal tumulto que no acampamento dificilmente conseguiam fazer-se ouvir uns aos outros.

O *foreloper* repetiu que era preciso afastarem-se o mais rapidamente possível.

— Em que direção? — perguntou Max Huber.

— Na da floresta.

— E os indígenas?

— O perigo é menos de temer lá do que neste ponto — assegurou Khamis.

Como afirmar isto, ao certo? No mesmo sítio é que havia a certeza de ser impossível ficar.

O único meio de evitar o esmagamento era o de se refugiarem no interior da floresta.

Mas haveria tempo para vencer esses dois quilómetros, quando a manada apenas estava a metade, se tanto, dessa distância?

Todos reclamavam uma ordem de Urdax, ordem que ele se não decidia a dar.

Por fim exclamou:

— O carro, o carro! Ponhamo-lo abrigado detrás do cômoro... Talvez fique protegido.

— É tarde — respondeu o *foreloper.*

— Faz o que eu te digo — ordenou o português.

— Impossível — replicou Khamis.

Com efeito, depois de terem despedaçado as peias, os bois de tiro tinham fugido e, endoidados, corriam mesmo ao encontro da enorme manada, que os esmagaria como moscas.

À vista disto, Urdax quis recorrer ao pessoal da caravana.

— Os carregadores que venham cá — gritou ele.

— Os carregadores?... — replicou Khamis. — Seria preciso chamá-los: vão em fuga.

— Cobardes! — exclamou John Cort.

Sim, todos esses negros acabavam de abandonar o acampamento e, carregando uns com os fardos, outros com o marfim, dirigiram-se para oeste. Não contentes em abandonar o seu chefe como traidores, faziam-no também como ladrões.

Já não se podia contar com eles. Encontrariam asilo nas aldeias indígenas e nunca mais voltariam. Da caravana apenas restavam o português e o *foreloper,* o francês, o americano e o rapaz.

— O carro, o carro — repetia Urdax, que teimava em o resguardar detrás do cômoro.

Khamis não pôde deixar de encolher os ombros. Obedeceu, no entanto, e, graças ao concurso de Max Huber e de John Cort, o veículo foi empurrado até junto das árvores. Talvez fosse poupado se a manada se dividisse ao chegar ao grupo de tamarindos.

Mas esta operação levou algum tempo e, quando a terminaram era demasiadamente tarde de mais para que o português e os companheiros pudessem atingir a floresta.

Khamis, que calculou isso rapidamente, apenas pronunciou estas três palavras:

— Para as árvores.

Um único recurso restava ainda: trepar até aos ramos dos tamarindos para evitar, pelo menos, o primeiro choque.

Antes disso, porém, Max Huber e John Cort introduziram-se no carro e, uma vez aí, apoderaram-se de todos os pacotes de cartuchos que restavam, assegurando assim o serviço das carabinas para o caso de ser preciso fazer uso

delas para combater os elefantes, ou para o regresso. Tudo isto fizeram em poucos segundos, secundados pelo português e pelo *foreloper,* o qual tratou de se munir da machadinha e do cantil. Atravessando as baixas regiões do Oubanghi, quem sabe se ele e os seus companheiros conseguiriam ganhar as feitorias da costa?

Que horas eram nessa altura? Onze horas e dezassete minutos, conforme verificou John Cort, depois de ter alumiado o relógio com a chama de um fósforo.

Como o sangue-frio o não abandonara, foi-lhe fácil avaliar a situação, muito perigosa no seu entender e mesmo sem solução se os elefantes passassem pelo cômoro, em lugar de avançar para oeste ou para leste da planície.

Max Huber, mais nervoso, mas tendo igualmente consciência do perigo, ia e vinha junto do carro, observando a enorme massa ondulante que, mais escura, se destacava sobre o fundo do céu.

— O que isto pedia era a artilharia — murmurou ele.

Khamis, esse não deixava transparecer o que sentia.

Possuía a calma extraordinária do africano de sangue árabe, esse sangue mais denso que o dos brancos e também menos vermelho, que embota a sensibilidade e diminui a dor física. Com os dois revólveres à cintura e a sua espingarda pronta a ser posta à cara, esperava.

Quanto ao português, incapaz de ocultar o seu desespero, pensava mais nas irreparáveis perdas de que seria vítima do que nos perigos dessa incursão. Por isso lamentava-se, recriminava-se, prodigalizando as mais ressonantes pragas na língua materna.

Llanga conservava-se junto de John Cort e olhava para Max Huber sem sentir nenhum receio.

Os seus amigos estavam ali, por isso não tinha medo algum.

E, contudo, o barulho ensurdecedor propagava-se com violência prodigiosa, à medida que se aproximava a formidável cavalgada. Os ruídos agudos das possantes queixadas redobravam. Sentiam-se já uns sopros atravessarem o ar como os ventos das tempestades. À distância de quatrocentos a quinhentos pés os paquidermes tomavam na obscuridade dimensões desmarcadas, aparências teratológicas. Dir-se-ia um apocalipse de monstros cujas trombas se convulsionassem como um milhar de serpentes em frenética agitação.

Apenas havia tempo para se refugiarem entre os ramos dos tamarindos. Talvez assim a manada passasse sem ter notado o português e os seus companheiros.

Essas árvores ostentavam o seu topo a uns sessenta pés do solo. Quase semelhantes a nogueiras, bem caracterizados pela caprichosa difusão dos ramos, os tamarindos, espécie de palmeiras, estão muito espalhados nas diferentes zonas da África. Os pretos costumam fabricar com a parte glutinosa dos frutos do tamarindo uma bebida refrigerante, e também, principalmente nas províncias do litoral, usam misturar as vagens dessas árvores com o arroz de que se alimentam.

Os tamarindos estavam bastante próximos uns dos outros. Desta forma, os seus ramos inferiores entrelaçavam-se, permitindo passar de uma para outra árvore. Os troncos mediam na base uma circunferência de seis a oito pés, e junto da ramificação quatro a cinco. Apresentaria, porém, essa espessura uma resistência suficiente se os animais se precipitassem de encontro às árvores?

Os troncos apresentavam uma superfície lisa até às primeiras ramificações, que se estendiam a uns trinta pés do solo. Dada a largura dos troncos, atingir os ramos baixos teria sido difícil se Khamis não tivesse à sua disposição alguns *chamboks*, isto é, correias de couro de rinoceronte, muito flexíveis, que os *forelopers* usam para manter o tiro dos bois.

Com o auxílio de uma dessas correias puderam Urdax e Khamis içar-se a uma das árvores, depois de a terem atirado através da garfada. Empregando do mesmo modo outra correia, Max Huber e John Cort fizeram outro tanto. Assim que se encontraram encavalitados sobre um ramo lançaram a extremidade do *chambok* a Llanga, que em poucas braçadas se achou junto deles.

A manada de elefantes apenas estava a uns trezentos metros. Dentro de dois ou três minutos atingiria o cômoro.

— Caro amigo, está satisfeito? — perguntou ironicamente John Cort ao seu camarada.

— Por enquanto é apenas o imprevisto, John.

— Sem dúvida, Max, mas o que seria extraordinário era que conseguíssemos sair são e salvos deste apuro...

— Sim... pensando bem, mais teria valido não estar exposto a este ataque de elefantes, cujo embate é por vezes brutal...

— É verdadeiramente incrível, meu caro Max, que estejamos de acordo sobre esse ponto — respondeu apenas John Cort.

O que o seu amigo lhe replicou não pôde John Cort ouvir. Nesse momento rebentaram uns rugidos de terror, logo seguidos por outros de dor que fariam estremecer os mais corajosos.

Afastando as folhas, Urdax e Khamis puderam presenciar o que se passava a

uma centena de passos do cômoro. Depois de se terem escapado, os bois não podiam fugir senão na direção da floresta. Mas esses animais, de marcha lenta e compassada, conseguiriam lá chegar antes de serem atingidos? Não, e em breve foram repelidos.

Em vão se defenderam às marradas, aos coices... Caíram por fim. De todo o tiro apenas restava um animal, que por infelicidade se refugiou sob a ramagem dos tamarindos.

Por infelicidade, sim, visto que os elefantes o perseguiram até lá e, por um instinto comum, pararam. Em poucos segundos o boi ficou reduzido a um montão de carnes despedaçadas, de ossos quebrados, restos sangrentos espezinhados pelas patas calosas com unhas de uma dureza de ferro.

O cômoro ficou então como que sitiado. Podiam perder a esperança de ver afastarem-se esses ferozes animais.

Num momento o carro foi empurrado, investido, voltado e esmagado sob as pesadas massas que se comprimiam de encontro às árvores. Espatifaram-no como se fosse um brinquedo de criança... Quer do corpo da carruagem, quer das rodas, nada restava já!...

Dos lábios do português saíram sem dúvida novas pragas, mas não era isso, nem tão-pouco o tiro que Urdax descarregou sobre o mais próximo, cuja tromba se enrolava em volta da árvore, que deteria essas centenas de elefantes. A bala ricocheteou sobre o dorso do animal sem lhe penetrar nas carnes.

Max Huber e John Cort bem viram isto. Admitindo que nenhum tiro falhasse e que cada carabina fizesse uma vítima, talvez que, sendo os terríveis assaltantes em pequeno número, se tivessem podido livrar deles, destruindo-os até ao último. A luz do dia apenas iluminaria então junto dos tamarindos um amontoamento de enormes cadáveres. Mas se fossem trezentos, quinhentos, um milhar destes animais?

Não é raro encontrarem-se semelhantes aglomerações nas regiões da África Equatorial, e os viajantes e traficantes falam por vezes de imensas planícies que os ruminantes de todas as espécies cobrem a perder de vista.

— O caso complica-se — observou John Cort.

— Digamos mesmo que se torna sério — acrescentou Max Huber.

Em seguida, dirigindo-se ao pequeno, encavalitado junto dele:

— Tens medo? — perguntou-lhe.

— Não, meu amigo Max... junto de vós... não! — respondeu Llanga.

E, no entanto, era lícito, não somente a uma criança como aos homens até, sentir o coração invadido por irresistível terror.

Com efeito — já não restava a menor dúvida — os elefantes tinham descoberto entre os ramos baixos o que restava do pessoal da caravana.

O círculo estreitou-se em volta dos tamarindos, empurrados os da primeira fila pelos de trás.

Uns doze destes animais tentaram alcançar os ramos com a tromba erguendo-se sobre as patas traseiras. Por felicidade não puderam chegar à altura de trinta pés.

Soaram simultaneamente quatro tiros de carabina — quatro tiros disparados ao acaso, porquanto era impossível fazer pontaria, justamente para baixo da sombria ramagem dos tamarindos.

Ouviram-se então gritos e urros mais violentos e furiosos. Não era provável contudo que algum dos elefantes tivesse sido atingido mortalmente pelas balas. Além disso, quatro de menos seria o mesmo que nada.

Não era já, porém, aos ramos inferiores que tentavam agarrar-se as trombas, antes, enrolando-as nos troncos das árvores, as abanavam ao mesmo tempo com poderosos embates do corpo. E, na verdade, por mais grossos que fossem os tamarindos na sua base e por mais solidamente que estivessem enraizados no solo, sofreram uns abalos tais que sem dúvida lhes não poderiam resistir.

Soaram novos tiros — dois desta vez —, atirados pelo português e pelo *foreloper,* cuja árvore, sacudida com extraordinária violência, ameaçava próxima queda.

O francês e o seu companheiro, esses não tinham descarregado as armas, ainda que estivessem prontos a fazê-lo.

— Para quê? — tinha dito John Cort.

— Sim, poupemos as munições — concordou Max Huber. — Mais tarde talvez nos viéssemos a arrepender de ter queimado aqui o nosso último cartucho.

Neste momento o tamarindo a que estavam agarrados foi por tal forma sacudido que se ouviu estalar em todo o seu comprimento.

Sem dúvida que o conseguiriam quebrar se, antes disso, o não desenraizassem. Os animais, desesperados, atacavam-no com as presas, dobravam-no com as trombas e faziam-no estremecer até às raízes.

Permanecer mais tempo nessa árvore, um minuto só que fosse, era arriscarem-se a ser arrastados na sua queda para a base do cômoro.

— Venha! — gritou a Urdax o *foreloper,* ao mesmo tempo que tentava ganhar a árvore vizinha.

O português, que tinha perdido a cabeça, continuava a descarregar inutilmente a carabina, cujas balas escorregavam sobre a pele rugosa dos

paquidermes como sobre a crosta de um jacaré.

— Venha — repetiu Khamis.

E, no momento em que o tamarindo era sacudido com redobrada fúria, o *foreloper* conseguiu agarrar-se a um ramo da árvore ocupada por Max Huber, John Cort e Llanga, menos ameaçada que a sua, contra a qual os animais continuavam encarniçados.

— E Urdax? — interrogou John Cort.

— Não quis seguir-me. Já não sabe o que faz...

— O desgraçado vai cair...

— Não podemos deixá-lo acolá... — disse Max Huber.

— É preciso arrastá-lo à força — acrescentou John Cort.

— Já é tarde... — observou Khamis.

Tarde de mais, efetivamente... Quebrado num derradeiro estrépito, o tamarindo abateu sobre o cômoro.

O que sucedeu em seguida ao português não puderam os seus companheiros presenciá-lo... Os gritos indicaram primeiro que se debatia debaixo das patas dos elefantes... mas de pronto cessaram... Estava tudo acabado...

— Desgraçado... Desgraçado!... — murmurou John Cort.

— Em breve iremos nós... — disse Khamis.

— Se assim for, será realmente lamentável — respondeu friamente Max Huber.

— Mais uma vez ainda, caro amigo, estamos de acordo — declarou John Cort.

Que fazer? Os elefantes espezinhavam o cômoro e sacudiam as outras árvores, agitadas como pelo soprar de uma tempestade. Não estava reservado o horrível fim de Urdax àqueles que lhe iam sobreviver talvez alguns minutos apenas? Havia possibilidade de abandonar o tamarindo antes da queda? E, se se arriscassem a descer para ganhar a planície, escapariam à perseguição da manada? Teriam tempo de atingir a floresta? E, além disso, oferecer-lhes-ia ela segurança absoluta? Se os elefantes os não perseguissem aí, não escapariam eles para cair nas mãos de indígenas não menos ferozes?

No entanto, se se apresentasse ensejo de procurar refúgio para além da orla da floresta, era preciso aproveitá-lo sem hesitação. Ordenava a razão preferir um perigo incerto a outro iminente.

A árvore continuava a balouçar e numa das oscilações muitas trombas alcançaram os ramos inferiores. O *foreloper* e os seus companheiros por um triz não foram arrancados da árvore, por tal forma as sacudidelas se tornaram

violentas. Max Huber, receando por Llanga, segurava-o com o braço esquerdo, enquanto se sustinha com o direito. Em poucos instantes, quando as raízes cedessem... ou quando o tronco se quebrasse pela base... E a queda do tamarindo era a morte dos que aí se tinham refugiado, era o terrível esmagamento igual ao do português Urdax!

Sob a ação de mais rudes e frequentes abalos as raízes cederam por fim, o solo ergueu-se e a árvore antes se deitou do que abateu ao longo do cômoro.

— Para a floresta... Para a floresta!... — gritou Khamis.

Na direção em que os ramos dos tamarindos haviam encontrado o solo, o recuo dos elefantes deixara o campo livre. O *foreloper,* cuja voz se fizera ouvir, achou-se em terra num instante. Os três seguiram-no logo na fuga.

Nos primeiros momentos, encarniçando-se contra as árvores que tinham ficado de pé, os elefantes não notaram os fugitivos. Max Huber, com Llanga nos braços, corria tão rápido quanto lho permitiam as suas forças. John Cort conservava-se a seu lado, pronto a carregar por sua vez esse fardo e pronto igualmente a descarregar a carabina sobre o primeiro da manada que lhe ficasse ao alcance.

O *foreloper,* Max Huber e John Cort teriam apenas transposto uns quinhentos metros, quando uns dez elefantes, destacando-se da manada, começaram a persegui-los.

— Coragem! Coragem! — gritou Khamis. — Conservemos o nosso avanço... Chegaremos a tempo!

Sim, talvez, mas era preciso que se não retardassem, e Llanga bem via que Max Huber se fatigava.

— Deixe-me... deixe-me, meu amigo Max! Tenho boas pernas... Deixe-me!...

Mas Max Huber não lhe dava ouvidos e procurava não ficar para a retaguarda.

Transpôs-se um quilómetro sem que os animais ganhassem sensivelmente terreno. Infelizmente a velocidade de Khamis e dos seus companheiros afrouxava e a respiração começava a tornar-se-lhes difícil após essa formidável correria.

No entanto, a floresta achava-se apenas a algumas centenas de passos, e por trás daqueles espessos maciços estava a salvação provável, senão certa.

— Depressa, depressa! — repetia Khamis. — Passe-me agora Llanga, Sr. Max...

— Não, Khamis... Irei até ao fim.

Um dos elefantes já se encontrava a menos de doze metros. Ouvia-se o

resfolegar da tromba e sentia-se o calor do seu bafo.

O solo tremia debaixo dessas patas, que corriam a galope. Mais um minuto e atingiria Max Huber, que com dificuldade se mantinha junto dos companheiros.

Nesse momento, John Cort parou, voltou-se, apontou a arma ao focinho do animal, e, depois de ter visado um instante, fez fogo, ferindo-o, segundo parece, em bom sítio. O elefante caiu fulminado, com o coração atravessado pela bala.

— Um tiro feliz — murmurou John Cort, pondo-se de novo em fuga.

Os outros animais, chegados momentos depois, rodearam a massa estendida no solo. Daí, uma demora de que o *foreloper* e os seus companheiros iam aproveitar.

Depois de ter abatido as últimas árvores do cômoro, a manada não tardaria decerto em precipitar-se na direção da floresta.

Nenhum fogo tinha aparecido ao nível da planície ou nos topos das árvores. Tudo se confundia no perímetro do obscuro horizonte.

Exaustos e arquejantes como estavam, teriam os fugitivos forças para atingir a meta?

— Coragem!... Coragem!... — repetiu Khamis.

Apenas havia a transpor uns cinquenta passos, mas os elefantes estariam a uns quarenta para a retaguarda.

Num supremo esforço — o do instinto da conservação —, Khamis, John Cort e Max Huber alcançaram as primeiras árvores e caíram meio inanimados sobre o solo.

Em vão a manada quis transpor os limites da floresta. As árvores estavam tão reunidas que lhes não permitiam a passagem, e eram de tais dimensões que as não puderam derribar. Vãmente meteram as trombas pelos intervalos e as últimas fileiras debalde empurraram as primeiras.

Os fugitivos já nada tinham a temer dos elefantes, aos quais a Grande Floresta do Oubanghi opunha um obstáculo intransponível.

Capítulo 4 — Resolução Única

Era quase meia-noite. Teriam ainda seis horas de completa obscuridade. Seis longas horas de perigos e de receios. Que Khamis e os seus companheiros estivessem ao abrigo do ataque detrás da insuperável barreira das árvores, era fora de dúvida. Mas, se podiam estar descansados a este respeito, por outro lado ameaçava-os novo perigo.

Não se tinham mostrado durante a noite uns fogos múltiplos na orla da floresta?

Não foram iluminadas as altas ramagens por clarões inexplicáveis? Podia acaso duvidar-se de que um grupo de indígenas tivesse acampado nesse lugar?

Não era lícito temer-se uma agressão contra a qual não havia defesa possível?

— Velemos — propôs o *foreloper,* assim que pôde respirar em seguida a essa extenuante correria, quando o francês e o americano lhe puderam responder.

— Velemos — repetiu John Cort —, e preparemo-nos para responder a um ataque... Os nómadas não podem estar longe... Foi nesta parte da floresta que fizeram o acampamento... Eis aqui os restos de uma fogueira donde se escapam ainda algumas faúlhas.

Junto de uma árvore, a cinco ou seis passos, estavam com efeito uns carvões incandescentes que espalhavam claridade avermelhada.

Max Huber levantou-se e, com a carabina aperrada, penetrou no mato. Khamis e John Cort, ansiosos, estavam prontos a juntar-se a ele se fosse preciso.

A ausência de Max Huber durou três ou quatro minutos. Não vira nada de natureza a inspirar receio de perigo imediato.

— Esta parte da floresta está atualmente deserta — disse ele. — Não há dúvida de que os indígenas a abandonaram. Talvez mesmo tenham fugido quando viram os elefantes.

— É possível — admitiu Khamis —, porque os fogos que nós distinguimos, o Sr. Max e eu, apagaram-se assim que os mugidos se ouviram na direção do norte. Seria com receio ou por prudência? Deviam julgar-se em segurança detrás das árvores? Não encontro explicação.

— Para o que é inexplicável — replicou Max Huber — e a noite não é favorável para explicações. Esperemos pelo dia, mas, confesso, terei dificuldade em me conservar acordado... Fechar-se-me-ão os olhos, mau grado meu.

— Pois o momento é mal escolhido para dormir, meu caro Max — advertiu John Cort.

— Não pode ser pior, de facto, meu caro John, mas o sono não obedece a ordens... Boa noite, até amanhã.

Momentos depois, Max Huber, estendido junto de uma árvore, estava mergulhado em profundo sono.

— Vai deitar-te junto dele, Llanga — ordenou John Cort. — Khamis e eu velaremos até de manhã.

— Basta que fique eu, Sr. John. Está isso nos meus hábitos e aconselho-o a que imite o seu amigo.

Podia confiar-se em Khamis. Não abandonaria nem por um momento a vigilância.

Llanga foi enroscar-se junto de Max Huber. John Cort, esse quis resistir. Durante um quarto de hora, ainda, esteve a cavaquear com o *foreloper.* Ambos falavam do português, ao qual Khamis se afeiçoara desde há muito, e cujas qualidades os seus companheiros tinham apreciado no decurso da expedição.

— O desgraçado — repetiu Khamis — perdeu a cabeça ao ver-se abandonado pelos miseráveis carregadores, saqueado, roubado...

— Pobre homem! — murmurou John Cort.

Foram as últimas palavras que pronunciou. Vencido pela fadiga, estirou-se sobre a erva e adormeceu logo. Khamis velou até ao romper do dia, de olho à espreita, ouvido à escuta, prestando atenção aos menores ruídos, a carabina ao alcance da mão, perscrutando com o olhar a espessa sombra, erguendo-se por vezes para melhor poder sondar as profundidades do bosque à superfície do solo, sempre pronto enfim a acordar os seus companheiros se fosse necessário defenderem-se.

Nalguns pontos já o leitor pôde notar a diferença de caráter que existia entre os dois amigos, o francês e o americano. John Cort era de espírito muito prático e sisudo, qualidades habituais aos homens da Nova Inglaterra. Nascido em Boston, se bem que fosse ianque por origem, revelava-se ianque apenas pelas suas boas qualidades. Além de muito curioso pelas questões de geografia e de antropologia, interessava-se no mais alto grau pelo estudo das raças humanas.

A estes méritos aliava uma grande coragem e teria levado a dedicação pelos seus amigos até ao último sacrifício.

Max Huber, um verdadeiro parisiense no meio dessas regiões longínquas para onde o haviam transportado os acasos da sua existência, não cedia em nada ao seu companheiro, nem na cabeça, nem no coração. De espírito menos prático,

dir-se-ia que «vivia em verso», ao passo que John Cort «vivia em prosa». O seu temperamento lançava-o voluntariamente em busca do extraordinário. Assim, como se deve ter já notado, seria capaz de deploráveis temeridades para satisfazer os seus instintos imaginativos se o seu companheiro o não contivesse.

Esta feliz intervenção tivera muitas ocasiões de se exercer depois da partida de Libreville.

Libreville é a capital do Congo francês. Fundada em 1849 sobre a margem esquerda do estuário do Gabão, conta atualmente 1500 a 1600 habitantes. Aí reside o governador da colónia e, além da sua casa, a cidade não conta três edifícios. O hospital, o estabelecimento dos missionários e, pela parte comercial e industrial, os depósitos de carvão e os armazéns e estaleiros constituem por si toda a cidade.

A três quilómetros desta capital encontra-se a aldeia anexa de Glass, onde prosperam as feitorias alemãs, inglesas e americanas.

Fora lá que, cinco ou seis anos antes, Max Huber e John Cort se tinham conhecido e ligado por firme amizade.

As suas famílias possuíam interesses consideráveis na feitoria americana de Glass, onde ambos ocupavam cargos superiores. Este estabelecimento mantinha-se em plena prosperidade fazendo o tráfico do marfim, dos óleos de mendubi, do vinho de palma e dos diversos produtos da região, tais como: a noz de cola, tónico e vivificante, e a baga de *kaffa*, de tão penetrante aroma e fortificante energia, tanto uma como outra largamente exportada para os mercados da América e da Europa.

Três meses antes, Max Huber e John Cort tinham formado o projeto de visitar o território que se estende a leste do Congo francês e do Camarão. Como caçadores destemidos, não hesitaram em juntar-se a uma caravana prestes a partir de Libreville para essas regiões onde os elefantes abundam, e que se estendem para lá do Bahar-el-Abiad até aos confins do Baghirmi e do Darfur. Ambos conheciam o chefe dessa caravana, o português Urdax, natural de Loango, e que passava, com justa razão, por hábil traficante.

Urdax fazia parte dessa Associação dos Caçadores de Marfim, que Stanley encontrou em Ipoto em 1887-1889 quando voltava do Congo setentrional. Mas o português não partilhava da má reputação dos seus colegas, os quais, na maior parte, sob pretexto de caçar o elefante, se entregavam a morticínios nos indígenas e, como diz o intrépido explorador da África Equatorial, era tinto de sangue humano o marfim que eles obtinham.

Não! Um francês e um americano podiam, sem deslustre, aceitar a

companhia de Urdax, assim como a do *foreloper,* esse Khamis, o guia da caravana, que não devia poupar em nenhuma circunstância o zelo e a dedicação.

Como o leitor sabe, a campanha fora feliz. Já aclimatados, John Cort e Max Huber suportaram com notável tenacidade as fadigas dessa expedição. Voltavam de perfeita saúde, magros um pouco, é certo, quando a sua má estrela se lhes interpôs no caminho do regresso. Agora faltava-lhes o chefe da caravana e separava-os ainda de Libreville uma distância de mais de dois mil quilómetros.

A floresta do Oubanghi, de que eles tinham transposto os limites, justificava a denominação de Grande Floresta que lhe dera Urdax.

Nas partes conhecidas do globo terrestre existem desses espaços, cobertos de milhões de árvores, de dimensões tais que a maior parte dos países da Europa não igualam a sua superfície.

Citam-se entre as mais vastas do mundo as quatro florestas situadas na América do Norte, na América do Sul, na Sibéria e na África Central.

A primeira, prolongando-se na direção setentrional até à baía de Hudson e à península do Lavrador, cobre nas províncias de Quebeque e do Ontário, ao norte de S. Lourenço, uma área cujo comprimento mede dois mil setecentos e cinquenta quilómetros sobre mil e seiscentos de largura.

A segunda ocupa no vale do Amazonas, ao noroeste do Brasil, uma extensão de três mil e trezentos quilómetros em comprimento por dois mil de largura.

A terceira, com quatro mil e oitocentos quilómetros por um lado e dois mil e setecentos do outro, cobre com as suas enormes coníferas, da altura de cento e cinquenta pés, uma porção da Sibéria meridional, desde as planícies da bacia do Obi, a oeste, até ao vale do Indighiska, a leste, região banhada pelo Yenisei, pelo Olank, pelo Lena e o Yana.

A quarta estende-se desde o vale do Congo até às nascentes do Nilo e do Zambeze, numa superfície ainda não determinada, mas que ultrapassa provavelmente a das três anteriores. É aí, com efeito, que se desdobra essa imensa região ignorada que nos apresenta a parte da África paralela ao equador, ao norte do Ogoué e do Congo, numa extensão de um milhão de quilómetros quadrados, isto é, quase duas vezes a superfície da França.

Como o leitor deve estar lembrado, era intenção do português não se aventurar através da floresta, mas sim contorná-la por norte ou por oeste. Demais, como poderiam circular o carro e o seu tiro no meio desse labirinto? Aumentando o itinerário apenas com alguns dias de marcha a caravana seguiria, ao longo da orla da floresta, um caminho mais viável que conduzisse à margem direita do Oubanghi, donde seria fácil alcançar as feitorias de Libreville.

No presente a situação estava modificada. Não havia já os impedimentos de um pessoal numeroso, nem os estorvos de um material embaraçoso. Já não havia carro, nem bois, nem objetos de acampamento. Somente três homens e um rapaz, a quem faltavam os meios de transporte, a quinhentas léguas do litoral do Atlântico.

Que resolução convinha tomar? Optar pelo itinerário indicado por Urdax, mas em condições tão desfavoráveis?

Ou tentar como peões a travessia oblíqua da floresta, caminho que abreviaria o percurso até às fronteiras do Congo francês e em que os encontros com os nómadas seriam menos de recear?

Tal seria a importante questão a tratar e depois a resolver, assim que Max Huber e John Cort acordassem na próxima madrugada.

Durante essas longas horas Khamis ficara de guarda. Nenhum incidente tinha perturbado o repouso dos que dormiam nem feito pressentir uma agressão noturna. Por várias vezes o *foreloper*, com o revólver na mão, se tinha afastado uns cinquenta passos, arrastando-se por entre os tojos, quando nas proximidades se produzia algum ruído de natureza a inquietar a sua vigilância. Mas era apenas o estalido dos ramos mortos, o bater das asas de alguma grande ave através da ramagem, o caminhar de algum ruminante em torno do acampamento ou ainda esses vagos rumores das florestas que produzem as altas ramagens quando agitadas sob a ação dos ventos da noite.

Os dois amigos, assim que reabriram os olhos, puseram-se logo de pé.

— E os indígenas? — perguntou John Cort.

— Não tornaram a aparecer — respondeu Khamis.

— Não deixaram vestígios da sua passagem?

— É provável, Sr. John, e naturalmente junto da orla da floresta...

— Vejamos, Khamis.

E os três, seguidos de Llanga, dirigiram-se para a planície. A uns trinta passos dali começaram a encontrar vestígios: pegadas múltiplas, a erva pisada junto das árvores, pedaços de ramos resinosos meio consumidos, montões de brasas em que brilhavam ainda algumas chispas e umas que outras silvas secas que ainda fumegavam.

Mas, nem debaixo nem sobre os ramos em que, cinco ou seis horas antes, se notavam as chamas em agitado movimento, se descobriu nenhum ser humano.

— Foram-se embora — disse Max Huber.

— Ou pelo menos afastaram-se — respondeu Khamis — e não me parece que sejam para temer...

— Se os indígenas se afastaram — observou John Cort — os elefantes não lhes seguiram o exemplo.

E, de facto, os monstruosos paquidermes vagueavam ainda nas proximidades da floresta. Muitos deles persistiam teimosos em querer arrancar as árvores com vigorosos empurrões. Khamis e os seus companheiros puderam notar que o bosque de tamarindos estava abatido e que o cômoro, desprovido do seu arvoredo, formava apenas uma ligeira tumescência ao nível da planície.

Por conselho do *foreloper,* Max Huber e John Cort evitaram mostrar-se, na esperança de que os elefantes abandonassem aquele sítio.

— Isso permitir-nos-ia voltar ao acampamento — disse Max Huber —, e recolher o que resta do material... talvez algumas caixas de conservas... munições...

— E dar também uma sepultura conveniente ao desgraçado Urdax...

— Não podemos, infelizmente, pensar nisso enquanto os elefantes estiverem junto da floresta — respondeu Khamis. — Além de que, o pouco que restar do material, deve estar reduzido a restos informes.

O *foreloper* tinha razão e, como os elefantes não manifestavam intenção de se retirar, apenas restava decidir o que havia a fazer. Khamis, John Cort, Max Huber e Llanga voltaram, pois, pelo mesmo caminho.

No trajeto, Max Huber teve a felicidade de matar uma peça magnífica, que devia assegurar o alimento por dois ou três dias.

Era um *inyala* macho, espécie de antílope de pelo cinzento misturado de pelos castanhos, animal de grande corpulência, armado de defesas espiraladas e cujo peito e parte inferior do corpo são cobertos por uma peliça espessa. Tinha-o ferido a bala na ocasião em que o animal introduzia a cabeça por entre o mato.

Este *inyala* devia pesar duzentas e cinquenta a trezentas libras. Ao vê-lo cair, Llanga tinha acorrido como um cãozito. Mas, como é fácil prever-se, não pudera carregar com tal peça e tiveram de ir em seu auxílio.

O *foreloper,* muito prático nessas operações, cortou em pedaços o animal e deles guardou os utilizáveis, que foram transportados para junto da fogueira. John Cort deitou-lhe uma braçada de ramos mortos, que em alguns minutos crepitavam. Depois, assim que se formou um leito de carvões incandescentes, Khamis depôs-lhe em cima algumas fatias da apetitosa carne.

Nas conservas e biscoitos, de que a caravana possuía numerosas caixas, já nem se podia pensar porque, sem dúvida, os carregadores tinham levado consigo a maior parte. Por grande felicidade, nas povoadas florestas da África Central,

um caçador que se contente com carnes assadas ou grelhadas pode ter sempre a certeza de se aprovisionar facilmente, desde que não faltem munições. Ora John Cort, Max Huber e Khamis estavam munidos cada um de uma carabina de precisão e de um revólver. Estas armas, manejadas com perícia, deviam prestar-lhes bons serviços, contanto que as cartucheiras estivessem convenientemente providas. Mas, feitas as cantas e apesar de, antes de deixar o carro, eles terem enchido as algibeiras, apenas dispunham de cinquenta tiros. Fraca provisão, deve convir-se, mormente se fossem obrigados a defender-se do ataque das feras ou dos nómadas durante os seiscentos quilómetros que faltavam ainda para atingir a margem direita do Oubanghi. A partir desse ponto, Khamis e os seus companheiros deviam poder-se abastecer facilmente, já nas aldeias, já nos estabelecimentos dos missionários, já mesmo a bordo das flotilhas que descem o grande tributário do Congo.

Depois de se terem restaurado com a carne do *inyala* e refrescado com a límpida água de um ribeiro que serpeava por entre as árvores, trataram os três da resolução que convinha tomar.

Primeiramente, porém, John Cort expôs o seguinte, dirigindo-se a Khamis:

— Até agora, Urdax foi o nosso chefe. Encontrou-nos sempre prontos a seguir os seus conselhos, porque tínhamos confiança nele. Essa mesma confiança nos inspira agora, Khamis, pelo seu caráter e experiência... Diga-nos o que julga conveniente fazer na situação em que nos encontramos e desde já pode estar certo de que concordaremos.

— Com certeza — acrescentou Max Huber —, nunca haverá desacordo entre nós...

— São-lhe conhecidas estas paragens, Khamis — acrescentou John Cort. — Há já bastantes anos que conduzis as caravanas com uma dedicação que tivemos ocasião de apreciar. É para a vossa dedicação e lealdade que apelamos, e estou certo de que nem uma nem outra nos faltarão.

— Sr. John, Sr. Max, podem contar comigo — respondeu simplesmente o *foreloper.*

E apertou as mãos dos dois amigos, às quais se juntou a de Llanga.

— Qual é a sua opinião — perguntou John Cort. — Devemos ou não renunciar ao projeto de contornar a floresta por oeste?

— Devemos atravessá-la — respondeu sem hesitar o *foreloper*. — Não ficaremos expostos a maus encontros. Feras, talvez, mas indígenas não. Pahouins, Denkas, Founds ou Boudjos, nenhuma destas tribos do Oubanghi se atreveu ainda a penetrar no interior. Os perigos são para nós maiores na planície,

principalmente por parte dos nómadas. Nesta floresta, em que uma caravana não poderia embrenhar-se com os seus animais, podem muito bem encontrar passagem três homens a pé. Dirigimo-nos, repito, para sudoeste, e tenho boas esperanças de chegar sem erro aos rápidos do Zongo.

Estes rápidos intercetam o curso do Oubanghi no ângulo que este rio faz ao passar da direção oeste para a direção sul. A dar crédito aos viajantes, é até lá que a Grande Floresta prolonga a sua ponta extrema. Bastaria então seguir as planícies no paralelo do equador, e, graças às caravanas muito numerosas nesta região, os meios de abastecimento seriam frequentes.

A opinião de Khamis era razoável. Além disso, o itinerário que ele propunha devia abreviar o caminho até ao Oubanghi. Toda a dúvida residia na natureza dos obstáculos apresentados por esta profunda floresta.

Quanto a carreiros praticáveis, nem sequer pensar se podia na sua existência, a não ser algumas passagens de animais selvagens, búfalos, rinocerontes e outros mamíferos pesados. Quanto ao solo, estaria embaraçado por matagais que necessitariam o emprego do machado, quando, afinal, o *foreloper* estava reduzido à sua machadinha e os seus companheiros às facas de mato. No entanto, não haveria que sofrer grandes atrasos durante a marcha. Depois de ter levantado essas objeções, John Cort pôs de parte hesitações. Relativamente à dificuldade de se orientar sob as árvores de que o sol, mesmo no zénite, a custo rompe a coma espessa, era inútil preocupar-se.

Com efeito, uma espécie de instinto semelhante ao dos animais — instinto inexplicável, peculiar a algumas raças de homens — permite, entre outros, aos Chineses e a muitas tribos selvagens do Far West, guiarem-se pelo ouvido e pelo olfato mais do que pela vista, e orientarem-se assim por certos indícios. Khamis possuía essa faculdade de orientação num elevado grau. Tinha disso dado, por vezes, provas decisivas.

O francês e o americano podiam fiar-se quase absolutamente nesta aptidão antes física que intelectual, pouco sujeita a erros e para a qual não era necessária a observação do sol.

Quanto aos outros obstáculos que oferecia a travessia da floresta, eis o que respondeu o *foreloper*:

— Sr. John, eu sei que encontraremos em vez de carreiros um solo obstruído por espinheiros, ramos mortos, árvores caídas de velhice, enfim só obstáculos pouco fáceis de vencer. Mas, podeis admitir que uma tão vasta floresta não seja cortada por alguns cursos de água, que não podem deixar de ser afluentes do Oubanghi?

— Mesmo que não fosse senão o que corre perto do cômoro — observou Max Huber —, que se dirige para a floresta e que certamente se transformaria em rio, esse nos bastaria. Neste caso, uma jangada que nós construíssemos... alguns troncos ligados...

— Não vamos tão depressa, caro amigo — disse John Cort —, e não se deixe arrebatar pela sua imaginação à superfície desse rio... imaginário...

— O Sr. Max tem razão — afirmou Khamis. — Lá para a tarde havemos de encontrar um curso de água que deve lançar-se no Oubanghi.

— De acordo — replicou John Cort —, mas é que nós não conhecemos esses rios da África, dos quais a maior parte é inavegável.

— Apenas vê dificuldades, meu caro John.

— Vale mais prevenir que remediar, meu caro Max.

Tinha razão John Cort. As ribeiras e os rios da África não oferecem as mesmas vantagens que os da América, da Ásia ou da Europa. São quatro os principais: o Nilo, o Zambeze, o Congo e o Níger, rios estes alimentados por numerosos afluentes e cuja bacia forma uma rede líquida considerável. Apesar dessa disposição natural, apenas facilitam muito deficientemente as expedições ao interior do continente negro. Segundo as narrações dos viajantes cuja paixão de descobridores conduziu através desses imensos territórios, os rios africanos não poderiam de modo algum ser comparados ao Mississípi, ao Volga, ao S. Lourenço, ao Irraouaddy, ao Bramaputra, ao Ganges ou ao Indo. O volume das suas águas é muitíssimo menos abundante quando o percurso iguala o dessas possantes artérias e, a alguma distância do montante da foz, deixam de ser navegáveis para navios de média tonelagem.

Além disso, cortam-nos baixios, cataratas e quedas de água, que os atravessam de uma margem à outra, assim como rápidos de violência tal que nenhum navio ousa passá-los.

É esta uma das razões que tornam a África tão refractária aos esforços tentados até hoje.

A objeção de John Cort tinha pois seu valor e Khamis não podia ignorá-lo. Mas, em todo o caso, não era de natureza a fazer rejeitar o projeto do *foreloper,* que por outro lado oferecia vantagens reais.

— Se encontrarmos um curso de água — respondeu ele — descê-lo-emos enquanto não for embaraçado por obstáculos... Se for possível contornar esses obstáculos, contorná-lo-emos... No caso contrário, pôr-nos-emos de novo em marcha.

— Estou também — declarou John Cort — em absoluta concordância com a

sua opinião e penso que nos é de toda a vantagem dirigirmo-nos em direção ao Oubanghi seguindo um dos seus tributários, se for possível.

Ao ponto a que a discussão tinha chegado apenas havia duas palavras a acrescentar:

— A caminho!... — exclamou John Cort, corroborado pelos seus companheiros.

Na realidade, este projeto convinha a Max Huber: internar-se no interior da imensa floresta, não penetrada até então e quem sabe se impenetrável... Talvez lá encontrasse enfim esse extraordinário que havia três meses procurava em vão nas regiões do alto Oubanghi.

Capítulo 5 — Primeiro Dia de Marcha

Eram pouco mais de oito horas quando John Cort, Max Huber, Khamis e Llanga se puseram em marcha na direção do sudoeste. A que distância apareceria o curso de água que tencionavam seguir até à sua confluência com o Oubanghi? Nenhum deles o poderia dizer. E, no caso de ser aquele que parecia dirigir-se para a floresta depois de ter contornado o cômoro dos tamarindos, não se afastaria ele para leste sem a atravessar? E se o leito fosse impedido por rochas, rápidos ou outros obstáculos semelhantes, a ponto de o tornar inavegável? Por outro lado, se nessa imensa aglomeração de árvores não existissem carreiros, ou pelo menos passagens abertas pelos animais através do mato, como é que os peões poderiam abrir caminho sem empregar o ferro e o fogo? E, nas regiões frequentadas pelos grandes quadrúpedes, encontraria Khamis o solo desembaraçado, as moitas espezinhadas e as trepadeiras partidas, enfim o caminho livre?

Llanga, apesar de John Cort lhe ter recomendado que não se afastasse, corria adiante como ágil furacão.

Mas, quando o perdiam de vista, ouviam-no gritar com a sua voz vibrante:

— Por aqui, por aqui!...

E os três reuniam-se-lhe, seguindo as abertas deixadas à sua passagem.

O instinto do *foreloper* interveio vantajosamente quando foi preciso orientarem-se naquele labirinto. Além disso, pelos intervalos da folhagem era possível observar a posição do sol. Estava-se então no mês de março, e à hora da sua culminação o astro subia quase até ao zénite, que nessa latitude ocupa a linha do equador celeste.

No entanto, a folhagem aumentava por tal forma de espessura que a custo uma meia claridade iluminava esses milhares de árvores. Em tempo encoberto devia reinar quase a obscuridade e de noite tornava-se impossível qualquer caminhada. Na verdade, a intenção de Khamis era fazer alto desde a tarde até de manhã, escolher abrigo junto dalgum tronco em caso de chuva, e não acender fogo senão o estritamente necessário para preparar a caça abatida de manhã ou de tarde. Se bem que a floresta não devesse ser frequentada pelos nómadas — não se observavam vestígios dos que tinham acampado na orla da floresta —, era preferível não trair a sua presença pelo brilho de um fogo. Algumas brasas ardentes colocadas sob as cinzas deviam bastar para a cozinha e nada havia a

temer do frio em tal época da estação africana.

Com efeito, a caravana sofrera já com os calores ao percorrer as planícies da região intertropical. O calor atingia aí um grau elevadíssimo. Ao abrigo das árvores, Khamis, John Cort e Max Huber estariam menos expostos, e as condições em que tinham de efetuar o longo e penoso percurso que as circunstâncias lhes impunham seriam mais favoráveis.

Claro está que durante as noites, impregnadas do calor do dia, não havia nenhum inconveniente em se deitarem ao ar livre, desde que o tempo estivesse seco. Nessa região, em que todas as estações são pluviosas, a chuva era, na realidade, o que mais havia a temer. Na zona equinocial sopram os ventos alisados que aí mesmo se neutralizam. Resulta deste fenómeno climatérico que, estando em geral a atmosfera calma, as nuvens resolvem os seus condensados vapores em intermináveis chuvadas.

No entanto, havia uma semana que o céu se vinha limpando em redor da lua, e como o satélite terrestre parece ter certa influência nos fenómenos meteorológicos, talvez se pudesse contar com uns quinze dias não perturbados pela luta dos elementos.

O solo da floresta que, mais para o sul, seria sem dúvida pantanoso, era muito firme na parte que descia em declive suave para as margens do Oubanghi e atapetado com erva alta e farta que tornava, quando não pisada pelos animais, o caminhar lento e difícil.

— É pena — observou Max Huber — que os nossos elefantes não tenham podido penetrar até aqui. Quebrariam as trepadeiras, rasgariam as moitas, aplainariam os carreiros, esmagariam os ramos...

— E nós juntamente — interrompeu John Cort.

— Com toda a certeza — afirmou o *foreloper.* — Contentemo-nos, pois, com o que os búfalos e os rinocerontes fizeram... Onde eles conseguiram passar encontraremos nós caminho.

Além disso, Khamis conhecia as florestas da África Central por ter várias vezes percorrido as do Congo e do Camarão. Compreende-se pois que estivesse apto a falar das numerosas árvores de essências naturais que abundavam nessa floresta. John Cort interessava-se pelo estudo daqueles magníficos espécimes do reino vegetal, dessas fanerogâmicas de que se registam tantas espécies entre o Congo e o Nilo.

— E depois — dizia ele —, há algumas utilizáveis e suscetíveis de variar o monótono *menu* dos grelhados.

Sem falar dos gigantescos tamarindos reunidos em grandes maciços, os

baobás e as mimosas, de um desenvolvimento extraordinário, ostentavam as suas comas a uma altura de cento e cinquenta pés. A vinte e a trinta metros elevavam-se certos espécimes da família das euforbiáceas, de ramos espinhosos e folhas de seis a sete polegadas de largura, forradas de uma casca de substância leitosa e cuja noz, quando o fruto está maduro, explode, projetando as sementes dos seus dezasseis compartimentos. E mesmo que não possuísse o instinto da orientação, Khamis poderia ter-se guiado pelas indicações da *sylphinum lacinatum*, pois que as folhas primárias deste arbusto voltam-se de maneira a apresentar uma das faces a leste e outra a oeste.

Na verdade, um brasileiro perdido nestes profundos maciços julgar-se-ia no meio das florestas virgens da bacia do Amazonas. Enquanto Max Huber se impacientava contra os espinheiros anões que eriçavam o solo, John Cort não se cansava de admirar esse tapete verdejante farto e unido em que se multiplicavam o *phrynium,* os *aniomes* e os fetos de vinte espécies, que era preciso afastar do caminho.

E, nessas árvores, quantas variedades de madeiras rijas e brandas! Estas, como o faz notar Stanley na sua *Voyage dans les Ténèbres de l'Afrique,* substituem o pinheiro e o abeto das regiões hiperbóreas. Os indígenas constroem, com as suas largas folhas, cabanas para abrigo provisório num acampamento de alguns dias. Além destas, a floresta possuía ainda um grande número de tecas, acajus, corações-verdes, árvores-de-ferro, campeches de natureza imputrescível, copais de aspeto soberbo, mangueiras arborescentes, sicómoros que podiam rivalizar com os mais belos da África Central, laranjeiras em estado selvagem, figueiras de tronco branco como se fora caiado, *supafous* colossais, e outras árvores de todas as espécies.

Na realidade, estes múltiplos produtos do reino vegetal não estão tão juntos que prejudiquem o desenvolvimento da sua ramagem sob a influência de um clima tão quente como húmido. Haveria mesmo espaço para a passagem dos carros de uma caravana, se entre as suas bases se não estendessem cabos medindo um pé de espessura — cipós intermináveis, cujos meandros se enrolavam em volta dos troncos como serpentes. Entrecruzavam-se por toda a parte grinaldas caprichosas e festões ininterruptos dos maciços aos arbustos, numa confusão tal que é difícil descrevê-la. Nem um só ramo que não estivesse reunido ao ramo vizinho, nem um só tronco que não fosse enredado por essas longas cadeias vegetais, algumas das quais pendiam até ao solo como estalactites de verdura! Nem uma casca rugosa que não fosse atapetada por musgos espessos

e aveludados, sobre os quais corriam milhares de insetos de asas sarapintadas de ouro!

E das mínimas profundezas da folhagem escapava-se um concerto de gorjeios e de murmúrios, aqui gritos, acolá cantos que se soltavam desde a manhã até à noite.

Os cantos eram miríades de bicos que os lançavam em gorjeios, trilos e trinados mais variados e agudos que os de um assobio de contramestre a bordo de um navio de guerra. Todo este ensurdecedor mundo alado de papagaios, de poupas, de mochos, de esquilos voadores, de melros, de periquitos, sem falar do pássaro-mosca, se aglomerava como enxame de abelhas nos ramos altos.

Os gritos eram os de uma colónia simiesca em tumultuoso concerto, de babuínos de pelo acinzentado, *colobes*-de-capuz, grenuchos de pele negra, chimpanzés, mandris e gorilas: os mais vigorosos e temíveis macacos da fauna africana.

Até então, ainda que em bandos, estes quadrúmanos não tinham esboçado qualquer manifestação hostil contra Khamis e os seus companheiros, os primeiros homens, sem dúvida, que eles topavam no fundo dessa floresta da África Central. Havia razões para crer, com efeito, que até então nenhuns entes humanos se tinham aventurado sob aqueles maciços. Por isto, da parte da gente simiana havia mais curiosidade do que cólera. Nas outras partes do Congo e do Camarão não teria sucedido o mesmo. Desde há muito que o homem fez aí a sua aparição. Os caçadores de marfim, aos quais centenas de bandidos, indígenas ou não, prestam o seu concurso, são já conhecidos pelos macacos, testemunhas há muito tempo das devastações exercidas por esses aventureiros à custa de tantas vidas humanas!

Após uma primeira paragem, pelo meio-dia, fez-se uma segunda às seis horas da tarde. A presença de inextricáveis redes de cipós tornava o caminho por vezes realmente dificultoso. Cortá-los ou parti-los constituía um penoso trabalho. No entanto, numa grande extensão do percurso encontraram-se carreiros mais particularmente pisados pelos búfalos, de que se avistaram alguns por detrás das moitas — entre outros, os *onjas,* de grande corpulência.

Estes ruminantes não deixam de ser temíveis em virtude da sua prodigiosa força, e os caçadores devem evitar ser perseguidos quando os atacam. O melhor meio de os matar é acertar-lhe entre os dois olhos, não muito baixo, para que o tiro seja fulminante.

John Cort e Max Huber nunca haviam tido ocasião de pôr em campo a sua

perícia contra esses *onjas*, que até então se tinham conservado fora do alcance.

Além disto, como a carne de antílope não faltava, convinha poupar as munições. Não deviam pois despender um único tiro de espingarda, a menos que se não tratasse da defesa pessoal ou da necessidade de prover ao sustento quotidiano.

Foi na orla de uma pequena clareira, junto de uma árvore que ultrapassava em altura o bosque circunvizinho, que na tarde desse dia Khamis deu o sinal de paragem. A seis metros do solo estendia-se a folhagem verde-acinzentada, misturada de flores cuja lanugem esbranquiçada caía como neve em volta do tronco de casca prateada. Era um desses algodoeiros africanos cujas raízes se dispõem em arcos de círculo e sob as quais facilmente se pode encontrar abrigo.

— A cama já está feita! — exclamou Max Huber. — Não tem colchão de arame, é verdade, mas vamos estrear este de algodão.

Aceso o fogão com o fuzil e isca de que Khamis se tinha munido em abundância, trataram de cozinhar uma refeição semelhante à primeira da manhã e à segunda do meio-dia. Infelizmente, porém, faltava o biscoito que substituíra o pão durante a campanha, e não havia maneira de o reaver. Contentaram-se, pois, com os grelhados, que, afinal, satisfizeram plenamente os apetites.

Finda a ceia e antes de se ir deitar entre as raízes do algodoeiro, John Cort disse ao *foreloper:*

— Se não me engano, temos marchado sempre na direção do sudoeste.

— Temos, sim — confirmou Khamis. — Sempre que lobriguei o sol, verifiquei a direção...

— De quantas léguas calcula que fossem as nossas caminhadas de hoje?

— De quatro a cinco, Sr. John, e, se continuarmos assim, em menos de um mês havemos de alcançar as margens do Oubanghi.

— Bem — replicou John Cort. — Mas não será prudente contar com as contrariedades que possam sobrevir?

— E também com os casos felizes — tornou Max Huber. — Quem sabe se viremos a descobrir algum curso de água que nos permita viajar sem fadiga...

— Até agora, caro Max, não me parece que...

— É que estamos pouco avançados para sudoeste — afirmou Khamis — e não ficaria bastante surpreendido se amanhã, o mais tardar depois de amanhã...

— Procedamos como se não tivéssemos de encontrar nenhum rio — sugeriu John Cort. — Afinal de contas, uma viagem de trinta dias, se as dificuldades não forem mais consideráveis do que foram na primeira jornada, não é coisa para assustar dois caçadores africanizados como nós somos.

— Além de que receio bastante — acrescentou Max Huber — que esta misteriosa floresta seja totalmente desprovida de mistério!

— Tanto melhor, Max!

— Tanto pior, John. Vá, Llanga, vamos dormir.

— Sim, meu amigo Max — respondeu o pequeno, a quem o sono, motivado pelas fadigas da longa caminhada, durante a qual nunca quisera ficar para trás, obrigava a fechar os olhos involuntariamente.

Por isso foi preciso transportá-lo para entre as raízes do algodoeiro e acomodá-lo bem no melhor canto.

O *foreloper* oferecera-se para velar durante toda a noite, mas os seus companheiros não lho consentiram. Por excesso de precaução render-se-iam de três em três horas, embora as proximidades da clareira não parecessem suspeitas. Mas era prudente conservarem-se de vigia até ao despontar da manhã.

Foi Max Huber quem fez o primeiro quarto, enquanto John Cort e Khamis se estendiam sobre a branca lanugem caída da árvore.

Max Huber, apoiado a uma das raízes, com a carabina carregada ao alcance da mão, entregou-se aos encantos dessa tranquila noite. Nas profundezas da floresta todos os ruídos que acompanham o dia tinham cessado. Por entre as ramagens passava apenas um sopro regular, como que a respiração das árvores adormecidas. Os raios da lua, muito aproximada do zénite, filtrando-se pelos intervalos da folhagem, zebravam o solo de ziguezagues prateados. Para lá da clareira as profundezas da floresta iluminavam-se também com o brilho das irradiações lunares. Muito sensível a essa poesia da natureza, Max Huber saboreava-a, aspirava-a por assim dizer, e, embora se conservasse acordado, parecia-lhe, por vezes, que sonhava. Imaginava-se o único ser vivo no seio daquele mundo vegetal! Mundo vegetal! Eis o que a sua imaginação fazia dessa grande floresta do Oubanghi.

«Para penetrar», pensava ele, «os mais íntimos segredos do Globo e descobrir os seus últimos mistérios será preciso aventurarmo-nos até aos extremos do seu eixo? Para que tentar a conquista dos dois pólos a preço de terríveis perigos e na certeza de encontrar obstáculos, talvez insuperáveis?... Que resultaria daí? A solução de alguns problemas de meteorologia, de eletricidade, de magnetismo terrestre! E este resultado merecerá que se juntem tantos nomes à necrologia dos países austrais e boreais? Não seria mais útil e mais curioso que, em vez de correr os mares árticos e antárticos, se penetrassem nas profundezas infinitas destas florestas, procurando vencer a sua feroz impenetrabilidade? Como! Pois existem tantos exploradores na América, na Ásia e na África, e

nenhum, até hoje, teve a ideia de fazer delas o seu campo de descobertas nem a coragem de se lançar através deste meio desconhecido? Ninguém ainda conseguiu arrancar a essas árvores a chave do seu enigma, como os antigos faziam aos velhos castanheiros de Dodone... Não tiveram razão os mitologistas em povoar as suas florestas de faunos, de sátiros, de dríades, de hamadríades e de ninfas imaginárias? Além disso, restringindo-se aos dados da ciência moderna, acaso se não pode admitir a existência de seres desconhecidos adaptados às condições do *habitat* dessas imensas florestas?... A Gália Transalpina não abrigava, na época druídica, povos meio selvagens como os Celtas, os Germanos, os Lígures e centenas de tribos, cidades e aldeias com os seus hábitos particulares, costumes pessoais e uma originalidade nativa no interior dessas florestas, cujos limites só a grande custo a omnipotência romana conseguiu ultrapassar?»

Assim pensava Max Huber.

Ora, não era precisamente nas regiões da África Equatorial que a lenda supunha existirem seres quase fabulosos num grau inferior da humanidade? E a floresta do Oubanghi, acaso não seria vizinha a leste dos territórios reconhecidos por Schweinfurth e Junker, como o reino dos Niam-Niam, esses homens com cauda, os quais, seja dita a verdade, não possuem nenhum apêndice caudal? Não tinha Henry Stanley encontrado na África, ao norte do Itury, esses Bambustis, pigmeus de menos de um metro, perfeitamente constituídos, de pele luzente e fina e grandes olhos de gazela, de que o missionário inglês Alberto Lhyd encontrou entre o Oubanghi e Cabinda mais de dez mil, obedecendo a um chefe, abrigados sob a ramagem ou escarranchados nas grandes árvores? E nas florestas do Ndouquorbocha, depois de ter visitado Ipoto, não tinha atravessado cinco aldeias abandonadas na véspera pelos seus habitantes liliputianos? Não se tinha ele encontrado na presença dos Ouambouttis, Batinas, Akkas e Bazoungous, cuja estatura não vai além de 130 centímetros, reduzida mesmo para alguns dentre eles a 92 e de um peso inferior a 40 quilogramas? E, no entanto, não eram essas tribos inteligentes, industriosas, guerreiras e temidas, pelas suas pequenas armas, tanto pelos animais como pelos homens, e muito receadas pelos povos agrícolas da região do alto Nilo?

Por isso, levado pela sua imaginação e amor pelas coisas extraordinárias, Max Huber obstinava-se em crer que a floresta do Oubanghi devia encerrar tipos estranhos de que os etnógrafos não suspeitavam a existência... E porque não seres humanos com um só olho como os Ciclopes da fábula, ou cujo nariz, alongado em forma de tromba, permitisse classificá-los, senão na ordem dos

paquidermes, pelo menos na família dos proboscídeos?

Max Huber, sob a influência dessas divagações científico-fantasistas, esquecia por completo o seu papel de sentinela. O inimigo ter-se-ia aproximado dele sem ser avistado a tempo de Khamis e John Cort poderem pôr-se na defensiva.

Neste ponto das suas lucubrações sentiu uma mão apoiar-se-lhe no ombro.

— Eh!... Que é lá? — exclamou ele sobressaltado.

— Sou eu — respondeu o seu companheiro —, não me vá tomar por algum selvagem do Oubanghi!... Nada de suspeito?

— Nada...

— São horas de ir repousar, caro Max.

— Seja, mas admirar-me-ei bastante se os sonhos que vou ter, dormindo, valerem os que fiz, mesmo acordado!...

A primeira parte dessa noite não fora perturbada. A restante, em que John Cort substituiu Max Huber e Khamis rendeu John Cort, passou-se também em completo sossego.

Capítulo 6 — Sempre na Direção Sudoeste

No dia seguinte, 11 de março, perfeitamente restaurados das fadigas da véspera, John Cort, Max Huber, Kharnis e Llanga prepararam-se para afrontar as do segundo dia de marcha.

Deixando o abrigo do algodoeiro, deram uma volta em torno da clareira, saudados por miríades de pássaros que enchiam o espaço de variações e trinados ensurdecedores capazes de despertar a inveja às Patti e outros virtuosos da música italiana.

Antes de se porem em marcha tomaram uma primeira refeição — era conveniente não partir em jejum —, que consistiu unicamente de carne fria de antílope e da água do cantil do *foreloper,* cheio num ribeiro que coleava à esquerda.

A caminhada começou pela direita, sob a ramagem que os raios do sol — cuja posição foi observada cuidadosamente — atravessavam aqui e acolá.

Esta parte da floresta devia ser frequentada por poderosos quadrúpedes. As passagens multiplicavam-se em todos os sentidos. E, de facto, no decurso da manhã avistou-se um certo número de búfalos e até dois rinocerontes, que se conservavam à distância. Como não fossem, porém, de índole belicosa, não houve ocasião de despender cartuchos, repelindo um ataque.

O pequeno grupo só parou lá para o meio-dia, depois de ter percorrido uns bons doze quilómetros.

Nesse local pôde John Cort abater um par de abetardas da espécie dos *korans,* que vivem nos bosques, voláteis de plumagem negra de azeviche sob o ventre. A carne, que é muito apreciada pelos indígenas, inspirou desta vez a mesma estima a um francês e a um americano na refeição do meio-dia.

— Peço que se substitua o assado ao grelhado — tinha no entanto dito Max Huber.

— Nada mais fácil — apressara-se em responder o *foreloper.*

E uma das abetardas, depenada, preparada e espetada numa vara, depois de bem assada a uma chama viva e crepitante, foi devorada com bom apetite.

Khamis e os seus companheiros puseram-se de novo em marcha, mas em condições mais penosas que as da véspera.

À medida que avançavam para sudoeste os carreiros iam rareando.

Era preciso abrir caminho através das moitas, tão resistentes como os cipós, cujos troncos tiveram de ser cortados com a faca. Uma chuva bastante forte caiu durante muitas horas. Mas era tal a espessura da ramagem que o solo apenas recebia algumas gotas. No entanto, no meio de uma clareira, Khamis pôde, felizmente, encher o cantil, já meio vazio. Em vão tinha o *foreloper* procurado qualquer veio de água sob as ervas. Era disso provavelmente que provinha a ausência de animais e de caminhos praticáveis.

— Isto não denuncia de forma alguma a proximidade de um curso de água — declarou John Cort quando se instalaram para o descanso da tarde.

Donde se impunha a seguinte consequência: o ribeiro que corria não longe do cômoro dos tamarindos limitava-se a contornar a floresta.

No entanto, a direção tomada até então não devia ser abandonada, tanto mais que os levaria à bacia do Oubanghi.

— Demais — observou Khamis —, à falta do curso de água que avistámos anteontem no acampamento, podemos ainda vir a encontrar qualquer outro nessa direção.

A noite de 11 para 12 de março não se passou entre as raízes de um algodoeiro, mas sim no sopé de uma árvore não menos gigantesca: um bômbax, cujo tronco simétrico se elevava nu até à altura de cem pés acima do espesso tapete do solo.

Estabelecida a vigilância como de costume, o sono não devia ser perturbado senão por alguns rugidos longínquos de búfalos e rinocerontes. Não era de temer que o rugido do leão se misturasse a esse concerto noturno. Estas temíveis feras não habitam as florestas da África Central. São hóspedes de regiões mais elevadas em latitude, quer seja para lá do Congo para o sul, quer no limite do Sudão, nas vizinhanças do Sara. Os bosques espessos não convêm ao caráter caprichoso e à marcha independente do rei dos animais — rei de autoridade e não rei constitucional. Precisa de espaços mais vastos, de planícies inundadas de sol, onde possa saltar com toda a liberdade.

Assim como os rugidos do leão, também os urros do hipopótamo não se fizeram ouvir — o que era lamentável, convém notar, porque a presença desses mamíferos anfíbios teria indicado a proximidade de um curso de água.

No dia seguinte, partida de madrugada por tempo sombrio, e um tiro de carabina de Max Huber, que abateu um antílope do tamanho de um burro ou, mais exatamente, de uma zebra, tipo colocado entre o burro e o cavalo. Era um órix, de pele cor de vinho, apresentando algumas listas desenhadas regularmente. O órix é zebrado por uma faixa negra desde a nuca até à cauda, ornado de

manchas pretas nas pernas, cujo pelo é esbranquiçado, munido de uma cauda preta, que arrasta bastante pelo chão, e adornado com uma porção de pele negra no pescoço. É um belo animal de armas de um metro de comprimento, guarnecidas com trinta anéis na base, arqueadas com elegância e apresentando uma simetria de formas de que a natureza apresenta poucos exemplos.

No órix, os chifres constituem uma arma defensiva, que nos países do Norte e do Sul da África lhe permite resistir mesmo ao ataque do leão. Mas nesse dia o animal visado pelo caçador não pôde resistir à bala que lhe foi magnificamente enviada e caiu ao primeiro tiro com o coração atravessado.

Era a alimentação assegurada por muitos dias. Khamis tratou de cortar em bocados o animal, trabalho que lhe levou uma hora. Depois, dividindo entre si essa carga, de que Llanga reclamou a sua parte, puseram-se de novo em marcha.

— Na verdade — observou John Cort —, a carne aqui é baratíssima: custa somente um cartucho...

— Com a condição de se ser hábil... — replicou o *foreloper.*

— E feliz também — acrescentou Max Huber, mais modesto do que o são em geral os seus colegas em caça alta.

Até ali, Khamis e os seus companheiros tinham podido poupar a pólvora e o chumbo, que apenas empregavam para caçar. Aquele dia, porém, não devia terminar sem que as carabinas tivessem de servir para a defesa do grupo.

Durante um bom quilómetro o *foreloper* julgou mesmo ter de repelir o ataque de um bando de macacos, que seguiam à direita e à esquerda de uma extensa passagem, uns saltando de ramo em ramo e de árvore em árvore, outros pulando e passando por sobre as moitas com saltos prodigiosos, capazes de despertar inveja aos mais ágeis ginastas.

Havia entre eles diversas espécies de quadrúmanos de grande estatura, cinocéfalos de três cores: amarelos como os árabes, vermelhos como os índios do Far West e pretos como os indígenas da Cafraria, que chegam a ser temidos por certas feras. Viam-se também, careteando, diversos tipos desses *colobes,* verdadeiros dândis, incessantemente ocupados em pentear e alisar com a mão essa manta branca que lhes valeu o nome de *colo* b£5-de-capuz.

Esta escolta, que se lhes havia reunido depois da refeição do meio-dia, desapareceu, no entanto, lá para as duas horas, quando Max Huber, John Cort, Khamis e Llanga seguiam por um carreiro, bastante largo, que se estendia a perder de vista.

Se é verdade que tiveram ensejo de se regozijar pelas vantagens que esse

caminho, facilmente praticável, oferecia, também é certo que tiveram de lamentar o encontro dos animais que o frequentavam.

Eram dois rinocerontes, cujo rugir prolongado ecoou não muito distante um pouco antes das quatro horas. Khamis, vendo logo do que se tratava, ordenou aos seus companheiros que parassem.

— São ferozes a valer, estes rinocerontes — avisou ele, pegando na carabina que levava a tiracolo.

— Bem ferozes — concordou Max Huber —, e, no entanto, são apenas herbívoros.

— Quem têm a vida dura! — ajuntou Khamis.

— Que havemos de fazer?... — perguntou John Cort.

— Tentarmos passar sem ser vistos — aconselhou o *foreloper* —, ou pelo menos escondermo-nos à passagem desses daninhos animais. Talvez não deem connosco. No entanto, estejamos preparados para atirar, porque, se nos avistam, arremetem logo contra nós.

Verificaram cuidadosamente as carabinas e colocaram os cartuchos de forma a poderem ser facilmente renovados. Depois, afastando-se do carreiro, os quatro desapareceram por detrás das espessas moitas que o orlavam à direita.

Os mugidos iam aumentando, e cinco minutos depois apareceram os monstruosos paquidermes, da espécie *ketloa,* quase desprovidos de pelo. Seguiam a trote largo, de cabeça levantada e com a cauda enrolada sobre os quadris.

Eram dois animais de quase quatro metros de comprido, de orelhas direitas, pernas curtas e tortas e focinho truncado armado de uma só presa, capaz dos mais formidáveis golpes. É tal a dureza das suas maxilas que esmagam impunemente os catos de acerados espinhos com a mesma facilidade com que um burro come cardos.

O casal parou subitamente. Khamis e os outros não duvidavam já de que tivessem sido descobertos.

Um dos rinocerontes — monstro de pele rugosa e seca — aproximou-se da moita.

Max Huber apontou-lhe a arma.

— Não aponte aos quadris... Aponte à cabeça — gritou o *foreloper.*

Ouviu-se uma detonação, depois outra e outra. As balas penetraram ao de leve na carapaça do animal. Eram três tiros perdidos.

As detonações, porém, não os intimidaram nem detiveram, visto que se

prepararam para atravessar o mato que os encobria.

Claro está que esse amontoamento de tojos e brejos não constituía obstáculo sério a tão poderosos animais. Em poucos segundos tudo ficaria devastado, destruído, espezinhado. E os companheiros de Khamis poderiam escapar aos rinocerontes da Grande Floresta como tinham escapado aos elefantes da planície? Os paquidermes, quer tenham as ventas em forma de tromba, quer em feitio de chifre, o seu vigor é o mesmo. E, no caso presente, não havia essa orla de árvores que detivera os elefantes lançados a toda a brida. John Cort, Max Huber, Llanga e o *foreloper* seriam perseguidos e atingidos mesmo que tentassem fugir. A sua carreira seria embaraçada pelo emaranhado dos cipós, por onde os rinocerontes passariam como uma avalancha.

Entre as árvores da floresta só um baobá enorme podia oferecer refúgio seguro, se conseguissem içar-se até aos primeiros ramos. Teriam de renovar a manobra executada com os tamarindos e cujo resultado, no entanto, fora funesto. E haveria razões para crer que desta vez tivesse melhor resultado?

Talvez, visto que o baobá era de dimensões e grossura suficientes para resistir aos esforços dos rinocerontes.

É verdade, porém, que a garfada do baobá apenas se abria a uns cinquenta pés acima do solo, e que o tronco, engrossado em forma de cabaça, não apresentava nenhuma saliência a que a mão se pudesse agarrar ou em que o pé achasse ponto de apoio.

O *foreloper* compreendeu logo que era inútil tentar atingir os primeiros ramos. Max Huber e John Cort esperavam por isso que ele tomasse alguma resolução.

Neste momento, a espessura dos moitedos que orlavam o carreiro agitou-se e deu passagem a uma cabeça enorme.

Ouviu-se um quarto tiro de carabina.

John Cort não foi mais feliz que Max Huber. A bala, penetrando no falso da espádua, arrancou apenas um ronco mais terrível ao animal, cuja irritação aumentou com a dor. Não recuou, porém, antes se precipitou com ímpeto prodigioso de encontro às moitas, enquanto o outro rinoceronte, apenas arranhado por uma bala de Khamis, se preparava para o seguir.

Nem Max Huber nem os seus companheiros tiveram tempo para carregar de novo as armas. Para fugir em diversas direções e escapar-se por entre o mato, era demasiado tarde. O instinto da conservação fê-los reunir todos três com Llanga detrás do tronco do baobá, que não media menos de seis metros de periferia na base.

Mas, desde que o primeiro animal contornasse a árvore e o segundo se lhe juntasse, como evitar este duplo ataque?

— Diabo! — disse Max Huber.

— Deus, antes! — exclamou John Cort.

E tinham, efetivamente, de renunciar a toda a esperança de salvação se a Providência não viesse em seu auxílio.

Sob um choque de violência espantosa o baobá tremeu até às raízes, de forma a fazer supor que ia ser arrancado do solo.

O rinoceronte, levado pelo seu ímpeto formidável, acabava de estacar subitamente. A sua defesa, introduzida, como o machado de um lenhador, num ponto em que a casca do baobá estava já entreaberta, ficara enterrada uns trinta centímetros. Em vão o animal fez os mais violentos esforços para a retirar. Nem mesmo especando as curtas pernas o pôde conseguir. O outro, que despedaçava furiosamente as moitas, estacou também, e não se faz ideia do furor desses dois animais embravecidos!

Khamis, deslizando em volta da árvore depois de ter rastejado aos pés das raízes, procurou ver o que se passara.

— Fujamos, fujamos — gritou ele imediatamente.

Os companheiros compreenderam-no quase sem o ouvir.

Sem lhe pedir explicações, Max Huber e John Cort, arrastando Llanga, puseram-se em fuga através das ervas altas. Com extrema surpresa sua, não foram perseguidos pelos rinocerontes, e foi só depois de cinco minutos de uma corrida desesperada que pararam, a um sinal do *foreloper.*

— Que aconteceu? — perguntou John Cort logo que retomou o fôlego.

— O animal não pôde arrancar o chifre do tronco da árvore.

— Por Deus! — exclamou John Cort. — É o Mílon de Crotona dos rinocerontes![1]

— E acabará como esse herói dos Jogos Olímpicos — acrescentou John Cort.

Khamis, interessando-se pouco em saber quem era esse célebre atleta da Antiguidade, contentou-se em murmurar:

— Enfim, sãos e salvos, mas à custa de quatro ou cinco cartuchos, queimados sem nenhuma utilidade.

— Facto que é tanto mais para lamentar quanto é certo que, se estou bem informado, esse animalejo se come... — disse Max Huber.

— Come-se com efeito, apesar do forte gosto de almíscar que tem a sua

carne. Mas temos de o deixar onde está... — declarou Khamis.

— E ele que se desencrave como puder — concluiu Max Huber.

Não teria sido prudente voltar ao baobá. Os mugidos dos dois rinocerontes continuavam a retumbar na floresta. Depois de uma curva que os reconduziu ao carreiro, os quatro retomaram de novo a marcha. Lá para as seis horas organizou-se o acampamento na base de uma rocha enorme.

O dia seguinte não trouxe consigo nenhum incidente.

As dificuldades da marcha não aumentaram e uns trinta quilómetros foram percorridos na direção do sudoeste. Quanto ao curso de água, tão impacientemente reclamado por Max Huber e afirmativamente anunciado por Khamis, não se mostrara ainda.

Nessa tarde, assim que terminaram uma refeição, a que um antílope, chamado antílope do mato, forneceu o pouco variado *menu*, entregaram-se ao repouso. Infelizmente essas dez horas de sono foram interrompidas pelo voo de milhares de morcegos de todos os tamanhos, de que o acampamento só se viu livre ao despontar do dia.

— Há por aqui muitas dessas harpias, há mesmo em demasia — exclamou John Cort, quando, depois de uma noite tão irregular, se pôs de pé, bocejando ainda.

— Não temos razões para nos queixar — redarguiu o *foreloper.*

— Porquê?

— Porque vale mais tratar-se de morcegos que de mosquitos, e estes pouparam-nos até aqui.

— O melhor de tudo, Khamis, seria podermos evitar tanto uns como outros...

— Dos mosquitos não nos podemos nós livrar, Sr. Max.

— E quando é que temos de ser devorados por esses abomináveis insetos?

— Nas proximidades de um curso de água.

— De um rio! — exclamou Max Huber. — Mas, Khamis, ainda que a princípio tenha acreditado na existência do tal rio, agora estou desiludido, já não creio nele...

— Pois faz mal, Sr. Max, porque talvez até já não esteja muito afastado!

Com efeito, o *foreloper* tinha notado já algumas modificações na natureza do solo, e as observações que fez depois das três horas da tarde tendiam a confirmá-lo. Essa região da floresta tornara-se evidentemente paludosa.

Aqui e acolá apareciam charcos eriçados de ervas aquáticas. Conseguiram mesmo abater alguns gangas, espécie de patos selvagens cuja presença indicava

a proximidade de um curso de água. À medida que o sol mergulhava no horizonte o coaxar das rãs fazia-se igualmente ouvir.

— Ou eu estou muito enganado ou o país dos mosquitos não está longe... — declarou o *foreloper.*

Durante o resto da jornada a marcha efetuou-se sobre um terreno difícil, embaraçado por essas inúmeras fanerogâmicas de que um clima húmido e quente favorece o desenvolvimento. As árvores, agora mais espaçadas, eram menos enredadas pelos cipós.

Era impossível a Max Huber e a John Cort deixar de notar as modificações que se operavam na floresta à medida que esta se estendia para o sudoeste.

Mas, a despeito dos prognósticos de Khamis, a vista não conseguiu distinguir nenhum reflexo de água corrente.

Todavia, à medida que se acentuava o declive do solo, os charcos iam-se tornando mais numerosos. Era precisa extrema atenção para não cair neles. E, mesmo que se conseguisse sair de lá, era impossível evitar as picadas.

Nos charcos formigavam milhares de sanguessugas e à superfície corriam miriápodes gigantescos, repugnantes articulados de cor escura e patas vermelhas, excelentes para provocar irresistível aversão.

Mas, em compensação, que prazer para os olhos essas imensas borboletas de reflexos furta-cores e essas graciosas libélulas em que os esquilos, gatos-almiscarados, bengalis, viúvas, gatos-de-algália e guarda-rios deviam fazer consumo prodigioso.

O *foreloper* notou que nos arbustos abundavam não só as vespas como ainda as moscas tsé-tsé. Felizmente, se convém evitar o aguilhão das primeiras, não há que preocupar-se com as mordeduras das segundas. O seu veneno apenas é mortal para o cavalo, camelo e para o cão, e não para o homem nem para os animais selvagens.

O pequeno grupo desceu assim para o sudoeste até às seis horas e meia da tarde, o que constituiu uma caminhada longa e fatigante.

Khamis procurava já um sítio bom para o acampamento quando Max Huber e John Cort foram surpreendidos pelos gritos de Llanga.

Segundo era seu costume, o rapaz adiantava-se, esquadrinhando de uma e doutra banda, quando, de súbito, o ouviram gritar em voz alta. Teria sido atacado por alguma fera?

John Cort e Max Huber correram na sua direção, prontos a fazer fogo... Em breve, porém, tranquilizaram-se.

Empoleirado sobre um enorme tronco abatido e de braço estendido na

direção de uma grande clareira, Llanga repetia com a sua voz aguda:

— O rio, o rio!...

Khamis acabava de se lhes juntar e John Cort disse simplesmente:

— Eis o tão desejado curso de água...

A meio quilómetro, sobre um vasto espaço desobstruído, via-se colear um límpido rio que refletia os últimos raios do sol.

— É ali que devemos acampar, entendo eu... — sugeriu John Cort.

— Sim, ali — aprovou o *foreloper* —, e podemos ter a certeza de que esse rio nos conduzirá até ao Oubanghi.

Com efeito, não lhes seria difícil construir uma jangada e abandonarem-se nela à corrente.

Antes, porém, de atingir a margem, houve que atravessar um terreno muito pantanoso.

Como o crepúsculo é de curtíssima duração nas regiões equatoriais, a obscuridade era já profunda quando o *foreloper* e os seus companheiros fizeram alto numa riba bastante elevada.

Nesse sítio as árvores eram raras e apresentavam-se em massas mais espessas a montante e a jusante.

Quanto à largura do rio, John Cort julgou poder avaliá-la nuns quarenta metros. Não era pois um simples ribeiro, mas um afluente de certa importância. A corrente não parecia muito rápida.

Esperar pelo dia seguinte para então ajuizar da situação, eis o que a razão indicava. Como o mais urgente era procurar um abrigo seco a fim de passar aí a noite, Khamis descobriu a propósito uma anfractuosidade rochosa, uma espécie de gruta aberta no calcário do talude e que bastava para abrigar os quatro.

Decidiu-se logo cear dos restos da caça grelhada. Desta maneira não seria necessário acender um fogo, cujo brilho poderia provocar a aproximação dos animais.

Os crocodilos e os hipopótamos abundam nos cursos de água da África. Se frequentassem esse rio — o que era provável — a ausência de fogo equivalia a não terem de se defender de um ataque noturno.

É verdade que uma fogueira alimentada à entrada da gruta, desde que produzisse fumo em abundância, teria dissipado a nuvem de mosquitos que voejavam junto do talude.

Mas entre dois inconvenientes impunha-se escolher o menor, e afrontar o aguilhão dos *maringounis* e outros incómodos insetos de preferência às enormes

queixadas dos caimões.

Nas primeiras horas, John Cort conservou-se de vigia no orifício da entrada da anfractuosidade, enquanto os seus companheiros dormiam um sono descansado apesar da zoada dos mosquitos.

Durante o período que esteve de vela nada viu de suspeito. No entanto, por várias vezes, julgou ouvir uma palavra que parecia pronunciada por lábios humanos, em tom lamentoso.

Essa palavra era *ngora*, que significa *mãe* em língua indígena.

Capítulo 7 — A Gaiola Vazia

Fora realmente uma felicidade o facto de o *foreloper* ter encontrado tão a propósito uma gruta devida à disposição natural do talude. O solo era constituído por uma areia fina, muito seca. Nas paredes laterais ou na parte superior não existiam vestígios de humidade. Graças a este abrigo, os seus hóspedes não tinham ficado expostos a uma chuva intensa, que só cessou de cair à meia-noite. E, depois, o sobredito local assegurava o refúgio para todo o tempo que demorasse a construção da jangada.

Além disso, soprava um vento bastante rijo, do norte. O céu ficou limpo logo aos primeiros raios do sol, o que anunciava um dia quente. Talvez Khamis e os seus companheiros viessem ainda a lamentar o abandono da sombra das árvores, ao abrigo das quais caminhavam havia cinco dias.

John Cort e Max Huber não procuravam ocultar o seu bom humor. Este rio, que devia ser um afluente do Oubanghi, ia transportá-los sem fadiga durante um percurso de quatrocentos quilómetros, aproximadamente até à sua confluência.

Deste modo, os últimos três quartos do trajeto iam ser percorridos em condições mais favoráveis. Este cálculo foi determinado com suficiente exatidão por John Cort, de acordo com as indicações ministradas por Khamis.

Os seus olhares dirigiram-se então para a direita e para a esquerda, isto é, para o norte e para o sul. A montante, o curso do rio, que se estendia quase em linha reta, desaparecia a um quilómetro sob o maciço das árvores.

A jusante, a verdura espessava-se a uma distância menor, a uns quinhentos metros, onde o rio fazia um brusco cotovelo para sudeste. A partir desse cotovelo é que a floresta retomava o seu frondoso normal. Na verdade, o que ocupava essa parte da margem direita era uma clareira pantanosa. Na riba oposta, as árvores acumulavam-se em renques cerrados. À superfície de um terreno bastante acidentado estendia-se um bosque muito denso, cujos topos, iluminados pelo sol nascente, se destacavam sobre um horizonte longínquo.

O leito do rio estava cheio até cima por uma água transparente, de corrente tranquila, que arrastava consigo troncos velhos, molhos de mato e montões de ervas arrancadas às duas margens, corroídas pela corrente.

Logo a princípio John Cort recordou-se de ter ouvido a palavra *ngora* pronunciada na proximidade da gruta, durante a noite. Procurou, pois, ver se

alguma criatura humana vagueava por ali.

Que os nómadas se aventurassem por vezes a descer esse rio para atingir o Oubanghi, era admissível. Mas não se devia concluir daí que a vasta parcela da floresta, que se estende para leste até às margens do Nilo, fosse frequentada por tribos errantes ou habitadas por tribos sedentárias.

John Cort não surpreendeu nenhum ser humano, quer nas proximidades do pântano, quer nas margens do rio.

«Fui vítima de uma ilusão», pensava ele. «É possível que tenha adormecido durante uns momentos e que em sonhos julgasse ouvir pronunciar essa palavra.»

— Meu caro Max — perguntou ele —, já apresentou desculpas ao nosso bravo Khamis por ter duvidado da existência desse rio, de que ele nunca duvidou?

— Ele teve razão, e eu não, John, e estou satisfeito por a não ter tido, visto que a corrente nos vai conduzir tranquilamente até às margens do Oubanghi.

— Tranquilamente... não o asseguro — replicou o *foreloper*. — Talvez as quedas... os rápidos...

— Vejamos só a face boa das coisas — disse John Cort. — Procurávamos um rio... ei-lo... Queremos construir uma jangada... construamo-la.

— Esta manhã já vou meter mãos à obra, e se me quer ajudar, Sr. John...

— Certamente, Khamis. Durante o nosso trabalho, Max decerto se presta a arranjar-nos provisões.

— Com tanta maior urgência — declarou Max — quanto é certo que nada nos resta já para comer... O glutão do Llanga devorou tudo ontem à noite...

— Eu!... meu amigo Max!... — defendeu-se Llanga, que, tomando a sério a brincadeira, pareceu sensível à repreensão.

— Oh, meu rapaz... não vês que eu brincava? Vamos, vem daí comigo. Seguiremos a margem até à curva do rio. Com o pântano de um lado e a água corrente do outro, a caça aquática não faltará, nem à direita nem à esquerda... e... quem sabe se algum belo peixe, para variar o *menu.*

— Cuidado com os crocodilos... e também com os hipopótamos, Sr. Max — recomendou Khamis.

— Olhe, Khamis! Quer-me parecer que uma boa perna de hipopótamo, bem assadinha, não era para desprezar. Como é que um animal de índole tão pacata... um porco de água doce, afinal de contas... pode deixar de ter carne saborosa?...

— De génio pacífico, é possível, Sr. Max, mas quando o irritam o seu furor é temível.

— Contudo, será difícil cortar de Sua Excelência alguns quilogramas, sem se

expor a incomodá-lo um pouco...

— Enfim — acrescentou John Cort —, se notar o menor perigo, o melhor é voltar o mais rapidamente possível. Prudência!

— Pode estar tranquilo, John. Vem daí, Llanga.

— Vai, meu filho — disse John Cort —, e não esqueças que te confiamos o teu amigo Max.

Depois de uma tal recomendação podia ter-se a certeza de que nada aconteceria de perigoso a Max Huber, visto que Llanga olharia pela sua pessoa.

Max Huber pegou na carabina e verificou a cartucheira.

— Poupe as munições, Sr. Max — disse Khamis.

— Poupá-las-ei o mais possível, Khamis. Mas é, na verdade, lamentável que a natureza não tenha criado o *cartucheiro* como criou a árvore-do-pão e a árvore-da-manteiga das florestas africanas! Ao passar colher-se-iam os cartuchos como se colhem os figos e as tâmaras.

Com esta observação de incontestável justeza, Max Huber e Llanga afastaram-se, caminhando, a passos largos, por uma espécie de carreiro que seguia pela base do talude. Em breve desapareceram.

John Cort e Khamis ocuparam-se então em procurar madeiras próprias para a construção de uma jangada. Se bem que esta tivesse de ser um aparelho rudimentar, não deixava de ser indispensável obter os materiais para a sua construção.

O *foreloper* e o seu companheiro apenas possuíam uma machadinha e as suas facas de algibeira. Com tais ferramentas, como atacar os grandes gigantes das florestas ou mesmo os seus congéneres de dimensões mais reduzidas?

Por isso Khamis tencionava aproveitar os ramos caídos, que ligaria com cipós e sobre os quais armaria uma espécie de sobrado coberto de terra e ervas. Com doze pés de comprimento e oito de largo essa jangada seria suficiente para transportar três homens e uma criança, os quais, além disso, desembarcariam às horas das refeições e nas paragens da noite.

No pântano, em que várias árvores de essências resinosas se erguiam ainda, encontrava-se grande quantidade desses madeiros caídos pela velhice, ou derrubados pelo vento ou por algum raio. Khamis decidira na véspera apanhar nesse local as diversas peças necessárias para a construção da jangada. Tendo dado parte da sua intenção a John Cort, este declarou-se pronto a acompanhá-lo.

John Cort e Khamis puseram-se em marcha depois de terem lançado um último olhar para montante e jusante do rio nas proximidades do pântano, onde tudo parecia tranquilo. Bastou-lhe dar uns cem passos para encontrarem um

montão de madeiras capazes de flutuar. A mais séria dificuldade consistia, sem dúvida, em as transportar até junto da margem. Se fossem pesadas de mais para serem transportadas por duas pessoas, esperar-se-ia pelo regresso dos caçadores.

Entretanto tudo levava a crer que Max Huber tivesse sido feliz na caça. Acabava de se ouvir uma detonação e a perícia do francês permitia afirmar que esse tiro não se tinha perdido. Decerto que, com munições em quantidade suficiente, a alimentação do pequeno grupo estaria assegurada durante os quatrocentos quilómetros que o separavam do Oubanghi, ou até para percurso maior.

Quando Khamis e John Cort se ocupavam em escolher as melhores madeiras, a sua atenção foi despertada por gritos que vinham da direção tomada por Max Huber.

— É a voz de Max — disse John Cort.

— Sim — concordou Khamis —, e a de Llanga também.

Com efeito, a uma voz máscula misturava-se outra em falsete agudo.

— Estarão em perigo? — perguntou John Cort.

E, abandonando o trabalho, tornaram a atravessar o pântano até atingirem a ligeira saliência em que se abria a gruta. Dirigindo a vista para jusante desse ponto, distinguiram Max Huber e o pequeno, imóveis sobre o talude. Nas proximidades, nem seres humanos nem animais. Os gestos que faziam, de resto convidando-os a reunirem-se-lhes, não traduziam qualquer inquietação.

Khamis e John Cort, depois de terem descido o talude, galgaram rapidamente os trezentos ou quatrocentos metros que os separavam. Quando todos se reuniram, Max Huber contentou-se em dizer:

— Talvez possamos dispensar-nos do trabalho de construir a jangada, Khamis...

— Porquê?

— Porque temos ali uma já feita... Em mau estado, é certo, mas o material está bom ainda.

E Max Huber mostrava, numa anfractuosidade da margem, uma espécie de plataforma, certa reunião de madeiras e de pranchas, seguras por uma corda meio podre, cujo extremo se prendia a uma estaca espetada na margem.

— É uma jangada! — exclamou John Cort.

— É uma jangada, é! — confirmou Khamis.

Com efeito, não era lícito duvidar-se do fim para que tinham sido ligados aqueles madeiros e pranchas.

— Seriam os indígenas que desceram o rio até este ponto? — observou

Khamis.

— Indígenas ou exploradores — respondeu John Cort. — E, contudo, se esta parte da floresta do Oubanghi tivesse sido visitada, ter-se-ia sabido isso no Congo ou no Camarão.

— Afinal — declarou John Cort —, isso pouco importa; a questão é saber se essa jangada ou o que dela resta nos pode servir.

— Decerto...

O *foreloper* ia deixar-se escorregar até ao nível da calheta quando um grito de Llanga o fez parar.

O pequeno, que se afastara uns quinhentos passos para jusante, voltava a correr com um objeto que agitava na mão.

Instantes depois entregava-o a John Cort. Era um cadeado de ferro, corroído pela ferrugem, sem chave, e cujo mecanismo mostrava que de há muito deixara de funcionar.

— Decididamente — disse Max Huber —, não se trata de nómadas congoleses ou de quaisquer outros, visto que os segredos da serralharia lhes são desconhecidos. Os que construíram esta jangada e nela vieram até este cotovelo do rio foram sem dúvida brancos...

— Que, tendo-se afastado deste ponto, nunca mais cá voltaram! — acrescentou John Cort.

Justa consequência a tirar do incidente. O estado de oxidação do cadeado e a deterioração da jangada demonstravam que muitos anos tinham passado depois que um fora perdido e a outra abandonada nas margens daquela pequena calheta.

Duas deduções resultavam desse duplo facto, lógico e indiscutível. Por isso, quando John Cort os apresentou a Max Huber e Khamis, estes não hesitaram em as aceitar.

1.º — Quaisquer exploradores ou viajantes, não indígenas, haviam atingido aquela clareira depois de terem embarcado quer para lá, quer para cá da orla da Grande Floresta.

2.º — Os ditos exploradores ou viajantes, por uma razão qualquer, tinham deixado ali a sua jangada com o fim de explorar a parte da floresta situada na margem direita do rio.

Fosse como fosse, nenhum deles reaparecera. Nem John Cort nem Max Huber se lembravam de ouvir falar de alguma expedição desse género, desde que habitavam o Congo.

Se não era extraordinário esse facto, era, pelo menos, inesperado, e Max Huber tinha de renunciar à honra de ter sido o primeiro hóspede da Grande

Floresta, considerada, sem razão, como impenetrável.

Entretanto, de todo indiferente a essas questões de prioridade, Khamis examinava cuidadosamente os materiais da jangada. Os madeiros encontravam-se em muito bom estado; as pranchas, porém, haviam sofrido mais com a intempérie e três ou quatro tinham de ser substituídas. Mas, enfim, o que se tornava inútil era construir um novo aparelho com todas as peças. Algumas reparações bastavam.

O *foreloper* e os companheiros, não menos satisfeitos que surpreendidos, possuíam enfim o veículo flutuante que lhes permitiria atingir a confluência dos rios.

Enquanto Khamis se ocupava, como dissemos, no exame da jangada, os dois amigos trocavam impressões sobre o caso.

— Não há engano possível — sustentava John Cort. — A parte superior deste curso de água já foi reconhecida por brancos... brancos, sem dúvida alguma... Que a jangada, feita de peças grosseiras, pudesse ser obra dos indígenas... vá!... Mas temos o cadeado...

— O cadeado revelador... sem falar de outros objetos, que apanharemos talvez... — observou John Cort.

— Ainda mais... Max?

— Então, John, é possível que encontremos os vestígios de um acampamento que neste lugar não existem, pois não devemos considerar como tal a gruta em que passámos a noite. Não me parece que tenha servido já de lugar de acampamento, e não duvido de que tenhamos sido os primeiros a abrigarmo-nos nela.

— É evidente, meu caro Max. Vamos até à curva do rio.

— Vamos, tanto mais que nesse ponto termina a clareira. Não me admiraria se, um pouco mais longe...

— Khamis! — chamou John Cort.

O *foreloper* juntou-se aos dois amigos.

— Então a jangada? — perguntou John Cort.

— Repará-la-emos sem muito trabalho. Vou buscar a madeira necessária.

— Antes de nos metermos ao trabalho — propôs Max Huber —, desçamos ao longo da margem. Quem sabe se não encontraremos alguns utensílios com qualquer marca de fabricação indicando a sua origem? Vinham a propósito para completar a nossa bateria de cozinha, que é demasiado insuficiente. Apenas um cantil... Nem ao menos uma chávena ou uma chaleira...

— Decerto não espera, meu caro Max, encontrar mesa posta e pessoal para

servir hóspedes de passagem, como nós!

— Não espero coisa nenhuma, caro John, mas é que estamos em presença de um caso inexplicável. Procuremos arranjar-lhe explicação plausível.

— Pois seja, Max. Não há inconveniente em nos afastarmos um quilómetro, Khamis?

— Com a condição de não passar além da curva do rio. Visto que temos a faculdade de navegar, evitemos as marchas inúteis...

— Está entendido, Khamis — aprovou John Cort. — À medida que a corrente nos for arrastando, teremos ocasião de observar à vontade se existem vestígios de acampamento numa ou noutra margem.

Os três homens e Llanga seguiram pela parte superior do talude, que formava uma espécie de dique natural entre o pântano e o rio. Enquanto caminhavam não cessavam de observar se a seus pés se notava algum vestígio de pegada de homem ou qualquer objeto abandonado no solo.

Apesar do minucioso exame feito, tanto no alto como na base do talude não se encontrou, porém, coisa nenhuma. Em parte alguma se notaram sinais de passagem ou de acampamento. Quando Khamis e os seus companheiros atingiram os primeiros renques de árvores, foram saudados pelos gritos de um bando de macacos. Estes quadrúmanos não pareceram muito surpreendidos com a aparição de seres humanos. No entanto, fugiram. Não era de admirar que houvesse representantes da gente simiesca folgando nas árvores. Eram babuínos e mandris que, fisicamente, se aproximam dos gorilas, chimpanzés e orangotangos. Como todas as espécies de África, apenas tinham um rudimento de cauda, visto que este ornamento é peculiar às espécies americanas e asiáticas.

— Apesar de tudo — observou John Cort —, não foram eles que construíram a jangada e, por muito inteligentes que sejam, não são o suficiente para fazerem uso de cadeados...

— Assim como as jaulas, que eu saiba... — afirmou então Max Huber.

— De jaulas! — exclamou John Cort. — A que propósito fala você de jaulas?

— É que me parece distinguir... por entre o maciço... a vinte passos da margem... uma espécie de construção.

— Talvez algum formigueiro em forma de cortiço, como os que constroem as formigas africanas.

— Não, o Sr. Max não se enganou... Há acolá... com efeito, como se disséssemos uma cabana construída ao pé de duas mimosas, e cuja fachada fosse de redes...

— Seja gaiola ou cabana, vejamos o que há dentro.

— Prudência! — recomendou o *foreloper*. — Caminhemos ao abrigo das árvores.

— Que podemos nós recear? — inquiriu Max, aguilhoado, como era seu costume, por um duplo sentimento de impaciência e de curiosidade.

As proximidades pareciam desertas. Apenas se ouvia o canto das aves e os gritos dos macacos a fugir. Não aparecia nenhum indício antigo ou recente de acampamento nos limites da clareira. Nada também à superfície do rio, que conduzia grandes montões de ervas. Do lado oposto, a mesma aparência de solidão e abandono. Os últimos cem passos foram rapidamente percorridos ao longo da margem, que se curvava agora para seguir o curso do rio. O pântano terminava nesse sítio e o solo ia-se tornando mais seco à medida que se elevava sob a vegetação mais densa.

A estranha construção mostrava-se então de três quartos apoiada às mimosas e coberta por um teto inclinado, que desaparecia sob uma cobertura de ervas secas. Não apresentava nenhuma abertura lateral e os cipós pendentes escondiam-lhe as paredes até à base.

O que mais lhe dava o aspeto de uma gaiola era a grade, ou antes a rede da fachada, semelhante à que nos jardins zoológicos separa do público as feras.

Essa grade tinha uma porta — aberta nesse momento.

Quanto à gaiola, estava vazia.

Foi o que Max Huber reconheceu quando, primeiro que os outros, se precipitou pela gaiola dentro. Quanto a utensílios, ainda restavam alguns: uma panela em bom estado, um caldeiro de cobre, uma chávena, três ou quatro garrafas quebradas, um cobertor de lã esburacado, alguns bocados de pano, um machado enferrujado e um estojo de óculos meio podre, sobre o qual já se não podia ver o nome do fabricante.

A um canto jazia uma caixa de cobre, cuja tampa, bem ajustada, devia ter conservado o seu conteúdo se por acaso a caixa continha alguma coisa.

Mas Max Huber apanhou-a e tentou abri-la, mas não o conseguiu. A oxidação fizera aderir as duas partes da caixa. Foi preciso meter uma faca na ranhura da tampa, que então cedeu.

A caixa encerrava um caderno em bom estado de conservação. Sobre a capa desse caderno estavam impressas estas duas palavras, que Max Huber leu em voz alta:

DR. JOHAUSEN

Capítulo 8 — O Dr. Johausen

Se John Cort, Max Huber e mesmo Khamis nada disseram ao ouvir pronunciar esse nome, é que a estupefação lhes embargara a voz.

O nome de Johausen foi uma revelação. Desvendava parte do mistério que encobria a mais extravagante das tentativas científicas modernas, tentativa em que ao sério se misturava o cómico — e o trágico também, porque era de crer que tivesse tido um desfecho dos mais deploráveis.

Talvez o leitor se recorde da experiência que quis tentar o americano Garner com o fim de estudar a linguagem dos macacos e de dar às teorias uma demonstração experimental. O nome do professor, os artigos espalhados no *Hayser's Weekly,* de Nova Iorque, o livro publicado e posto à venda em Inglaterra, na Alemanha, França e América não podiam ser esquecidos pelos habitantes do Congo e do Camarão — particularmente de John Cort e de Max Huber.

— É ele, ele enfim! — exclamou um —; ele, de quem já não tínhamos notícia alguma...

— E de quem jamais as teremos, visto que já aí não está para no-las dar! — exclamou o outro.

Ele, para o francês e para o americano, era o Dr. Johausen. Mas, antes do Dr. Johausen, eis o que havia feito Garner. Não era esse ianque que podia dizer o que João Jacques Rousseau disse de si mesmo no começo das suas *Confissões:* «Empreendo uma obra de que nunca houve exemplo, nem de que nunca haverá imitadores.» Garner devia ser um.

Antes de partir para o continente africano, o professor Garner tinha-se já posto em comunicação com o mundo dos macacos — o mundo domesticado, é claro. Das suas longas e minuciosas observações tirou ele a convicção de que esses quadrúmanos falavam, que se compreendiam e que empregavam a linguagem articulada, servindo-se de certa palavra para exprimir a fome e doutra para exprimir a sede.

Mr. Garner mandara colocar no interior do Jardim Zoológico de Washington diversos fonógrafos, destinados a recolher as palavras desse vocabulário. Observou mesmo que os macacos — o que os distingue essencialmente do homem — não falavam nunca sem necessidade. Foi obrigado a formular a sua

opinião nestes termos:

«Os conhecimentos que tenho do mundo animal fizeram-me ter a certeza absoluta de que todos os mamíferos possuem a faculdade de falar num grau que está em relação com a sua experiência e as suas necessidades.»

Anteriormente aos estudos de Garner, sabia-se já que os mamíferos, tais como o cão, o macaco e outros, têm o aparelho laringobucal disposto como no homem e a glote organizada para a emissão de sons articulados. Mas sabia-se também — não vá isto desagradar aos simiólogos — que o pensamento precede a palavra. Para falar é preciso pensar, e pensar exige a faculdade de generalizar — faculdade de que os animais estão desprovidos. O papagaio fala, mas não percebe palavra do que diz. A verdade é que os animais não falam porque a natureza os não dotou de inteligência suficiente, porque de falar nada os impedia. Na verdade, «para que exista a linguagem, como disse um sábio crítico, é preciso que haja pensar e raciocínio baseados, pelo menos, implicitamente sobre uma conceção abstrata e universal.» O professor Garner, porém, não queria ligar nenhuma importância a essas regras conformes com o bom senso.

Claro está que a sua doutrina foi muito discutida. Por isso tomou ele a resolução de se pôr em contacto com os animais, de que encontraria grande número e variedade nas florestas da África tropical. Quando tivesse estudado o gorila e o chimpanzé, voltaria à América e publicaria, juntamente com a gramática, o dicionário da língua simiana. Forçoso seria então dar-lhe razão e render-se à evidência.

Cumpriu Garner a promessa que fizera a si mesmo e ao mundo científico? Essa era a questão, e não há dúvida, como se vai ver, de que o Dr. Johausen julgava que não.

No ano de 1892, Garner deixava a América e, dirigindo-se para o Congo, chegava a Libreville em 12 de outubro, elegendo domicílio na feitoria de John Holtand & Co. até ao mês de fevereiro de 1894.

Foi somente nessa época que o professor se decidiu a começar a sua viagem de estudo. Depois de ter subido a corrente do Ogoué num escaler a vapor, desembarcou em Lambarene, e a 22 de abril chegou à missão católica de Fernando Vaz.

Os padres do Espírito Santo acolheram-no hospitaleiramente na sua casa, construída na margem do magnífico lago de Fernando Vaz. O doutor apenas teve de se felicitar pelos cuidados do pessoal da Missão, que nada esquecia para lhe facilitar o seu aventuroso empreendimento de zoólogo.

Ora, nas traseiras da edificação, agrupavam-se as primeiras árvores de uma

vasta floresta em que abundavam os macacos. Não se podiam imaginar condições mais favoráveis para se pôr em comunicação com eles. Mas o que era necessário era viver na sua intimidade e, em suma, partilhar a sua existência.

Fora com este propósito que Garner mandara construir uma gaiola de ferro desmontável. Essa gaiola foi transportada para a floresta. Se quisermos acreditá-lo, viveu aí três meses, a maior parte do tempo só, e pôde estudar assim os quadrúmanos no estado selvagem.

A verdade é que o prudente americano colocara simplesmente a sua casa metálica a vinte minutos da Missão dos padres, perto da sua fonte e num sítio acessível por uma estrada umbrosa; deu à casa o nome de Forte Gorila. Chegou a dormir aí três noites consecutivas. Atacado por miríades de mosquitos, não pôde, porém, conservar-se lá mais tempo, desmontou a gaiola e veio pedir aos padres do Espírito Santo uma hospitalidade que lhe foi concedida sem retribuição. Enfim, a 18 de junho abandonava definitivamente a Missão e, depois de chegar à Inglaterra, voltou à América, trazendo como única lembrança da sua viagem dois pequenos chimpanzés que teimavam em não conversar com ele.

Eis os resultados que obtivera Garner. Em resumo, o que não parecia duvidoso era que a algaravia dos macacos, se é que existia, estava ainda por descobrir, assim como as respetivas funções de que dependia a formação da sua linguagem.

É certo que o professor sustentava que surpreendera diversos sinais vocais com uma significação precisa, tais como: «whouw», alimento; «cheny», bebida; «iegk», toma cautela!, e outras ainda, registadas com cuidado. Mais tarde, em resultado de umas experiências feitas no Jardim Zoológico de Washington e graças ao emprego do fonógrafo, afirmou ter observado o uso de uma palavra genérica relacionando-se com tudo o que se come e tudo o que se bebe; uma outra para o uso da mão; outra para o cômputo do tempo. Em resumo, na sua opinião, essa língua compunha-se de oito ou nove sons principais, modificados por trinta ou trinta e cinco modulações, de que ele dava a tonalidade musical, afirmando também que a articulação se fazia quase sempre em lá sustenido. Para concluir e segundo a sua opinião, de acordo com a doutrina darwiniana sobre a unidade da espécie e transmissão por hereditariedade das qualidades físicas e não dos defeitos, podia dizer-se: «Se as raças humanas são derivadas de um tronco simiano, porque não são os dialetos humanos derivados da língua primitiva desses antropoides?» Simplesmente, porém, teve o homem o macaco por antecessor? Eis o que seria necessário demonstrar e que ainda o não está.

Em suma, a pretendida linguagem dos macacos, surpreendida pelo professor

Garner, era apenas a série de sons que esses mamíferos emitem para comunicar com os seus semelhantes, como todos os animais: cães, cavalos, carneiros, patos, andorinhas, formigas, abelhas, etc. E, segundo o reparo feito por um observador, essa comunicação faz-se, já por gritos, já por sinais e movimentos especiais. Se não traduzem pensamentos propriamente ditos, pelo menos exprimem impressões vivas, e emoções morais — tais como a alegria e o terror.

Era pois evidente que a questão não pudera ser resolvida pelos estudos incompletos e pouco práticos do professor americano. Foi então que, dois anos depois dele, um professor alemão se propôs recomeçar a tentativa, e foi alojar-se, não a vinte minutos de uma missão, mas desta vez em plena floresta, no meio do mundo dos quadrúmanos e ainda que tivesse de ser presa dos mosquitos, aos quais a paixão simiológica de Mr. Garner não resistira.

Vivia por essa ocasião no Camarão, em Malimba, um certo sábio de nome Johausen. Morava ali havia alguns anos. Era um médico, mais amador de zoologia e de botânica que de medicina. Quando foi informado da infrutuosa experiência do professor Garner, veio-lhe à ideia recomeçá-la, não obstante ter já passado algum tempo. John Cort tivera ensejo de falar com ele, várias vezes, em Libreville.

Se bem que já não fosse moço, o Dr. Johausen gozava pelo menos de excelente saúde. Falando o inglês e o francês como a sua língua materna, compreendia também o dialeto indígena graças ao exercício da sua profissão. A sua fortuna permitia-lhe, além disto, prestar os seus cuidados gratuitamente, visto que não tinha nem parentes diretos nem colaterais em grau que a pudessem herdar. Sendo independente em toda a aceção da palavra, sem ter de dar contas a ninguém das suas ações e de uma confiança em si próprio que nada poderia abalar, porque não havia ele de fazer aquilo que muito bem lhe conviesse? É bom notar que, além de excêntrico e maníaco, o Dr. Johausen parecia ter o que se costuma chamar «pancada na bola».

Estava ao serviço do doutor um indígena de que ele se mostrava bastante satisfeito. Quando este soube do projeto de ir viver na floresta no meio dos macacos, não hesitou em aceitar o oferecimento do patrão, mal sabendo no que se ia meter. Segue-se daqui que o Dr. Johausen e o seu servo se lançaram ao trabalho. Uma gaiola desmontável, género Garner, mas com melhores condições de conforto, mandada construir na Alemanha, foi levada para bordo de um paquete que fazia escala até Malimba. Por outro lado, foi fácil nessa cidade reunir provisões, conservas, munições, etc., de maneira a não exigir nenhum novo abastecimento durante longo espaço de tempo. Quanto ao mobiliário,

muito rudimentar: camas, roupa branca, vestuário e objetos de *toilette* e de cozinha, foi tudo isso tirado da casa do doutor, assim como um velho órgão da Barbaria, que ele levou consigo na persuasão de que os macacos não deviam ser indiferentes aos prazeres da música. Ao mesmo tempo mandou cunhar certo número de medalhas de níquel com o seu nome e o seu retrato, destinadas às autoridades da colónia simiana que contava fundar na África Central.

Por fim, a 13 de fevereiro de 1896, o doutor e o indígena embarcaram em Malimba com o seu material, num barco de Nbarri, e subiram-lhe o curso a fim de irem... De irem aonde?... Eis o que o Dr. Johausen não dissera nem queria dizer a ninguém. Não tendo necessidade de se reabastecer durante muito tempo, estaria assim ao abrigo de todas as importunidades. O indígena e ele não necessitariam de mais ninguém que os ajudasse. Não haveria assim perturbações ou distrações para os macacos, de quem ele queria fazer a sua única sociedade, para o que, por seu lado, saberia contentar-se com as delícias da sua conversação, certo de surpreender os segredos da língua simiesca.

Soube-se mais tarde que o barco, tendo subido o Nbarri durante umas cem léguas, aportou à aldeia de Nghila; que aí foram contratados uns vinte pretos como carregadores e que todos se dirigiram na direção de leste. Mas, a partir desse momento, não mais se ouviu falar do Dr. Johausen. Os carregadores, de volta a Nghila, não sabiam dizer ao certo o sítio onde se haviam separado dele.

Numa palavra, dois anos depois não se sabia ainda nenhuma novidade do doutor e do seu criado, apesar de algumas pesquisas que não deviam ter bom resultado.

Mas John Cort e Max Huber iam talvez poder reconstituir o que se passara — em parte pelo menos.

O doutor atingira com a sua escolta um rio situado a noroeste da floresta do Oubanghi. Em seguida procedera à construção de uma jangada, cujos madeiros e pranchas foram fornecidos pelo seu material; terminado enfim este trabalho e depois de ter despedido a escolta, os dois desceram o curso desse rio desconhecido e, desembarcando, armaram a cabana no lugar em que ela fora descoberta, sob as primeiras árvores da margem direita.

Eis os pontos sobre o que podia haver a certeza, no que dizia respeito ao professor. Mas quantas hipóteses a respeito da sua situação atual!...

— Porque estava a gaiola vazia?... Porque a tinham abandonado os seus dois hóspedes?... Durante quantos meses, semanas ou dias teria sido ocupada?... Teriam partido voluntariamente?... Quanto a isso, nenhuma probabilidade. Teriam sido levados contra vontade?... Por quem?... Por indígenas?... Mas a

floresta do Oubanghi passava por ser desabitada. Poder-se-ia admitir que tivessem sido obrigados a fugir, atacados pelas feras?... Em suma, o Dr. Johausen e o indígena viveriam ainda?

Eis as diversas perguntas que os dois amigos trocaram rapidamente entre si. A verdade é que, não encontrando para cada uma destas hipóteses resposta plausível, perdiam-se nas trevas desse mistério.

— Consultemos o caderno — propôs John Cort.

— Estamos reduzidos às suas indicações — disse Max Huber. — Mas, talvez, à falta de indicações explícitas, seja possível estabelecer alguma coisa observando as datas.

John Cort abriu o caderno, do qual algumas páginas estavam aderentes pela humidade.

— Julgo que deste caderno pouca coisa havemos de tirar... — observou ele.

— Porquê?

— Porque todas as páginas estão em branco, exceto a primeira.

— E nessa primeira página?

— Alguns restos de frases... algumas datas que, sem dúvida, deviam mais tarde servir ao doutor para redigir o seu jornal.

E John Cort, embora muito dificilmente, conseguiu decifrar as linhas seguintes, escritas a lápis em alemão, e que foi traduzindo à medida que ia lendo:

> «29 de julho de 1896. Chegada com a escolta à orla da floresta do Oubanghi... Acampado na margem direita de um rio... Construção de uma jangada...».
>
> «3 de agosto. A jangada pronta... Envio a escolta a Nghila... Faço desaparecer todos os vestígios do acampamento... Embarque com o meu criado».
>
> «9 de agosto. Desço o rio durante sete dias, sem obstáculos... Paragem numa clareira... Numerosos macacos nas vizinhanças... Lugar que parece conveniente».
>
> «10 de agosto. Desembarque do material... Lugar escolhido para armar a cabana-gaiola debaixo das primeiras árvores da margem direita, na extremidade da clareira... Grande número de macacos, chimpanzés e gorilas».
>
> «13 de agosto. Instalação completa... Tomo posse da cabana... Proximidades absolutamente desertas... Nenhuns vestígios de seres humanos, indígenas ou quaisquer outros... Caça aquática muito

abundante... Curso de água piscoso... Bem abrigados na cabana durante uma borrasca».

«25 de agosto. Vinte e sete dias já passados... Existência organizada regularmente... Alguns hipopótamos à superfície do rio, mas nenhuma agressão da sua parte... Alces e antílopes abatidos... Grandes macacos vindos na noite anterior até às proximidades da cabana... De que espécie são? Eis o que ainda não pude vir a saber... Não fizeram demonstrações hostis, ora correndo no solo, ora empoleirados nas árvores... Julguei entrever um fogo a algumas centenas de passos sob os maciços das árvores... Facto curioso a verificar: parece que estes macacos falam e que trocam entre si algumas frases... Ouvi pronunciar a um macaquinho: Ngora!... Ngora!..., palavra empregada pelos indígenas para exprimir *mãe*.

Llanga, que escutava atentamente o que lia o seu amigo Max, exclamou neste momento:

— Sim... sim... ngora... ngora... mãe, ngora... ngora!

A esta palavra, revelada pelo Dr. Johausen e repetida pelo pequeno, como se não lembraria John Cort que na noite antecedente essa mesma palavra lhe ferira o ouvido? Julgando tratar-se de uma ilusão, de um engano, nada dissera do incidente aos companheiros. Mas depois da observação do doutor julgou dever seu pô-los ao corrente de tudo. E como Max Huber dissesse:

— Decididamente, terá o professor Garner razão?... Macacos que falam...

— O que eu lhes posso afirmar, caro Max, é que também ouvi pronunciar a palavra *ngora* — declarou John Cort.

E contou por que forma essa palavra fora pronunciada em tom lamentoso durante a noite de 14 para 15 enquanto ele estava de guarda ao acampamento.

— Ora aí está uma coisa que não deixa de ser extraordinária.

— Pois não era isso que queria, caro amigo?... — replicou John Cort.

Khamis ouvira a leitura da narração. Na realidade, o que parecia interessar ao francês e ao americano deixava-o bastante indiferente. Os factos relativos ao Dr. Johausen acolhia-os sem interesse algum. O essencial era que o doutor construíra uma jangada, de que dispunha agora, assim como dos objetos que encerrava a gaiola abandonada. Quanto a saber o que fora feito dele e do seu criado, o *foreloper* não compreendia que houvesse razões para se inquietarem a esse respeito, e muito menos que pudessem pensar sequer em lançar-se através da

Grande Floresta para descobrir os seus vestígios, em risco de serem arrebatados como ele sem dúvida o fora. Por isso se Max Huber e John Cort propusessem lançar-se em sua procura, trataria de os dissuadir de tal, lembrando-lhes que a única resolução admissível era continuar a viagem de regresso descendo o rio até o Oubanghi.

A razão indicava além disso que nenhuma tentativa se podia fazer nesse sentido com probabilidades de êxito... Em que direção se haviam de dirigir para encontrar o médico alemão?... Ainda se houvesse alguns indícios, talvez John Cort considerasse como um dever o ir em seu socorro, talvez Max Huber se considerasse como instrumento da sua salvação designado pela Providência!... Mas nada, nada, a não ser essas frases incompletas, de que a última figurava com a data de 25 de agosto... Nada, a não ser essas páginas em branco que foram folheadas em vão até à última!

Por isso John Cort concluiu:

— É fora de dúvida que o doutor chegou a este local a 9 de agosto e que as suas notas cessam no dia 25 do mesmo mês. Se depois dessa data nada escreveu, é que por uma razão qualquer deixou nesse dia a sua cabana, onde apenas esteve treze dias...

— O que não é possível é saber-se o que lhe aconteceu depois.

— Não importa — observou Max Huber—, eu não sou curioso...

— Oh! caro amigo, diga antes que o é em grau superlativo...

— Tem razão, John, e para ter a explicação clara deste enigma...

— Partamos — disse unicamente o *foreloper.*

Com efeito, não convinha demorarem-se. O que se impunha era pôr a jangada em estado de funcionar e descer o rio. Se, mais tarde, se julgasse conveniente organizar uma expedição em proveito do Dr. Johausen e aventurar-se até aos extremos limites da Grande Floresta, poderiam empreendê-la em condições mais favoráveis, ficando os dois amigos com a liberdade de tomarem parte nela se quisessem.

Antes de sair da gaiola, Khamis visitou-a até aos menores recantos, com a esperança de encontrar alguns objetos úteis. Não era um ato de indelicadeza, porque como admitir que, depois de dois anos de ausência, o seu dono aparecesse a reclamá-los?

A cabana, solidamente construída, oferecia ainda um excelente abrigo. O teto de zinco recoberto de colmo tinha resistido às intempéries da estação má. A fachada anterior, a única coberta de rede, estava voltada para leste, ficando assim menos exposta aos grandes ventos.

E, provavelmente, o mobiliário: leitos, mesa, cadeiras e malas teriam sido encontrados intactos se não tivessem sido levados, o que, a bem dizer, parecia sobremaneira inexplicável.

No entanto, depois de dois anos de abandono, seriam necessárias algumas reparações. As tábuas das paredes laterais começavam a desunir-se, a base dos montantes oscilava na terra húmida e por debaixo das grinaldas e de cipós e de verdura notavam-se indícios de deterioração. Era um trabalho de que Khamis e os seus companheiros se não encarregariam. Era muito pouco provável que aquela gaiola viesse um dia a servir a qualquer outro amador de simiologia. Deixá-la-iam, pois, como estava.

Afinal, limitar-se-iam a levar a panela, a chávena, o estojo de óculos, o machado e a caixa do caderno que os dois amigos acabavam de apanhar? Khamis procurou com cuidado. Nem armas, nem utensílios, nem caixas, nem conservas, nem vestuário. O *foreloper* ia para sair com as mãos vazias quando reparou que o solo, no ângulo ao fundo da direita, fazia ouvir um som metálico quando se lhe batia com o pé.

— Há aqui qualquer coisa... — declarou ele.

— Talvez uma chave — sugeriu Max Huber.

— E por que razão há de ser uma chave? — perguntou John.

— Então, caro John, a chave do mistério!

Não era uma chave, mas sim uma caixa de folha de Flandres, que fora enterrada nesse lugar e que Khamis de lá retirou. Não parecia ter sofrido dano e, não sem viva satisfação, viram que continha uns cem cartuchos.

— Obrigado, bom doutor — exclamou Max Huber. — Possamos nós um dia reconhecer o notável serviço que nos prestastes!

Serviço notável, com efeito, porque esses cartuchos eram exatamente do mesmo calibre que o das carabinas de Khamis e dos seus dois companheiros.

Restava apenas voltar ao acampamento e pôr a jangada em estado de navegabilidade.

— Daqui por diante veremos se haverá alguns vestígios do Dr. Johausen e do seu servo nas proximidades... É possível que ambos tenham sido levados pelos indígenas para as profundezas da floresta, mas é igualmente possível que tenham sucumbido defendendo-se... e se os seus restos estão sem sepultura...

— O nosso dever será sepultá-los — declarou John Cort.

As pesquisas feitas num raio de cem metros foram infrutíferas. Era natural concluir-se que o infortunado Johausen fora arrebatado — mas por quem, a não ser pelos indígenas, por esses mesmos que o doutor tomava por macacos e que

conversavam entre si? Como admitir-se, com efeito, que os quadrúmanos fossem dotados da palavra?

— Em todo o caso — observou John Cort —, isso indica que a floresta de Oubanghi é frequentada por nómadas de que nos devemos precaver...

— Exatamente, Sr. John — aprovou Khamis. — E, agora, vamos para a jangada...

— E não sabermos nós o que aconteceu a esse digno teutão!... — acrescentou Max Huber. — Onde poderá ele estar?

— Está onde estão as pessoas de que se não sabem notícias — disse John Cort.

— É isso uma resposta, John?

— É a única que podemos dar, meu caro Max.

Quando todos estavam de novo na gruta, eram pouco mais ou menos nove horas. Khamis ocupou-se primeiro em preparar o almoço. Visto que dispunha de uma panela, Max Huber pediu que substituísse a carne assada ou grelhada pela carne cozida. Seria uma variante do *menu* ordinário. Aceita a proposta, acendeu-se uma fogueira, e pelo meio-dia os convivas deleitaram-se com uma sopa a que não faltava senão o pão, os legumes e o sal.

Antes e depois do almoço todos trabalharam na reparação da jangada. Khamis descobrira detrás da cabana algumas tábuas que puderam substituir as da plataforma, apodrecidas já em muitos sítios, o que lhes evitou um grande trabalho, dada a deficiência das ferramentas. Esta reunião de madeiros e tábuas foi ligada por meio de cipós tão sólidos como ligamentos de ferro ou pelo menos como cabos de ancoragem. Terminou-se o trabalho quando o sol desaparecia por detrás dos maciços da margem direita do rio.

A partida fora adiada para o dia seguinte de madrugada. Era preferível passar a noite na gruta. Com efeito, a chuva, já ameaçadora, começou a cair com força lá para as oito horas.

Assim, pois, Khamis e os seus companheiros, depois de terem encontrado o lugar em que viera instalar-se o Dr. Johausen, partiam sem saber o que acontecera ao dito doutor! Nada... nada... nem um rasto sequer! Esta ideia não cessava de atormentar Max Huber, ao passo que preocupava muito pouco a John Cort e deixava o *foreloper* completamente indiferente. Embora concordasse que o doutor não podia ter sido raptado senão por indígenas, Max Huber sonharia com babuínos, chimpanzés, gorilas, mandris e macacos faladores!... E então, fantasista como era, a grande floresta aparecer-lhe-ia com as suas eventualidades misteriosas, os extraordinários frequentadores que as suas profundezas lhe

sugeriam, tribos novas, tipos desconhecidos, aldeias perdidas sob as grandes árvores...

Antes de se deitar no fundo da gruta, disse:

— Meu caro John, e você também, Khamis, tenho uma proposta a fazer-lhes.

— Que é, Max?

— É que façamos alguma coisa pelo doutor...

— O quê? Lançar-se à sua procura?...—protestou o *foreloper.*

— Não — volveu Max Huber —, mas dar o seu nome a este curso de água que, segundo suponho, não tem nenhum ainda...

Eis aqui porque o rio Johausen figurará de ora avante nas cartas modernas da África Equatorial.

A noite foi tranquila, e enquanto John Cort, Max Huber e Khamis velavam a seu turno, nenhuma palavra lhes feriu o ouvido.

Capítulo 9 — À Mercê da Corrente

Eram seis horas da manhã do dia 16 de março quando a jangada desamarrou e, afastando-se da margem, tomou a corrente do rio Johausen.

O dia estava escuro ainda. A aurora, porém, levantou-se rapidamente. Nas altas zonas do espaço corriam nuvens sob a influência de um vento fresco. A chuva não ameaçava já, mas o tempo conservou-se coberto durante todo o dia.

Khamis e os seus companheiros deviam regozijar-se com isso, visto que iam descer a corrente de um rio de habitual muito exposto aos raios perpendiculares do sol.

A jangada, de forma oblonga, media somente sete a oito pés de largura sobre doze de comprimento e chegava apenas para transportar as quatro pessoas e alguns objetos que levavam consigo. Material que no fim de contas era muito reduzido: a caixa metálica dos cartuchos, as armas, compreendendo as três carabinas, o caldeiro do cobre, a panela e a chávena. Quanto aos três revólveres, como fossem de calibre inferior ao dás carabinas, apenas poderiam servir para' uns vinte tiros, pois tantos eram os cartuchos que restavam ainda nas algibeiras de John Cort e Max Huber. Enfim, era de esperar que as munições não faltassem aos caçadores, até à sua chegada às margens do Oubanghi.

Na proa da jangada, sobre uma camada de terra cuidadosamente calcada, estava colocada uma rima de madeira seca, facilmente renovável, para o caso de Khamis ter necessidade de fogo fora das horas de paragem. Na popa um forte remo, ou ginga, feito com uma das tábuas, permitia dirigir o aparelho ou, pelo menos, conservá-lo no sentido da corrente.

Entre as duas margens, distantes uns cinquenta metros, a corrente deslocava-se com a velocidade aproximadamente de um quilómetro à hora. Com este andamento, a jangada levaria pois vinte a trinta dias em transpor os quatrocentos quilómetros que separavam o *foreloper* e os seus companheiros do Oubanghi. Se bem que fosse esta a média obtida pela marcha a pé, no entanto aquela tinha a vantagem de se efetuar quase sem fadiga.

Quanto aos obstáculos que podiam opor-se à navegação do rio Johausen, não sabiam com que contar. O que observaram desde o princípio foi que o rio era profundo e sinuoso. Tinham de vigiar atentamente o seu curso. Se por acaso fosse obstruído por quedas ou rápidos, o *foreloper* saberia proceder conforme as

circunstâncias.

Até à paragem do meio-dia a navegação fez-se sem dificuldade. Evitavam, manobrando, os redemoinhos das margens. A jangada não pegou nem uma única vez, graças à perícia de Khamis, que, com braço vigoroso, retificava a direção sempre que era preciso.

John Cort, postado avante, com a carabina junto de si, observava as margens com interesse puramente cinegético. Pensava em renovar as provisões. Se algum animal de pelo ou de pena se achasse ao seu alcance, seria facilmente abatido. Foi isto mesmo que aconteceu lá para as nove horas e meia. Um *waterbuck*, espécie de antílope que frequenta as margens dos rios, caiu redondamente morto por uma bala.

— Belo tiro! — exclamou Max Huber.

— Mas inútil, se não conseguirmos apanhar o animal.

— É questão de alguns instantes — replicou o *foreloper.*

E, fazendo força na ginga, aproximou a jangada de uma praiazinha, onde jazia o *waterbuck.* Cortado o animal em bocados, guardaram-se destes as partes utilizáveis para as próximas refeições.

Entretanto, Max Huber pusera em campo os seus talentos de pescador, não obstante apenas ter à sua disposição uns engenhos muito rudimentares: dois bocados de fio encontrados na gaiola do doutor e como anzóis alguns espinhos de acácia iscados com bocadinhos de carne. Entre os peixes, que se viam aparecer à superfície do rio, decidir-se-iam alguns a morder?

Max Huber ajoelhara-se a estibordo da jangada, e Llanga, à sua direita, seguia a operação, não sem vivo interesse.

É de crer que os lúcios do rio Johausen não são menos estúpidos que vorazes, porque um deles não tardou muito em engolir o anzol. Depois de o ter *sufocado* — é o termo —, como os indígenas fazem ao hipopótamo apanhado nestas condições, Max Huber teve artes de o puxar para bordo, preso à ponta da sua linha. Esse peixe pesava bem oito a nove libras e podia ter-se a certeza de que os passageiros da jangada não esperariam pelo dia seguinte para se regalarem com ele.

Na paragem do meio-dia o almoço constou de lombo assado de *waterbuck* e do lúcio, do qual apenas ficaram as espinhas. Para o jantar combinou-se que fariam a sopa com um bom quarto de antílope. E, como isso necessitava de ser cozido durante muitas horas, o *foreloper* acendeu o fogo na proa da jangada e colocou sobre ele a panela. Depois disto a navegação prosseguiu sem interrupção

até à noite.

Durante a tarde a pesca foi infrutífera. Pelas seis horas, Khamis parou numa estreita praia rochosa, sombreada pelos ramos baixos de um gomeiro, da espécie *krabah.* Fora bem escolhido o lugar do acampamento.

Com efeito, abundavam entre as pedras os bivalves, mexilhões e ostráceos, que, crus uns e cozidos os outros, completaram com agrado a ementa da noite. Com três ou quatro bocados de biscoito e uma pitada de sal, a refeição nada deixaria a desejar.

Como a noite ameaçava ser escura, o *foreloper* não quis continuar a deixar-se levar pela corrente. O rio Johausen transportava por vezes troncos enormes. Uma colisão podia danificar muito a jangada. Acamparam por isso ao pé do gomeiro e sobre um montão de ervas. Graças à vigilância de John Cort, Max Huber e Khamis, o acampamento não teve nenhuma má visita. Somente os gritos dos macacos é que não cessaram desde o pôr até ao nascer do sol.

— E posso afirmar que que estes ao menos não falavam — exclamou John Cort, quando, ao romper o dia, foi banhar na água límpida do rio a cara e as mãos que os daninhos mosquitos não tinham poupado.

Nessa manhã a partida foi retardada uma boa hora. Caía uma chuva grossa. Era conveniente evitar esses duches diluvianos que o céu derrama tão frequentemente nas regiões da África Equatorial. A espessa folhagem do gomeiro preservou até certo ponto o acampamento, assim como a jangada, encostada às suas possantes raízes. Além disso, o tempo estava tempestuoso. Na superfície do rio, as gotas de água arredondavam-se em pequenas ampolas elétricas. A montante, ouviam-se alguns trovões, sem relâmpagos. O granizo não era para temer, visto que as imensas florestas da África têm o dom de lhe desviar a queda.

Entretanto, o estado da atmosfera era tão inquietante que John Cort julgou dever fazer esta observação:

— Se esta chuva não acaba, será preferível ficarmos onde estamos... Temos munições... as nossas cartucheiras estão carregadas... o que nos falta são fatos sobresselentes.

— Por isso — replicou Max Huber, rindo —, porque é que não nos vestimos à moda dos pretos... em pele humana?... Eis o que significaria a questão... Basta tomar um banho para lavar a roupa e esfregar-se no mato para ter o fato escovado!...

A verdade é que os dois amigos, havia uns oito dias, tinham de proceder todas as manhãs a essa lavagem, por falta de roupa para mudar.

Entretanto, a chuvada foi tão violenta que durou mais de uma hora. Aproveitou-se este tempo para se ir preparando o pequeno-almoço. Nesta refeição figurou um prato novo, que foi muito bem acolhido: ovos de abetarda postos de fresco, desencantados por Llanga, e que Khamis preparou com água a ferver da panela. Max Huber lamentou ainda desta vez que a senhora natureza se tivesse esquecido de pôr nos ovos um grão de sal, sem o qual tanto lhes custava a passar.

Pelas sete horas e meia, se bem que o céu se conservasse ainda tempestuoso, a chuva parou. Por isso a jangada retomou, ao meio do rio, a corrente.

Tendo sido colocadas várias linhas de pesca a reboque, alguns peixes fizeram o obséquio de cair nelas, a tempo de figurarem na ementa da refeição do meio-dia.

Khamis propôs não fazerem a paragem habitual, a fim de recuperarem o tempo perdido da manhã. Aceita a sua proposta, John Cort acendeu o fogo, e a panela em breve chiava sobre os carvões ardentes. Como havia ainda uma reserva suficiente de *waterbuck*, as espingardas conservaram-se em silêncio, não sem que Max Huber fosse várias vezes tentado por alguns casais de belas peças de carne que vagueavam ao longo das margens.

Esta parte da floresta era muito abundante em caça. Os voláteis aquáticos eram tão numerosos como os ruminantes. Frequentemente as cabeças dos *pallaks* e dos *sassabys*, que são uma variedade do antílope, levantavam as suas armas acima das ervas e canaviais das margens. Não era raro aproximarem-se os alces de grande corpulência, os gamos vermelhos, os *steinbucks*, gazelas de pequeno tamanho, os *koudous* das espécies dos cervos da África Central, os cuagas e mesmo as girafas, cuja carne é muito suculenta. Teria sido fácil abater alguns destes animais, mas para quê, visto que a alimentação estava assegurada até ao dia seguinte?... E, para mais, era inútil sobrecarregar e atravancar a jangada. Foi isto que John fez, justamente, observar ao seu amigo.

— Que quer, caro John? — confessou Max Huber. — A minha espingarda põe-se-me sozinha à cara quando vejo tão belos tiros ao meu alcance.

Todavia, isso seria atirar só por prazer, e, se bem que tal consideração não baste para impedir um verdadeiro caçador de atirar, Max Huber deu ordem terminante à sua carabina de se conservar quieta e de não apontar por si só. As proximidades não ecoaram pois com detonações intempestivas, e a jangada desceu tranquilamente o curso do rio Johausen.

Khamis, John Cort e Max Huber desfrutaram ensejo de se desforrar, nessa

tarde. As armas de fogo tiveram de fazer ouvir a sua voz — não já a voz da ofensiva, mas a da defensiva.

Uns doze quilómetros tinham já sido percorridos. O rio desenhava então caprichosas sinuosidades, se bem que a sua direção geral se conservasse sempre a do sudoeste. As suas margens, muito acidentadas, apresentavam uma orla de árvores enormes, principalmente bômbax, cujas comas se estendiam por sobre a superfície do rio.

Para se fazer uma ideia desses enormes para-sóis basta dizer-se que, apesar de o rio não ter diminuído na largura, que por vezes atingia de cinquenta a sessenta metros, os ramos baixos desses bômbax juntavam-se e formavam um caramanchão de verdura, sob o qual o rio fazia ouvir ligeiro sussurro. Uma grande quantidade desses ramos, emaranhados nas extremidades, ligavam-se por meio de cipós tortuosos, formando assim uma ponte vegetal sobre a qual *clows* ágeis, ou pelo menos os quadrúmanos, se podiam transportar de uma para outra margem.

As nuvens tempestuosas não haviam deixado ainda as zonas baixas do horizonte e o sol abrasava o espaço, lançando os seus raios perpendicularmente sobre o rio.

Por isso Khamis e os seus companheiros apreciavam em extremo a navegação sob esse espesso teto de verdura. Recordava-lhes o caminhar no meio da floresta pelos seus umbrosos caminhos, mas desta vez sem fadiga e sem os embaraços de um solo coberto de zízifos e outras ervas espinhosas.

— Decididamente esta floresta do Oubanghi é um parque — declarou John Cort —, um parque com os seus maciços arborescentes e as suas águas correntes!... Dir-se-ia estarmos na região do Parque Nacional dos Estados Unidos, nas nascentes do Missuri ou da Yellewstone!...

— Mas um parque onde pululam os macacos — observou Max Huber. — Parece que toda a família simiana combinou reunir-se aqui!... Estamos em pleno reino dos quadrúmanos, onde chimpanzés, gorilas e gibões reinam com toda a sua soberania!

Justificava esta observação a grande quantidade desses animais que ocupavam as margens, apareciam sobre as árvores ou corriam e saltavam nas profundezas da floresta. Nunca Khamis ou os seus companheiros tinham visto tantos, quer tão turbulentos, quer tão contorcionistas. Que de gritos, que de saltos e cambalhotas, e que série de carantonhas não podia um fotógrafo apanhar com a sua objetivai

— Afinal de contas — acrescentou Max Huber —, nada mais natural. Não

estamos nós no centro da África? Ora, entre os quadrúmanos e os indígenas congoleses (excetuando Khamis, é claro) parece-me que a diferença é pequena...

— Pois é precisamente aquela — replicou John Cort — que distingue o homem do animal, o ser provido de inteligência do ser apenas sujeito às impersonalidades do instinto...

— Este, porém, mais seguro que aquela, meu caro John!

— Não digo que não, Max. Mas esses dois fatores da vida estão separados por um abismo, e, enquanto este não for transposto, a escola transformista só infundadamente poderá pretender que o homem descende do macaco...

— Exatamente — respondeu Max Huber —, porque falta sempre um degrau da escada, um tipo entre o antropoide e o homem, com um pouco menos de instinto e um pouco mais de inteligência... E, se este tipo falta, é sem dúvida porque nunca existiu... Além disso, mesmo que ele existisse, a questão motivada pela doutrina darwiniana não ficaria ainda resolvida, na minha opinião, pelo menos.

Nesse momento havia alguma coisa melhor a fazer do que tentar resolver, por meio do axioma de que a natureza não procede por saltos, a questão de saber se todos os seres vivos se relacionavam entre si. O que se tornava necessário era tomar precauções e medidas contra as manifestações de uma raça temível pela sua superioridade numérica. Teria sido grande imprudência tratá-la como coisa de pouca monta, visto que esses quadrúmanos formavam um exército, recrutado em toda a população simiana do Oubanghi. Não era possível iludirem-se com as suas demonstrações e em breve se teriam de defender encarniçadamente.

O *foreloper* observava essa ruidosa agitação, não sem sérias inquietações. Mostravam-no as suas rudes feições, onde o sangue afluíra, as suas espessas sobrancelhas carregadas, o seu olhar de uma vivacidade penetrante, e a fronte, onde se cavavam largas rugas.

— Preparemo-nos — recomendou ele. — As carabinas que estejam carregadas e as cartucheiras ao alcance da mão. Não sei ainda como as coisas se vão passar...

— Ora! Um só tiro fará dispersar esses bandos... — observou Max Huber.

E levou à cara a carabina.

— Não atire, Sr. Max!... — exclamou Khamis. — Não devemos atacar... nem mesmo provocar!... Bem basta que tenhamos de nos defender...

— Mas é que eles começam... — replicou John Cort.

— Não respondamos senão quando isso se tornar indispensável... — insistiu Khamis.

A agressão não tardou em se tornar mais visível. Esses macacos, de que alguns tipos são dotados de força colossal, atiravam das margens pedras e bocados de ramos. Deitavam também projécteis de natureza mais inofensiva, entre outros os frutos arrancados das árvores.

O *foreloper* procurou manter a jangada a igual distância de uma e doutra margem. As pedras seriam assim menos perigosas por serem menos certeiras. Infelizmente não havia nenhum meio de se abrigarem contra esse ataque. Além disso, já muitos projécteis tinham atingido os passageiros, sem, é verdade, lhes causarem grande mal.

— Parece-me que já basta — declarou por fim Max Huber.

E, apontando a um gorila que se agitava no meio de um canavial, abateu-o à primeira. Ao ruído da detonação responderam clamores ensurdecedores. Os bandos não fugiram, nem a agressão terminou. Afinal, para exterminar esses macacos um após outro as munições não podiam chegar. Mesmo a uma bala por quadrúmano, a reserva em breve se esgotaria. Que fariam então os caçadores uma vez a cartucheira vazia?

— Não atiremos mais — ordenou John Cort. — O único resultado seria sobre-excitar esses malditos animais! Espero que ficaremos quites com algumas contusões sem importância...

— Obrigado! — respondeu Max Huber, que uma pedra acabava de atingir numa perna.

Continuou-se pois a descer, seguido pela dupla escolta das margens, muito sinuosas nessa parte do rio. Em certos adelgaçamentos do rio, aproximavam-se a ponto de a sua largura se reduzir a um terço. A marcha da jangada aumentava então com a velocidade da corrente.

Enfim, fechada a noite, talvez as hostilidades terminassem. Talvez os assaltantes se dispersassem através da floresta. Nesse caso, se fosse preciso, Khamis, em vez de fazer a paragem da tarde, arriscar-se-ia a navegar toda a noite. Ora eram ainda quatro horas, e até às sete a situação tornava-se inquietante.

Com efeito, o que a agravava era que a jangada não estava ao abrigo de uma invasão. Se os macacos, assim como os gatos, não gostam da água, e se não era de recear que se deitassem a nado, no entanto a disposição dos ramos sobre o rio permitia-lhes em vários sítios aventurarem-se por essas pontes de ramos e cipós e deixarem-se depois cair sobre as cabeças de Khamis e dos companheiros. Este exercício seria apenas um recreio para essas criaturas tão ágeis como daninhas.

Foi mesmo esta manobra que cinco ou seis grandes gorilas tentaram lá para

as cinco horas, numa curva do rio em que se juntavam os ramos dos bômbax. Esses animais, colocados a uns cinquenta passos a jusante, esperavam a passagem da jangada.

John Cort avistou-os: não eram duvidosas as suas intenções.

— Vão-nos cair em cima se os não obrigarmos a retirar...

— Fogo! — gritou o *foreloper.*

Ouviram-se três detonações. Três macacos, mortalmente feridos, depois de terem em vão tentando agarrar-se aos ramos, caíram ao rio.

Com clamores mais violentos uns vinte quadrúmanos meteram-se por entre os cipós, prontos a precipitar-se.

Tiveram de carregar à pressa as armas e atirar sem perder um momento. Seguiu-se uma fuzilaria bastante cerrada. Dez ou doze gorilas e chimpanzés foram mortos antes que a jangada chegasse à ponte vegetal, e os restantes, desanimados, fugiram pelas margens.

Uma reflexão que vinha ao espírito era que, se o professor Garner se tinha instalado nas profundezas dessa grande floresta, a sua sorte teria sido igual à do Dr. Johausen. Admitindo que este último fosse acolhido pela população florestal da mesma maneira que Khamis, John Cort e Max Huber, que mais seria preciso para explicar a sua desaparição? Em todo o caso, se tivesse havido agressão, ter-se-iam encontrado disso testemunhos inequívocos. Graças aos instintos destruidores dos macacos, a gaiola não teria ficado intacta e no seu lugar apenas se encontrariam destroços.

Nessa ocasião, porém, o mais urgente não era inquietarem-se com o doutor alemão, mas sim com o que aconteceria à jangada. Ora, precisamente, a largura do rio diminuía pouco a pouco. A cem passos à direita, para lá de uma ponta, a água rumorejante indicava a existência de um forte redemoinho. Se a jangada caísse nele, não sofrendo já a ação da corrente desviada pela ponta, seria arremessada contra a margem. Com a ginga, Khamis podia facilmente conservar a jangada no fio da corrente, mas fazer-lhe evitar os redemoinhos seria difícil. Os macacos da margem direita assaltá-la-iam em grande número. Por isso era necessário pô-los em fuga a tiros de espingarda. As carabinas foram postas de parte quando a jangada começava a girar sobre si mesma.

Instantes depois o bando desapareceu. Mas não eram as balas nem as detonações que os tinham dispersado. Havia uma hora que uma tempestade ia subindo para o zénite. O céu estava coberto de nuvens alvacentas. Nesse momento os relâmpagos esbraseavam o espaço, e o meteoro desencadeou-se com a prodigiosa rapidez particular às regiões baixas em latitude. Aos

formidáveis clarões do raio, os quadrúmanos sentiram essa perturbação instintiva que a influência elétrica produz em todos os animais. O terror fê-los procurar sob os mais espessos maciços um abrigo contra esses deslumbrantes fulgores, esse tremendo despedaçar das nuvens. Passados alguns minutos, as duas margens ficaram completamente desertas, e do bando apenas restavam, jazendo sobre os canaviais das margens, uns vinte corpos sem vida.

Capítulo 10 — *Ngora!*

No dia seguinte, o céu, sereno de novo — pode mesmo dizer-se limpo pelo poderoso espanador da trovoada —, ostentava a sua abóbada um azul áspero por sobre a folhagem das árvores. As pequenas gotas de orvalho das folhas e das ervas volatilizaram-se com o nascer do sol. O solo, rapidamente seco, prestava-se ao caminhar pela floresta. Mas não se tratava então de tomar a pé a direção do sudoeste. Se o rio Johausen se não afastasse dessa direção, Khamis contava atingir dentro duns vinte dias a bacia do Oubanghi.

A violenta perturbação atmosférica, os seus milhares de relâmpagos e de prolongados trovões e raios cessaram somente às três horas da madrugada. Depois de ter atravessado o redemoinho e acostado à praia, a jangada encontrara um abrigo num ponto em que se elevava um baobá enorme, cujo tronco, cavado no interior, apenas se conservava de pé aguentado pela casca. Havia lugar para Khamis e para os companheiros, apertando-se estes um pouco. Para lá transportaram o modesto material: utensílios, armas e munições, que não sofreram assim com as rajadas do vento e cujo reembarque se efetuou à hora da partida.

— Com franqueza, esta tempestade veio muito a propósito — observou John Cort, que conversava com Max, enquanto o *foreloper* preparava os Testos da caça para essa primeira refeição.

Enquanto conversavam, os dois homens ocupavam-se em limpar as carabinas, trabalho que se tornava necessário depois da viva fuzilaria da véspera.

Entretanto Llanga esquadrinhava os canaviais e as ervas à procura de ninhos e de ovos.

— Sim, meu caro John, a borrasca veio muito a propósito — aprovou Max Huber —, e praza ao céu que esses abomináveis animais não se lembrem de reaparecer, agora que está dissipada!... Em todo o caso, conservemo-nos de sobreaviso.

Khamis tinha receado que ao nascer do sol os quadrúmanos voltassem às margens. Mas em breve sossegou: a aurora foi pouco a pouco iluminando a floresta e não se ouviu nenhum ruído suspeito.

— Já percorri a margem na extensão de uns cem passos e não avistei nenhum macaco — afirmou John Cort.

— É bom sinal — volveu Max Huber — e espero não ter mais que utilizar os nossos cartuchos para nos defendermos deles!... Julguei que toda a nossa reserva se ia gastar com isso...

— E sem que a pudéssemos renovar — tornou John Cort. — Não podemos contar com outra gaiola para nos abastecermos de balas, pólvora e chumbo.

— Ah! — exclamou Max Huber. — Quando penso que o bom do doutor quis estabelecer relações com tais criaturas!... Que linda sociedade!... Agora para descobrir que termos eles empregam para se convidarem para jantar, ou como dão os bons-dias ou as boas-tardes, para isso é preciso ser um professor Garner, como há alguns na América... ou um Dr. Johausen, como há alguns na Alemanha e talvez mesmo em França.

— Em França, Max?

— Ora! Se se procurasse bem entre os sábios do Instituto ou da Sorbona, com certeza que se encontraria algum idio...

— Algum idiota? — repetiu John Cort, protestando.

— Idiomógrafo — corrigiu Max Huber — que fosse capaz de vir a estas florestas congolesas recomeçar as tentativas do professor Garner ou do Dr. Johausen!

— Em todo o caso, meu caro Max, ainda que haja a certeza no que diz respeito ao primeiro, que parece ter quebrado definitivamente as relações com a sociedade dos macacos, já o mesmo não sucede com o segundo, e receio bem que...

— Que os babuínos ou quaisquer outros lhe tenham quebrado os ossos! — prosseguiu Max Huber. — Pela maneira como ontem nos acolheram, pode bem ver-se se são seres civilizados ou mesmo se é possível que alguma vez o venham a ser.

— Quer saber, Max? A mim quer-me parecer que os animais são destinados a conservarem-se animais...

— E os homens, homens!... — replicou Max Huber, rindo. — Mas não importa... Eu é que teria grande pesar se tivesse de voltar a Libreville sem notícias do doutor.

— De acordo, mas o importante para nós seria podermos atravessar esta interminável floresta...

— Lá havemos de chegar...

— Pois sim, mas eu gostaria que fosse já coisa feita!

Apesar disso, o percurso apresentava bastantes probabilidades de bom êxito. Bastava abandonar a jangada à corrente do rio. No entanto, era necessário que o

rio Johausen não fosse embaraçado por rápidos, cortados por barreiras ou interrompido por quedas. E era isso, sobretudo, que o *foreloper* receava.

Nesse momento, Khamis chamou os companheiros para o almoço. Llanga voltou logo, trazendo alguns ovos de pata, que foram guardados para a refeição do meio-dia, antes da qual não era necessário renovar a provisão de caça.

— Tenho estado a pensar — sugeriu John Cort — que, para não despender inutilmente as munições, nos podíamos ir alimentando com a carne de macaco.

— Oh! Que ideia! — exclamou Max Huber.

— Ora vejam este enjoado!

— Pois quê, caro John? É lá coisa que se coma costelas de gorila, filetes de gibão, pernas de chimpanzé... ou um fricassé de mandris...?

— Não é mau de todo — afirmou Khamis. — Os indígenas não desdenham um grelhado desse género.

— De que eu, se fosse preciso, comeria também... — declarou John Cort.

— Antropófago!... — exclamou Max Huber. — Comer o seu semelhante...

— Obrigado, Max!...

Afinal de contas abandonaram às aves de rapina os quadrúmanos mortos durante a batalha. A floresta do Oubanghi possuía bastantes ruminantes e voláteis para que pudessem deixar de dar aos representantes da espécie simiana a honra de os introduzir num estômago humano.

Khamis teve sérias dificuldades para vencer os redemoinhos e para dobrar a ponta.

Todos trabalharam nesta manobra, que demorou perto de uma hora. Viram-se obrigados a cortar uns ramos de carvalhos novos, que, depois de desbastados, serviram de croques para se conservarem a distância conveniente, afastados da margem.

Como os redemoinhos não permitiam que a jangada se afastasse muito do areal, era para recear que o bando de macacos voltasse, porque desta vez seria impossível evitar-lhes o ataque lançando-se na corrente. E de uma luta tão desigual era quase impossível aos nossos viajantes saírem sãos e salvos.

Finalmente, depois de múltiplos esforços, a jangada passou para lá da extremidade da ponta e retomou o curso do rio Johausen.

O dia prometia ser belo. Nem ameaças de chuva, nem sintomas de tempestade no horizonte. Em compensação, os raios solares caíam perpendicularmente e o calor seria insuportável se não soprasse uma brisa fresca do norte, que seria de grande utilidade para a jangada se esta possuísse uma vela.

O rio, à medida que se estendia para sudoeste, ia-se tornando mais largo. Já

se lhes não deparavam essas ramagens entrelaçadas, formando como uns berços suspensos de uma a outra margem.

Nestas condições, já não apresentava o perigo da véspera a aparição de quadrúmanos ao longo das margens. E, felizmente, estes não deram sinal de vida.

Apesar disso, as margens do rio não estavam de todo desertas. Animavam-nas com o seu voejar e com os seus gritos numerosas aves aquáticas, tais como patos, abetardas, pelicanos, guarda-rios e outras espécies de pernaltas.

John Cort abateu vários casais desses voláteis, que, juntamente com os ovos desencantados por Llanga, constituíram a refeição da tarde. Além disso, para recuperar o tempo perdido, não pararam à hora habitual, decorrendo a primeira parte do dia sem o menor incidente.

Lá pela tarde, houve, porém, um alarme, infelizmente por motivos sérios.

Eram pouco mais ou menos quatro horas quando Khamis, que ia ao leme, à ré, pediu a John Cort que o substituísse e foi postar-se à proa, observando.

Max Huber levantou-se, verificou que nada se notava de anormal quer na margem direita, quer na esquerda, e perguntou ao *foreloper:*

— Que está observando?

— Aquilo.

E Khamis, de braço estendido, indicava uma violenta agitação das águas, a jusante da jangada.

— Oral Mais um redemoinho — disse Max Huber — ou, antes, uma espécie de *maelstrom* dos rios! Cuidado, Khamis, não vamos nós cair-lhe em cima.

— Mas não é um redemoinho — advertiu o *foreloper.*

— Então que poderá ser?

A esta pergunta respondeu, quase imediatamente, uma espécie de jato líquido que subia a uns dez pés da superfície das águas.

Max Huber, surpreendido, exclamou:

— Dar-se-á o caso que existam baleias nos rios da África Central?

— Não... mas há hipopótamos! — replicou o *foreloper.*

No mesmo instante ouviu-se um ruidoso ronco e viu-se emergir uma cabeça enorme, com maxilas armadas de fortes presas, ou, para empregar comparações singulares mas justas, o interior de uma boca semelhante a um pedaço de carne de carniceiro, e uns olhos comparáveis às trapeiras de uma choça holandesa! Assim se expressaram em seus relatórios alguns exploradores particularmente imaginativos.

Encontram-se destes hipopótamos desde o Cabo da Boa Esperança até o 23.º grau de latitude norte. Frequentam a maior parte dos rios dessas vastas regiões, assim como os pântanos e os lagos. No entanto, segundo se tem verificado, se o rio Johausen fosse afluente do Mediterrâneo — o que era impossível — não haveria que preocupar-se com os seus ataques. Nunca se encontraram hipopótamos em tais rios, exceto no alto Nilo.

O hipopótamo, se bem que seja de índole pacífica, é um animal temível. Por uma razão qualquer, quando sobre-excitado, ferido, ou quando acaba de ser arpoado, exaspera-se e precipita-se furioso contra os caçadores, que persegue ao longo das margens, ou arremessa-se contra as embarcações, que a sua corpulência permite virar, ou que as suas maxilas, capazes de decepar um braço ou uma perna, permitem arrombar.

Certamente que nenhum passageiro da jangada — ainda mesmo Max Huber, por muito destro que fosse nas proezas cinegéticas — pensava sequer em atacar tal anfíbio. Este, provavelmente, intentaria atacá-los e, se atingisse a jangada, se a chocasse, se lhe fizesse sentir o seu peso, que por vezes chega a ter duas toneladas, ou se a ferisse com as suas terríveis presas, quem valeria a Khamis e aos seus companheiros?

Como a corrente se apresentasse então rápida, talvez fosse preferível contentarem-se com segui-la, em lugar de se aproximarem de qualquer das margens. É verdade que em terra as suas investidas seriam mais facilmente evitadas, visto como lhes custa imenso a mexer-se com as suas curtas pernas e o ventre, que quase arrasta no solo. O hipopótamo parece-se mais com o porco do que com o javali. Por outro lado, no rio, a jangada estava à mercê dos seus ímpetos. Reduzi-la-ia a bocados e, supondo mesmo que os passageiros pudessem ganhar as margens a nado, que incómodo contratempo o de ter de construir outra jangada!

— Tentemos passar sem ser vistos — aconselhou Khamis —; deitemo-nos e, sem fazer o mínimo ruído, estejamos prontos a lançar-nos à água se for necessário.

— Encarrego-me da tua pessoa, Llanga — disse Max Huber.

Seguiram o conselho do *foreloper* e todos se deitaram na jangada, que a corrente arrastava com certa velocidade. Nessa posição havia talvez probabilidades de não serem vistos pelo hipopótamo.

Alguns momentos depois todos ouviram um sonoroso mugido, uma espécie de grunhir de porco, quando os movimentos da jangada indicavam que iam atravessando as águas movimentadas pelo enorme animal.

Passaram-se alguns segundos de viva ansiedade. Seria a jangada levantada pela cabeça do monstro ou submersa sob a sua pesada massa?

Khamis, John Cort e Max Huber só sossegaram a este respeito quando cessou a agitação das águas e diminuiu a intensidade do ronco, cujas quentes emanações haviam sentido ao passar. Ergueram-se então e não tornaram a ver o anfíbio, que tinha mergulhado até às regiões baixas do rio.

Na verdade, uns caçadores já habituados à luta com os elefantes, e que vinham de fazer uma campanha com a caravana de Urdax, não deviam amedrontar-se com o encontro do hipopótamo. Já várias vezes haviam tido ocasião de atacar esses animais, se bem que em condições mais favoráveis, nos pântanos do alto Oubanghi. Compreende-se pois as suas apreensões, sentindo-se a bordo de uma tão fraca reunião de pranchas, cuja perda seria das mais lamentáveis; foi na realidade uma grande felicidade o poderem evitar os ataques do formidável animal.

Quando chegou a noite, Khamis parou na foz de um ribeiro da margem esquerda. Não era possível escolher melhor sítio, junto de um bosque de bananeiras, cujas largas folhas os abrigavam. A margem estava nesse ponto coberta de moluscos comestíveis, que foram apanhados e comidos crus ou cozidos, conforme a espécie. Quanto às bananas, o seu gosto selvagem deixava muito a desejar. No entanto, a água do ribeiro misturada com o suco desses frutos forneceu um refresco assaz agradável.

— Tudo correria às maravilhas — afirmou Max Huber — se tivéssemos a certeza de dormir tranquilamente. Infelizmente, temos estes malditos insetos que não evitarão poupar-nos... Como não temos mosquiteiros, acordaremos crivados de picadelas.

E, na verdade, era essa a sorte que lhes estava reservada, se por acaso Llanga não tivesse achado meio de afugentar esses milhares de mosquitos que se juntavam em nuvens zoeirentas.

Tinha-se ele afastado subindo ao longo do ribeiro, quando se ouviu a sua voz a curta distância.

Khamis reuniu-se-lhe imediatamente e Llanga mostrou-lhe uns montículos de excrementos secos de antílopes, veados, búfalos e outros ruminantes que vinham regularmente beber àquele ponto.

Ora, o melhor e talvez o único processo de afugentar os mosquitos, processo que os indígenas empregam sempre que podem, consiste em misturar esta bosta a um fogo bem ateado, que produz espessa fumarada, particularmente sufocante.

Momentos depois tinham transportado para o pé das bananeiras uma boa

porção de excrementos. Ateou-se um fogo com ramos secos, onde o *foreloper* deitou algumas bostas. Produziu-se logo uma nuvem de fumo que limpou a atmosfera dos insuportáveis insetos.

O lume teve de ser sustentado durante toda a noite por John Cort, Max Huber e Khamis, que velaram por sua vez. Assim, logo ao romper do dia, bem refeitos por um bom sono, seguiram de novo na jangada a corrente do rio Johausen.

Nada há mais inconstante do que o tempo no clima da África Central. Ao céu claro da véspera sucedeu um céu plúmbeo, precursor de dia chuvoso. No entanto, como as nuvens se conservaram nas zonas baixas, apenas caiu uma chuvinha miúda, simples poeira líquida, mas ainda bastante desagradável.

Por felicidade, Khamis tivera uma excelente ideia. As folhas da bananeira da espécie *enseté* são talvez as maiores do reino vegetal. Os indígenas servem-se delas para os tetos das suas palhotas. Apenas com uma dúzia pôde Khamis armar, antes de partir, uma espécie de toldo ao centro da jangada, reunindo-as pelos pedículos com o auxílio de cipós. Os seus passageiros ficaram assim abrigados dessa chuva morrinhenta, que deslizava pelas folhas da bananeira.

Durante o dia apareceram alguns macacos na margem direita, uns vinte, de grande corpulência, e que pareciam decididos a recomeçar as hostilidades da antevéspera. O mais prudente era evitar qualquer contacto com eles, e obteve-se esse resultado conservando a jangada junto da margem esquerda, menos frequentada pelos bandos de quadrúmanos.

John Cort observou judiciosamente que deviam ser raras as relações entre as tribos simianas das duas margens, visto que a comunicação apenas se fazia pelas pontas de ramagem e cipós, dificilmente praticáveis ainda para os macacos.

Evitou-se a paragem do meio-dia e durante a tarde apenas se parou uma vez para embarcar um antílope *sassaby,* que John Cort abatera detrás de um moitedo de caniços numa curva do rio.

Nessa curva, o rio Johausen, obliquando para sudeste, deslocava quase de um ângulo reto a sua direção habitual. Este facto inquietou sobremodo Khamis, que se via assim internar no coração da floresta, quando o termo da viagem era do lado oposto, da banda do Atlântico.

Não se podia evidentemente pôr em dúvida que o rio Johausen fosse afluente do Oubanghi; mas que imenso percurso ter de ir procurar este confluente a algumas centenas de quilómetros, no centro do Congo independente!

Felizmente, após uma hora de navegação, Khamis reconheceu, graças ao seu instinto de orientação — visto como o sol continuava oculto —, que o curso de

água retomava a direção primitiva.

Podia pois esperar-se que o rio os conduzisse ao limite do Congo francês, donde seria fácil ganhar Libreville.

Às seis horas e meia, Khamis, com um vigoroso golpe da ginga, acostou à margem esquerda, ao fundo de uma pequena reentrância da costa, abrigada pelas largas ramagens de um *cail-cedrat* de espécie idêntica ao acaju das florestas senegalesas.

Se bem que a chuva tivesse parado, o céu conservava-se encoberto por brumas espessas, que o sol não conseguira atravessar. Não se devia, no entanto, concluir que a noite devesse ser fria. Qualquer termómetro marcaria de 25 a 26 graus centígrados. Em breve crepitou um fogo entre as pedras da cripta, que serviu unicamente para as exigências culinárias, isto é, para assar um quarto de *sassaby.* Desta vez Llanga em vão procurou moluscos que variassem a ementa ou bananas para temperar a água do rio Johausen, o qual, apesar de uma certa parecença de nome, como fez notar Max Huber, em nada lembrava o Johannisber, de M. de Metternich. Em compensação, saberiam livrar-se dos mosquitos pelo processo da véspera.

Às sete horas e meia ainda não era noite. Nas águas do rio refletia-se ainda uma vaga claridade. À superfície flutuavam montões de caniços e de plantas, e troncos de árvores arrancados às margens.

Enquanto John Cort, Max Huber e Khamis preparavam os leitos improvisados, amontoando braçados de erva seca ao pé das árvores, Llanga passeava na margem do rio, entretido a ver seguir pela superfície do rio esses restos flutuantes.

Nesse momento, a umas trinta toesas a montante, apareceu o tronco de uma árvore mediana, revestido ainda de toda a sua folhagem.

Fora quebrado a cinco ou seis pés das primeiras ramificações, onde a fratura estava ainda fresca.

Em volta desses ramos, dos quais os mais baixos mergulhavam na água, entrelaçava-se uma folhagem bastante espessa, algumas flores e frutos, enfim toda uma vegetação que resistira à queda da árvore.

Provavelmente, essa árvore fora ferida por alguma descarga da última tempestade. Do ponto em que se lhe firmavam as raízes tombara sobre a margem; e daí, escorregando pouco a pouco, desembaraçada dos caniços e finalmente tomada pela corrente, seguira ao sabor das águas, vogando de companhia com os numerosos restos à superfície do rio.

Não se vá imaginar que Llanga tivesse feito estas considerações ou que fosse

mesmo capaz de as fazer. Nem sequer talvez teria ligado maior importância a este tronco do que a qualquer outro dos que lhe passavam pela vista, se a sua atenção não fosse atraída de uma maneira particular.

Com efeito, pelos interstícios da ramagem, Llanga julgou distinguir uma criatura viva, que fazia gestos de quem pede socorro.

No meio da semiobscuridade não pôde enxergar o ser em questão. Seria de origem animal?

Indeciso, ia chamar Max Huber e John Cort, quando se produziu um novo incidente.

O tronco, que apenas estava a uns quarenta metros, obliquou na direção da calheta a que estava acostada a jangada.

Nesse instante ressoou um grito — um grito desesperado, como de um ser humano que pedisse socorro e auxílio — e quando o tronco passava em frente da jangada o ser desconhecido precipitou-se na corrente, com a intenção evidente de ganhar a margem.

Llanga julgou reconhecer uma criança de estatura inferior à sua. Essa criança devia ter-se encontrado na árvore no momento da queda. Sabia nadar? Talvez, mas com certeza muito mal e nunca o suficiente para atingir a margem. As forças iam-lhe faltando a olhos vistos. Debatia-se, mergulhava, tornava a aparecer e por vezes escapava-se-lhe dos lábios uma espécie de gemido soluçado.

Obedecendo aos sentimentos de humanidade, e sem ter tempo de prevenir ninguém, Llanga deitou-se ao rio e atingiu o ponto em que a criança acabava de desaparecer uma última vez.

Nesse momento, John Cort e Max Huber, que tinham ouvido o primeiro grito, acorreram ao ponto em que estivera Llanga.

Vendo que amparava um corpo à superfície do rio, estenderam-lhe a mão para o auxiliar a subir à margem.

— Que diabo foste tu pescar? — perguntou Max Huber.

— Uma criança... Sr. Max, uma criança que se ia afogando.

— Uma criança? — repetiu John Cort.

— Sim, Sr. John.

E Llanga ajoelhou junto do pequeno ser que acabava de salvar.

Max Huber curvou-se a fim de o observar mais de perto.

— Ah!... Não é uma criança! — declarou ele, levantando-se.

— Então o que é? — perguntou John Cort.

— É um macaquinho, um filhito desses abomináveis monos que nos

assaltaram no outro dia! E foi para evitar que ele se afogasse que tu arriscaste a pele?

— Uma criança... sim... é uma criança.

— Não, digo-to eu, e convido-te a deixá-lo reunir-se à família no fundo desses bosques.

Talvez porque não acreditasse no que lhe dizia o seu amigo Max, Llanga obstinava-se em ver uma criança nesse entezinho que lhe devia a vida e que continuava sem sentidos. Por isso, não querendo separar-se dele, tomou-o nos braços. Afinal, seria melhor deixá-lo fazer o que quisesse. Depois de o ter transportado ao acampamento, Llanga assegurou-se de que ele respirava ainda; friccionou-o, aqueceu-o e deitou-o em seguida numa cama de ervas secas, esperando que os olhos se lhe abrissem.

Tendo organizado os turnos de vigia como de costume, os dois amigos não tardaram em adormecer enquanto Khamis se conservava de guarda até à meia-noite. Llanga não conseguiu conciliar o sono. Estendido junto do macaquinho, espiava os menores movimentos do seu protegido, tomava-lhe as mãos e escutava a respiração... E qual não foi a sua surpresa quando, pelas onze horas, ouviu este nome, pronunciado com uma voz fraca: «Ngora, ngora», como se essa criança estivesse chamando a mãe.

Capítulo 11 — O Dia 19 de março

A distância vencida até à última paragem podia calcular-se em duzentos quilómetros, dos quais metade percorridos a pé e a outra metade na jangada. Seriam precisos outros duzentos para atingir o Oubanghi? Não, e, na opinião do *foreloper,* esta segunda parte da viagem far-se-ia rapidamente se nenhum obstáculo impedisse a navegação.

Embarcaram logo ao romper do dia com o passageiro suplementar, de que Llanga se não quisera separar. Depois de o ter colocado debaixo do abrigo de folhas, conservou-se junto dele, esperando que os seus olhos se abrissem.

Max Huber e John Cort tinham como ponto de fé que o tal entezinho não era mais que um membro da família dalgum quadrúmano do continente africano, dalgum chimpanzé, orangotango, gorila, mandril, babuíno ou qualquer outro. Nem sequer tinham pensado em o olhar mais de perto e em lhe ligar um pouco mais de atenção. Não se interessaram mais por ele. Que Llanga o tivesse salvo e por isso o quisesse guardar como se guarda um cãozito recolhido por piedade, vá! Não podia andar melhor do que fazendo dele um companheiro, o que mostrava os bons dotes do seu coração. E, afinal de contas, visto que os dois amigos haviam adotado o pequeno Llanga, também este tinha o direito de adotar um macaquito.

Provavelmente, assim que achasse ocasião de se safar para a floresta, este último abandonaria o seu salvador com essa ingratidão de que os homens não têm o exclusivo.

Na verdade, se Llanga dissesse a John Cort, a Max Huber ou mesmo a Khamis: «Este macaco fala! Repetiu três ou quatro vezes a palavra *ngora*», talvez assim chamasse a sua atenção e curiosidade.

Talvez se decidissem a examinar com mais cuidado esse animalzito. Talvez tivessem descoberto nele algum espécime de uma raça desconhecida: a dos macacos falantes!

Mas Llanga, com receio de ter ouvido mal e de se ter enganado, calou-se. Decidiu, porém, observar com cuidado o seu protegido e prevenir imediatamente os seus amigos se por acaso a palavra *ngora* ou qualquer outra se lhe escapasse dos lábios.

Foi esta uma das razões por que ele se conservou debaixo do toldo de

folhagem, tentando ministrar algum alimento a essa criaturinha, que parecia debilitada por demorado jejum. O alimentá-lo não era coisa fácil, visto como os macacos são frugívoros. Ora Llanga não tinha o mínimo fruto para lhe dar, nada, a não ser a carne de antílope que ele decerto não suportaria. Demais, ser-lhe-ia impossível comer debaixo do império de uma intensa febre que o fazia permanecer numa espécie de sonolência.

— Como vai o teu macaco? — perguntou Max Huber a Llanga quando este se mostrou uma hora depois da partida.

— Continua a dormir, meu caro Max.

— E queres conservá-lo?

— Sim... se me dá licença...

— Não vejo nenhum inconveniente nisso... Mas vê lá não te vá ele arranhar...

— Oh! meu amigo Max...

— É preciso desconfiar sempre! Esses animais são maus como os gatos...

— Mas este não... É tão novo ainda... e tem uma carinha tão meiga!...

— É verdade, visto que tu queres fazer dele um companheiro, vê se lhe dás um nome...

— Um nome! Qual!

— Ora qual! Joco, por exemplo. Todos os macacos se chamam Joco.

É muito provável que este nome não fosse muito do agrado de Llanga. Mas, enfim, calou-se e voltou para debaixo do abrigo.

Durante a manhã a navegação foi fácil e não tiveram muito que sofrer com o calor. A camada de nuvens era espessa de mais para que o sol a pudesse romper. E era na realidade uma felicidade, porque o rio Johausen seguia muitas vezes através de largas clareiras. Era impossível descobrir um abrigo ao longo das margens, onde as árvores eram raras. O solo tornava-se outra vez pantanoso. Seria preciso afastarem-se meio quilómetro para a direita ou para a esquerda para atingir os primeiros maciços. O que se tornava mais para recear era que a chuva caísse com a violência habitual. Felizmente, o céu limitou-se a ameaçar.

No entanto, se bem que as aves aquáticas voejassem em bandos por sobre os pântanos, os ruminantes não se mostravam, com vivo pesar de Max Huber. Aos patos e abetardas dos dias precedentes preferiria de bom grado algum antílope *sassaby, inyala, waterbuck* ou qualquer outro. Foi por esta razão que, postado à proa da jangada, de espingarda aperrada como um caçador emboscado, perscrutava com o olhar a margem de que o *foreloper* se aproximava consoante o capricho da corrente.

Tiveram de se contentar com as pernas e asas dos voláteis para a refeição do

meio-dia. Na verdade, não é para admirar que os sobreviventes da caravana do português Urdax se sentissem enfastiados da alimentação quotidiana. Sempre a mesma carne assada, cozida ou grelhada, sempre água pura, e nunca um fruto, um bocado de pão ou uma pitada de sal. Peixe, às vezes; mas quão imperfeitamente cozinhado! Tardava-lhes chegar aos primeiros estabelecimentos do Oubanghi, onde todas estas privações seriam logo esquecidas graças à generosa hospitalidade dos missionários.

Nesse dia, Khamis procurou em vão um lugar favorável para o acampamento. As margens, eriçadas de gigantescos caniços, pareciam inabordáveis. Na sua base, meio ensopada, como efetuar um desembarque? A viagem ganhava com isso, visto que a jangada não interrompia a sua marcha.

Navegaram assim até às cinco horas. Entretanto Max Huber e John Cort conversavam sobre os incidentes da viagem. Passavam em revista os diversos episódios desde a partida de Libreville: as interessantes e frutuosas caçadas nas regiões do alto Oubanghi, as grandes matanças de elefantes, os perigos destas expedições, de que eles se tinham sempre saído bem durante dois meses, depois o retorno realizado sem novidade até ao cômoro dos tamarindos, os fogos moventes, a aparição da formidável manada de paquidermes, a caravana atacada, os carregadores em fuga, o chefe Urdax esmagado pela queda da árvore, a perseguição dos elefantes, detidos pela orla da Grande Floresta...

— Triste desfecho de uma campanha tão feliz até então!... — concluiu John Cort. — E quem sabe se não será seguido de um segundo não menos desastroso.

— É possível, mas quanto a mim não é provável, caro John.

— Com efeito, exagero talvez.

— Com certeza! Esta floresta não tem mais mistérios que os seus grandes bosques do Far West. Nem sequer temos um ataque de peles-vermelhas a recear! Aqui, nem nómadas, nem sedentários, nem Chilus, nem Denkas, nem Monboutus, essas ferozes tribos que infestam as regiões do nordeste gritando — «Carne!, Carne!», como perfeitos antropófagos que sempre foram!... Não, este curso de água, a que demos o nome do Dr. Johausen, de que eu tanto desejaria encontrar vestígios, este rio, tranquilo e seguro, conduzir-nos-á sem fadigas à sua confluência com o Oubanghi.

— O Oubanghi, caro Max, que nós teríamos igualmente atingido contornando a floresta consoante o itinerário do pobre Urdax, e isso numa confortável carruagem, onde nada nos faltaria até ao termo da viagem.

— Tendes razão, John, e talvez isso fosse melhor!... Decididamente esta floresta é das mais banais e não merece ser visitada!... É apenas um bosque, um

grande bosque, nada mais!... E, contudo, a princípio despertou-me a curiosidade... Lembra-se desses fachos que brilhavam através dos ramos das primeiras árvores?... E, afinal... ninguém! Como diabo desapareceram esses indígenas? Às vezes ponho-me a procurá-los nos ramos dos baobás, dos bômbax, dos tamarindos e de outros gigantes da família florestal!... Mas nada! Nem um ser humano!...

— Max!... — chamou de repente John Cort.

— John! — respondeu Max Huber.

— Olhe nesta direção... lá adiante, na margem esquerda.

— Que é? Algum indígena?

— Sim, mas um indígena de quatro patas!... Lá adiante, por cima dos canaviais, um magnífico par de defesas recurvadas em forma de carena...

O *foreloper* olhava atento nessa direção.

— Um búfalo... — disse ele.

— Um búfalo — repetiu Max Huber, deitando a mão à carabina.

— Eis um famoso prato de resistência, que, se eu o apanho ao alcance...

Khamis fez um vigoroso movimento com a ginga. A jangada aproximou-se obliquamente da margem. Momentos depois estava apenas a trinta metros.

— Quantos bifes em perspetiva! — murmurou Max Huber, com a carabina descansando no joelho esquerdo.

— O primeiro tiro é seu, Max — disse-lhe John Cort. — Eu darei o segundo, se for necessário.

O búfalo não parecia disposto a mudar de lugar. Colocado a sotavento, aspirava o ar a plenos pulmões, sem ter o pressentimento do perigo que o esperava. Como era impossível apontar-lhe ao coração, tinham de apontar à cabeça. Foi o que Max Huber fez assim que o teve seguramente na linha de mira.

Ouviu-se a detonação. A cauda do animal voltejou por detrás dos caniços, ferindo o espaço um doloroso bramido, e não o mugido habitual dos búfalos, prova de que recebera o golpe mortal.

— Está pronto — exclamou Max Huber, servindo-se desta expressão eminentemente francesa.

Com efeito, John Cort não teve de repetir o tiro, o que economizou um segundo cartucho. O animal, caído junto dos caniços, escorregou até à praia, lançando um jato de sangue, que avermelhou ao longo da margem a água tão límpida do rio Johausen.

A fim de não perder esta magnífica peça, a jangada dirigiu-se para o sítio em que o ruminante caíra, tomando o *foreloper* as disposições necessárias para o

esquartejar ali mesmo, a fim de lhe aproveitar as partes comestíveis.

Os dois amigos não cessavam de admirar este espécime dos gigantescos bois selvagens da África. Quando estes animais percorrem as planícies em manadas de duzentos a trezentos, pode imaginar-se que furiosa galopada no meio de nuvens de poeira levantadas à sua passagem!

Era um *onja*, nome pelo qual designam os indígenas um touro solitário, maior que os seus congéneres da Europa, com a fronte mais retraída, o focinho mais alongado e as armas mais resistentes. A pele do *onja* serve para fabricar objetos de uso comum, de grande resistência, os chifres fornecem a matéria-prima para as tabaqueiras e os pentes, os seus pelos, ásperos e pretos, servem para estofar cadeiras e selas, e finalmente com os seus lombos, entrecostos e costelas obtém-se um alimento tão substancial como saboroso, quer se trate dos búfalos da Ásia ou da África ou do búfalo da América. Em suma, Max Huber dera um tiro feliz. Se um *onja* não cai à primeira bala, torna-se temível quando arremete contra o caçador.

Ajudado pela machadinha e pela faca, Khamis tratou de despedaçar o búfalo, auxiliado o melhor possível pelos seus companheiros. Como era preciso não sobrecarregar a jangada com um peso inútil, bastavam uns vinte quilos dessa apetitosa carne para assegurar a alimentação durante muitos dias.

Ora, enquanto Khamis e os companheiros tratavam desta importante operação, Llanga, em geral tão curioso pelas coisas que interessavam os seus amigos Max e John, deixara-se ficar na jangada por motivo imperioso.

Efetivamente, ao ruído da detonação, o entezinho saíra do letargo em que se conservava e, com os braços, fizera um ligeiro movimento. Embora não abrisse ainda as pálpebras, escapara-se de novo, da sua boca entreaberta, dos seus lábios descorados, a única palavra que Llanga surpreendera até então:

— «Ngora, ngora!»

Desta vez Llanga estava certo de se não enganar. Com efeito, a palavra ferira bem o seu ouvido, singularmente articulada e com uma espécie de cicio provocado pelo r de *ngora.*

Tocado pelo tom doloroso dessa pobre criatura, Llanga tomou-lhe a mão abrasada pela febre, que durava desde a véspera. Encheu a chávena de água fresca, de que tentou em vão introduzir-lhe na boca algumas gotas. Os dentes, de uma brancura imaculada, conservavam-se cerrados. Llanga então, molhando um tufozinho de ervas secas, humedeceu-lhe delicadamente os lábios, o que pareceu fazer-lhe algum bem. A sua mão premiu ao de leve aquela que a segurava e a

palavra «ngora» de novo foi pronunciada.

Não se esqueça que esta palavra, de origem congolesa, é empregada pelos indígenas para significar: «mãe»... Dar-se-ia o caso de este entezinho chamar a sua?

A simpatia de Llanga traduzia-se numa compaixão bem natural ao pensar que talvez essa palavra se fosse perder num último suspiro! Um macaco!... — dissera Max Huber. — Não, não era um macaco!...

Eis a ideia de Llanga que ele, na sua insuficiência intelectual, não podia explicar.

Permaneceu assim durante uma hora, já acariciando a mão do seu protegido, já humedecendo-lhe os lábios, para somente o deixar quando o sono de novo se apoderou dele.

Llanga, decidido então a dizer tudo, procurou os seus amigos na margem, enquanto a jangada, repelida de terra, recaía na corrente.

— Então, como vai o teu macaco? — perguntou Max Huber, rindo.

Llanga olhou para o seu amigo como se hesitasse em responder. Depois, pousando a mão no braço de Max Huber:

— Não é um macaco — disse.

— Não é um macaco? — repetiu John Cort.

— Sempre é muito teimoso o nosso Llanga — observou Max Huber. — Vejamos. Aposto que estás convencido de que é uma criança como tu?...

— Uma criança, sim... mas não como eu...

— Escuta lá, Llanga — tornou John Cort, levando o caso mais a sério que o companheiro — afianças que é uma criança?

— Sim, falou esta noite...

— Falou?

— E tornou a falar há bocadinho.

— E que disse esse pequeno prodígio? — perguntou Max Huber.

— Disse: «ngora».

— O quê? Essa palavra que eu também já ouvi? — exclamou John Cort, sem ocultar a sua admiração.

— Sim, «ngora» — afirmou Llanga.

Só havia duas hipóteses: ou Llanga fora vítima de uma ilusão ou tinha perdido a cabeça.

— Verifiquemos — disse John Cort —, e, se for verdade, é pelo menos um caso bem extraordinário.

E ambos penetraram debaixo do abrigo para examinar o dorminhoco.

Não há dúvida de que, à primeira vista, se era tentado a incluí-lo na raça simiana. O que logo John Cort verificou com espanto é que se achava em frente de um bímano e não de um quadrúmano. Ora, segundo as últimas classificações de Blumenback, geralmente admitidas, sabe-se que o homem pertence a essa ordem do reino animal. Essa singular criatura apenas tinha duas mãos, ao passo que todos os macacos, sem exceção, têm quatro. Os pés pareciam conformados para a marcha e não eram preênseis como os dos tipos da raça simiana.

John Cort, em primeiro lugar, fez notar isto a Max Huber...

— Curioso, muito curioso! — respondeu este.

Quanto à estatura, não ia além de setenta e cinco centímetros.

Parecia, além disso, estar ainda na infância e não ter mais de cinco a seis anos. A pele, desprovida de pelos, apresentava ligeira pelugem loira. Na testa, no mento e nas faces nenhum vestígio do sistema piloso, que apenas se apresentava no peito, nas coxas e nas pernas. As orelhas terminavam num lóbulo arredondado e mole, diferente do dos quadrúmanos, que quase são desprovidos deste apêndice.

Os braços não eram demasiado grandes. A natureza não o tinha presenteado com esse quinto membro, comum à maioria dos macacos, a cauda, que lhes serve para o tato e para a preensão. Tinha a cabeça de forma arredondada, o ângulo facial de oitenta graus pouco mais ou menos, o nariz achatado e a testa pouco inclinada. Se não eram cabelos o que lhe cobria a cabeça, era pelo menos uma espécie de carapinha idêntica à dos indígenas da África Central. Evidentemente esse tipo partilhava mais do homem que do macaco pela sua conformação geral e provavelmente pela organização interna também.

Imagine-se o grau de admiração a que chegaram Max Huber e John Cort, ao verem-se em presença de um ser absolutamente novo que nenhum antropologista tinha ainda observado e que, em suma, parecia constituir o intermédio entre a humanidade e a animalidade.

E, depois, Llanga afirmara que ele falava — a menos que o indígena não tivesse tomado por palavra articulada apenas um grito não correspondendo a nenhuma ideia, um grito devido ao instinto e não à inteligência.

Os dois amigos permaneciam calados, esperando que a boca do pequeno ser se entreabrisse, enquanto Llanga continuava a humedecer-lhe a testa e as fontes. A respiração tornava-se entretanto menos entrecortada, a pele menos abrasada. O acesso de febre decaía. Finalmente os lábios distenderam-se ligeiramente.

— «Ngora, ngora» — pronunciou ele.

— Por Deus! — exclamou Max Huber. — Isto ultrapassa os limites da razão.

E nem um nem outro queriam acreditar no que acabavam de ouvir.

O quê! Então esse ser, quem quer que fosse, mas que não ocupava seguramente o grau superior da escala animal, possuía o dom da palavra! Se é verdade que só pronunciara até então essa palavra da língua congolesa, não era de supor que pudesse empregar outras, que tivesse ideias e que soubesse traduzi-las por frases?

Era para lamentar que as pálpebras se não descerrassem para se poder nelas procurar esse olhar em que o pensamento se reflete e que traduz tantas coisas. Mas não, as pálpebras continuavam cerradas e nada indicava que estivessem prestes a abrir-se.

Entretanto John Cort, curvado sobre ele, espiava as palavras ou os gritos que lhe pudessem escapar. Tinha-lhe amparada a cabeça com as mãos, sem o acordar, e qual não foi a sua surpresa quando se lhe deparou um cordão enrolado em volta desse pequeno pescoço.

Fez correr nas mãos, para lhe encontrar o nó, esse cordão, feito de uma trança de seda, e ei-lo que exclama:

— Uma medalha!...

— Uma medalha! — repetiu Max Huber.

John Cort desatou o cordão. Sim, uma medalha em níquel, do tamanho de uma pequena moeda, com um nome gravado de um lado e um perfil no verso.

O nome e o perfil eram do Dr. Johausen.

— Ele! — exclamou Max Huber. — E este petiz, decorado com a ordem do doutor alemão, de quem encontrámos a gaiola vazia!

Que essas medalhas estivessem espalhadas na região do Camarão, não era nada extraordinário, porquanto o Dr. Johausen tinha-as por várias vezes distribuído aos congoleses e congolesas. Mas que uma insígnia desse género estivesse atada precisamente ao pescoço desse estranho habitante da floresta do Oubanghi, ultrapassava todas as raias.

— É fantástico — declarou Max Huber —, e, a menos que estes semimacacos, semi-homens, não tenham roubado esta medalha na caixa do doutor...

— Khamis!... — chamou John Cort.

Se John Cort chamava o *foreloper* era para o pôr ao corrente destas coisas extraordinárias e para lhe perguntar o que pensava a respeito da descoberta.

No mesmo instante fez-se ouvir a voz do *foreloper* gritando:

— Sr. Max... Sr. John!

Os dois jovens saíram do abrigo e aproximaram-se de Khamis.

— Escutem! — disse este.

Quinhentos metros a jusante o rio obliquava bruscamente para a direita, numa curva em que as árvores reapareciam em espessos maciços. O ouvido sentia vir dessa direção um rugido surdo e contínuo, em nada semelhante aos mugidos dos ruminantes ou aos roncos das feras. Era uma espécie de murmúrio confuso que aumentava à medida que a jangada avançava nessa direção.

— Ruído suspeito... — observou John Cort.

— E de que eu ignoro a natureza — acrescentou Max Huber.

— Talvez exista lá adiante uma queda ou um rápido... — tornou o *foreloper.* — O vento sopra do sul e eu sinto o ar molhado...

Khamis não se enganava. À superfície do rio passava como que um vapor líquido, que só podia provir de uma violenta agitação das águas.

Se é que o rio estava impedido por um obstáculo e se a navegação ia ser interrompida, isso constituía uma eventualidade assaz grave para que Max Huber e John Cort pudessem pensar em Llanga ou no seu protegido.

A jangada era arrastada com certa rapidez e para lá da curva saberiam as causas desse longínquo tumulto.

Uma vez vencida a curva, os receios do *foreloper* foram infelizmente justificados.

Proximamente cem toesas mais abaixo, avistava-se um agrupamento de rochas escuras que formava uma barreira que interrompia a corrente de uma a outra margem, exceto num ponto em que as águas se precipitavam, coroando-se de espuma. De ambos os lados vinham chocar contra um dique natural, por sobre o qual ressaltavam em certos sítios.

Era simultaneamente um rápido, ao centro, e uma queda lateralmente. Se a jangada não atingisse uma das margens e se a não fixassem aí solidamente, seria arrastada e quebrar-se-ia contra a barreira, a menos que se não voltasse no rápido.

Todos conservavam a maior calma. De resto, era preciso não perder um instante porque a velocidade da corrente acentuava-se.

— Para a margem... Para a margem! — gritou Khamis.

Eram já seis horas e meia e, como o tempo estava brumoso, o crepúsculo apenas deixava uma claridade duvidosa, que já não permita distinguir os objetos.

Este obstáculo, junto a tantos outros, dificultava a manobra.

Foi em vão que Khamis tentou dirigir a jangada para terra. As suas forças eram insuficientes. Max Huber acorreu para, juntos, resistirem ao ímpeto da corrente, que os arrastava em linha reta para o centro da barreira. Os dois

obtiveram certo resultado e teriam conseguido afastar-se da corrente se a ginga se não quebrasse de súbito.

— Preparemo-nos para nos lançar sobre as rochas antes de sermos arrebatados pelo rápido... — comandou Khamis.

— Não temos outra coisa a fazer — aprovou John Cort.

Com todo este ruído Llanga acabava de sair do abrigo.

Em lugar de pensar em si, pensou no outro, na criança. Foi tomá-la nos braços e ajoelhou à ré.

Um minuto depois a jangada entrava no rápido. Talvez passasse sem tocar nas rochas e sem se virar!...

Infelizmente não sucedeu assim e foi contra as pedras da esquerda que o frágil aparelho esbarrou com extrema violência. Em vão Khamis e os companheiros tentaram agarrar-se às rochas, para onde, no entanto, conseguiram jogar a caixa de cartuchos, as armas e os utensílios...

Todos foram precipitados no turbilhão, enquanto a jangada, despedaçada de encontro ao obstáculo, desaparecia arrastada pelas ondas revoltas.

Capítulo 12 — Na Floresta

No dia seguinte três homens descansavam junto de um braseiro, cujos últimos tições acabavam de se consumir. Depois de terem envergado de novo os fatos secos ao fogo, incapazes de resistir ao sono, tinham caído adormecidos, vencidos pela fadiga.

Que horas eram? Ou mesmo, era noite ou dia? Nenhum deles saberia responder. Em todo o caso, calculando o tempo decorrido desde a véspera, era de supor que o sol estivesse acima do horizonte. Mas em que direção ficava o leste? Também ficaria sem resposta esta pergunta se a tivessem feito.

Estariam então esses três homens no fundo de alguma caverna ou em qualquer lugar impenetrável à luz do dia?

Não, mas em volta deles agrupavam-se as árvores em tão grande quantidade que limitava a vista à distância dalguns metros. Mesmo com o fogo ateado seria impossível descobrir qualquer carreiro praticável para peões no meio dos enormes troncos entrelaçados por cipós. As margens inferiores formavam um teto a uns cinquenta pés somente da superfície do solo. A folhagem por cima era tão densa que nem o brilho das estrelas nem os raios do sol conseguiam atravessá-la. Uma prisão não seria mais escura nem as paredes mais impenetráveis do que as deste coração da Grande Floresta.

Nesses três homens reconhecer-se-ia John Cort, Max Huber e Khamis.

Por que concurso de circunstâncias se encontravam eles neste lugar?... Ignoravam-no. Depois do embate da jangada na barreira e não podendo agarrar-se às rochas, tinham sido precipitados nas águas do rápido e ignoravam por completo o que se passara em seguida. A quem deviam o *foreloper* e os companheiros a salvação? Quem os havia transportado até esses espessos maciços antes que voltassem a si?

Infelizmente, nem todos tinham escapado ao desastre. Faltava um: o filho adotivo de Max Huber e de John Cort, o pobre Llanga, assim como o pequeno ser que ele já salvara uma vez...

E quem sabe se não fora por o querer salvar de novo que perecera juntamente com ele?

Khamis, John Cort e Max Huber não tinham agora nem munições, nem armas, nem utensílios, a não ser as facas de algibeira e a machadinha que o

foreloper trazia presa à cintura. A jangada desaparecera. De resto, de nada lhes serviria, visto ignorarem em que direção ficava o rio Johausen.

E como resolver a questão da alimentação? Iriam faltar os produtos da caça? Ficariam reduzidos a comer raízes e frutos selvagens, problemático e insuficiente recurso? Não era a perspetiva de morrerem de fome em pouco tempo?

Não antes de dois ou três dias, no entanto, porque o que restava do búfalo fora depositado junto deles. Depois de terem aquinhoado algumas fatias já cozidas, adormeceram junto do fogo, prestes a apagar-se.

John Cort, que foi quem acordou primeiro, achou-se envolvido numa obscuridade tão profunda como se fosse noite. Quando os seus olhos se habituaram às trevas, distinguiu vagamente Max Huber e Khamis deitados junto das árvores. Antes de os acordar, John Cort avivou o fogo, amontoando os carvões que ardiam debaixo da cinza.

Em seguida apanhou uma braçada de ramos mortos e ervas secas, e em breve os clarões de uma chama crepitante iluminaram o acampamento.

— Agora — declarou John Cort — tratemos de sair daqui.

O crepitar do fogo não tardou a acordar Max Huber e Khamis, que se puseram de pé no mesmo instante. Ao terem conhecimento da situação fizeram o que era lógico fazer: reunir conselho.

— Onde estamos nós? — perguntou Max Huber.

— No sítio para onde tiveram a bondade de nos transportar... — respondeu John Cort —, e quanto ao resto não sabemos mais nada...

— Provavelmente estamos aqui há uma noite e um dia — acrescentou Max Huber. — Seria por acaso ontem que a jangada se quebrou de encontro às rochas? Khamis, sabe alguma coisa a este respeito?

Como resposta, o *foreloper* contentou-se a abanar a cabeça. Era impossível calcular o tempo decorrido ou mesmo determinar as condições em que se realizara o salvamento.

— E Llanga? — perguntou John Cort. — Sucumbiu provavelmente, visto que já não está connosco. Aqueles que nos salvaram não o puderam tirar do rápido.

— Pobre criança! — suspirou Max Huber. — Tinha por nós uma afeição tão viva! E nós amávamo-lo, ter-lhe-íamos dado um futuro tão feliz! Tê-lo arrancado das mãos desses Denkas, para agora... Pobre criança!

Os dois amigos não teriam hesitado em arriscar a sua vida por Llanga... Mas eles próprios haviam estado bem prestes a perecer e não sabiam na verdade a

quem deviam a vida.

É escusado dizer que já nem sequer pensavam na singular criatura salva por Llanga e que decerto se afogara juntamente com ele. Preocupavam-nos outras questões — questões bem mais graves do que esse problema de antropologia relativo a um ser, metade homem, metade macaco.

John Cort tornou:

— Ainda mesmo quando concentro as minhas recordações, não sou capaz de me lembrar dos factos que se seguiram à colisão contra a barreira... Momentos antes quer-me parecer ter visto Khamis, de pé, lançando para sobre as rochas as armas e utensílios.

— Sim — confirmou Khamis — e com tanta felicidade que nenhum caiu ao rio... Depois...

— Depois — continuou Max Huber —, no momento em que íamos ser engolidos... julguei distinguir... sim... distinguir uns homens...

— Com efeito — respondeu vivamente John Cort —, uns homens, uns indígenas, que, gritando e gesticulando, se precipitaram na direção das rochas...

— O quê? Os senhores viram alguns indígenas? — perguntou o *foreloper,* surpreendido.

— Uns doze, pouco mais ou menos — respondeu Max Huber —, e foram eles muito provavelmente que nos retiraram do rio...

— E que depois, sem que tivéssemos voltado a nós, nos transportaram até este sítio... mais este resto de provisões... Finalmente, após terem acendido este fogo, trataram de desaparecer quanto antes.

— E desapareceram mesmo tão bem — acrescentou Max Huber — que nem deixaram vestígios!... Mostraram que pouco se importavam com a nossa gratidão...

— Paciência, meu caro Max — replicou John Cort. — É possível que estejam nas proximidades do acampamento... Como admitir que nos tivessem posto aqui para em seguida nos abandonarem?

— E em que lugar! — exclamou Max Huber. — Custa a acreditar que haja na floresta do Oubanghi maciços tão espessos... Estamos completamente às escuras.

— Pois sim... mas será dia? — observou John Cort.

Esta questão não tardou a resolver-se afirmativamente. Apesar da opacidade da folhagem distinguia-se para lá dos cimos das árvores, da altura de cem a cento e cinquenta pés, uma vaga claridade do dia. Não sofria dúvida de que o sol iluminasse então o horizonte. Os relógios de Max Huber e de John Cort, tendo

mergulhado na água do rio, já não podiam indicar as horas. Tinham pois de se guiar pela posição do disco solar e mesmo isso só seria possível se os seus raios penetrassem através das ramagens.

Enquanto os dois amigos trocavam estas diversas impressões, a que não sabiam responder, Khamis escutava-os sem pronunciar palavra. Levantara-se e percorria o limitado espaço que as árvores gigantes deixavam livre, cercado por uma barreira de cipós e de zízifos espinhosos, procurando descobrir um canto do céu no intervalo dos ramos; tentava servir-se do seu instinto de orientação, que nunca encontraria ensejo em que fosse mais útil. Se bem que tivesse já atravessado todas as florestas do Congo ou do Camarão, nunca se internara em regiões tão impenetráveis. Esta parte da Grande Floresta não podia comparar-se com a que ele e os companheiros haviam vencido desde a orla até ao rio Johausen. A partir desse ponto tinham-se sempre dirigido na direção aproximada do sudoeste. Ora, o instinto de Khamis permitir-lhe-ia determinar essa direção?

No momento em que John Cort, percebendo a sua hesitação, o ia interromper, Khamis perguntou-lhe:

— Sr. Max, está certo de ter visto os indígenas junto da barreira de rochas?

— Tenho a certeza de os ter visto no momento em que a jangada se despedaçava de encontro às rochas.

— E em que margem?

— Na esquerda.

— Veja bem... na margem esquerda?

— Sim... na margem esquerda.

— Estamos então a leste do rio?

— Sem dúvida, e, por consequência, na parte mais profunda da floresta — explicou John Cort. — Mas a que distância do rio Johausen?

— A distância não pode ser considerável — declarou Max Huber. — Calculá-la em alguns quilómetros seria exagerar... É inadmissível que os nossos salvadores, quem quer que sejam, nos tenham transportado muito longe.

— Também me quer parecer que o rio não pode estar muito longe — afirmou Khamis. — Por isso, seria bom ver se o atingimos e recomeçar depois a navegação para lá do rápido, assim que tivermos construído uma nova jangada...

— E como havemos de viver até lá e, depois, antes de alcançar o Oubanghi?... — objetou Max Huber. — Já não temos o recurso da caça...

— Além disso — notou John Cort —, de que lado será o curso de água? É verdade que desembarcámos na margem esquerda, mas, na impossibilidade em que estamos de nos orientar, pode acaso afirmar-se que o rio fica nesta direção,

de preferência àquela outra?

— Em primeiro lugar, façam favor de me dizer por onde havemos de sair deste matagal...

— Por acolá — respondeu o *foreloper.*

E mostrava uma abertura no maciço dos cipós, através da qual ele e os seus companheiros deviam ter sido introduzidos. A partir dessa fenda distinguia-se uma senda obscura e sinuosa que parecia praticável.

Aonde conduzia essa vereda? Ao rio Johausen?... Nada menos certo... Cruzar-se-ia com outras?... Não se arriscavam a perder-se nesse labirinto?

Por outro lado, antes de vinte e quatro horas, o que restava do búfalo teria sido devorado...

E depois?... Quanto a saciar a sede, as bem frequentes chuvas afastavam qualquer receio a esse respeito.

— Em todo o caso — observou John Cort —, não é criando raízes aqui que nos tiramos de embaraços. Temos de mudar de poiso quanto antes.

— Comamos primeiro — propôs Max Huber.

Dividiram entre si pouco mais ou menos um quilo de carne e tiveram de se contentar com essa magra refeição.

— E dizer que nem sequer sabemos se isto é um almoço ou um jantar! — tornou Max Huber.

— Que importa! — replicou John Cort. — O estômago não faz essas distinções...

— Pois sim, mas precisa de beber e acolheria agora algumas gotas do rio Johausen como o vinho da melhor lavra de França...

À medida que iam comendo tornavam-se silenciosos. Transpirava dessa obscuridade um vago sentimento de mal-estar e inquietação. Os húmidos vapores do solo tornavam mais pesada ainda a atmosfera dessa cúpula de folhagem. E nesse meio, que até para o voo das aves parecia impróprio, nem um grito, nem um canto, nem um bater de asas se fazia sentir. Às vezes ouvia-se a queda de um ramo seco, amortecida ao contacto com o tapete de vegetação esponjosa que se estendia de um a outro ramo. Outras vezes, um silvo agudo e entre as folhas secas a restolhada de uma dessas serpentes do mato, de cinquenta a sessenta centímetros, mas, felizmente, inofensivas. Quanto aos insetos, esses voejavam e zumbiam como de costume e não tinham poupado as mordeduras.

Terminada a refeição, todos se levantaram.

Depois de ter apanhado o bocado de búfalo, Khamis dirigiu-se para a passagem que deixavam entre si os cipós.

Nesse momento Max Huber gritou com voz forte e por várias vezes:

— Llanga!... Llanga!... Llanga!...

Mas foi em vão! Nenhum eco respondeu ao nome do jovem indígena.

— Partamos — disse o *foreloper.*

E tomou a dianteira.

Max, que tinha entretanto posto pé na vereda, exclamou:

— Uma luz!...

Max Huber e John Cort aproximaram-se rapidamente.

— Indígenas? — inquiriu um.

— Esperemos! — respondeu outro.

A luz — muito provavelmente um archote inflamado — apresentava-se na direção do carreiro, a algumas centenas de passos. Apenas iluminava as profundezas da floresta num raio muito limitado, projetando vivos clarões na parte inferior da ramagem.

Para onde se dirigia o portador desse archote?... Estava só? Seria para temer algum ataque ou prestar-lhes-iam socorro?

Khamis e os companheiros hesitavam em se internar na floresta.

Passaram-se dois ou três minutos.

O facho permanecia imóvel. Dada a sua fixidez, não era possível admitir que essa luz fosse a de algum fogo-fátuo.

— Que devemos fazer? — perguntou John Cort.

— Dirigirmo-nos para essa luz, visto que ela não vem ter connosco — respondeu Max Huber.

— Vamos, então — disse Khamis.

O *foreloper* deu alguns passos na vereda. O facho afastou-se imediatamente. Teria o seu portador notado que os três estranhos se haviam posto em movimento? Queria guiar-lhes a marcha através desses escuros maciços e conduzi-los ao rio Johausen ou a qualquer outro curso de água afluente do Oubanghi?

Mas não havia tempo a perder. Era mister acompanhar essa luz e tratar depois de seguir o caminho do sudoeste.

E ei-los seguindo a estreita vereda, num solo em que as ervas desde há muito não tinham sido pisadas, os cipós quebrados ou o mato afastado pela passagem de homens ou de animais.

À parte as árvores já conhecidas, Khamis e os companheiros notaram algumas espécies mais raras, como por exemplo o *gura crepitans,* de frutos

explosivos, que até então só se encontrara na América na família das euforbiáceas, cuja casca branda contém uma substância leitosa e cujos frutos explodem com grande ruído, lançando a distância as sementes; e também o *tzofar*, a árvore que assobia, entre cujos ramos o vento silvava como numa fenda e que não fora ainda encontrada senão nas florestas nubianas.

John Cort, Max Huber e Khamis foram andando assim durante aproximadamente três horas, e quando pararam, após esta primeira caminhada, a luz parou também no mesmo instante.

— Decididamente é um guia, e um guia verdadeiramente atencioso!... Se soubéssemos ao menos aonde ele nos conduz!

— Que nos faça sair deste labirinto — respondeu John Cort —, não peço mais!... Então, Max, isto tudo não será ainda bastante extraordinário?...

— Contanto que o não venha a ser demasiado!... — acrescentou John Cort.

Durante a tarde, a sinuosa vereda não cessou de colear sob os maciços, cada vez mais opacos. Khamis caminhava à frente, e os seus companheiros seguiam-no em fila indiana, porque só havia passagem para uma pessoa.

Se apressavam às vezes o passo para se aproximarem do guia, este apressava igualmente o seu, conservando invariavelmente a mesma distância.

Lá para as seis horas da tarde deviam ter percorrido, segundo calculavam, umas cinco léguas a contar da partida.

No entanto, a intenção de Khamis era seguir a luz a despeito da fadiga, enquanto esta se mostrasse. Ia, pois, pôr-se de novo em marcha quando a luz se apagou de súbito.

— Paremos — disse John Cort. — É evidentemente alguma indicação...

— Ou talvez uma ordem — observou Max Huber.

— Então obedeçamos e passemos a noite neste local — replicou o *foreloper.*

— E amanhã — tornou John Cort — a luz aparecerá de novo?

Essa era a questão.

Estenderam-se junto do tronco de uma árvore. Dividiram entre si um bocado de búfalo e foi-lhes felizmente possível matar a sede num fiozinho de água que serpejava por entre as ervas. Se bem que as chuvas fossem frequentes nessa região florestal, havia quarenta e oito horas que não caía uma única gota.

— Quem sabe mesmo se o nosso guia não terá escolhido este lugar precisamente por saber que nele encontraríamos onde saciar a sede?...

— Delicada atenção — observou Max Huber, colhendo por meio de uma folha enrolada uma pouca dessa límpida e fresca água.

Por mais inquietante que fosse a situação, o cansaço levou a melhor e o sono

não se fez esperar.

John Cort e Max Huber, porém, não adormeceram sem falar mais uma vez de Llanga...

Pobre criança! Ter-se-ia afogado no rápido?... Se se tinha salvo, por que razão o não haviam tornado a ver?... Porque não tinha ele procurado os seus amigos John e Max?

Quando acordaram, uma ténue claridade que se coava através dos ramos indicou que era dia. Khamis julgou poder concluir que tinham seguido a direção de leste. Infelizmente, era seguir a pior das direções...

Em todo o caso, era mister porem-se de novo em marcha.

— E a luz? — perguntou John Cort.

— Ei-la que aparece de novo — advertiu Khamis.

— Na verdade — exclamou Max Huber —, é a estrela dos Reis Magos. É pena que nos não conduza para o ocidente e que não saibamos quando chegamos a Belém...

O dia 22 de março decorreu sem nenhum incidente. O facho luminoso não cessou de guiar o pequeno grupo, sempre na direção de leste.

De cada lado da vereda o mato parecia impenetrável: troncos apertados uns contra os outros e um inextricável entrançado de tojos. Parecia que o *foreloper* e os seus companheiros se tinham internado através de um interminável desfiladeiro de verdura.

Em certos pontos, no entanto, alguns carreiros não menos estreitos cortavam a vereda escolhida pelo guia, e no meio dos quais Khamis se não saberia orientar.

Não se lhes deparou um único ruminante. Também, como podiam os animais de grande corpulência aventurar-se até lá? Já não encontraram essas passagens de que o *foreloper* se aproveitara para atingir as margens do rio Johausen.

Por isso, mesmo que os dois caçadores tivessem as suas espingardas, estas seriam inúteis, visto que não se apresentava nem uma peça de caça.

Era pois com uma apreensão muito justificada que John Cort, Max Huber e o *foreloper* viam o seu alimento quase totalmente gasto. Mais uma refeição e acabar-se-ia de todo. E que seria deles se no dia seguinte não chegassem ao seu destino, isto é, ao termo da extraordinária caminhada feita ao capricho dessa luz misteriosa?

Como na véspera, a luz apagou-se lá para a tarde, e essa noite, como a anterior, passou-se sem novidade.

John Cort, que se levantou primeiro que os seus companheiros, acordou-os para lhes comunicar:

— Alguém veio aqui enquanto dormíamos!...

Com efeito, tinham acendido um fogo, de que se conservavam algumas brasas em ignição, e por cima de um ribeirinho e pendurado dos ramos baixos de uma acácia balouçava-se um pedaço de antílope.

Desta vez Max Huber nem sequer fez ouvir uma exclamação de surpresa.

Nem ele nem os seus companheiros queriam discutir o estranho da situação, esse guia desconhecido que os conduzia para um sítio não menos desconhecido, esse génio da grande floresta em cuja peugada seguiam desde a antevéspera.

A fome fazia-se sentir a valer e Khamis tratou de grelhar o pedaço de antílope, que bastaria para as duas refeições do meio-dia e da tarde.

Nesse momento o archote deu o sinal de partida.

Tornaram a pôr-se em marcha nas mesmas condições.

No entanto, à tarde, notaram que a espessura da folhagem diminuía pouco a pouco.

A luz coava-se já em maior quantidade através da folhagem das árvores. Contudo, foi ainda impossível distinguir o ser que caminhava na vanguarda.

Assim como na véspera, umas cinco ou seis léguas, segundo o cálculo, foram vencidas nesse dia. A partir do rio Johausen o percurso podia cifrar-se já nuns sessenta quilómetros.

Nessa tarde, no momento em que se apagou o facho, Khamis, John Cort e Max Huber pararam. Era sem dúvida noite, porque uma obscuridade profunda envolvia esses maciços.

Muito fatigados com essas longas caminhadas, deitaram-se ao pé de uma árvore e adormeceram depois de terem acabado o bocado de antílope e de haverem saciado a sede com a água fresca de um ribeiro.

E em sonhos — certamente — não julgou Max Huber ouvir os sons de um instrumento, que tocava por cima da sua cabeça a valsa do «Freischütz», de Weber?

Capítulo 13 — A Aldeia Aérea

Quando o *foreloper* e os seus companheiros acordaram no dia seguinte, notaram com grande surpresa que a escuridão era ainda mais profunda nesta parte da floresta. Seria dia? Ninguém poderia responder. O que é facto é que a luz, que havia sessenta horas lhes servia de guia, já se não mostrava. Deste modo, tomava-se necessário esperar que ela reaparecesse para se porem em marcha.

No entanto, John Cort fez uma observação, de que ele e os seus companheiros tiraram imediatamente certas consequências.

— Parece-me estranho — disse — que não tenhamos encontrado fogo aceso esta manhã, como me parece estranho também que ninguém tenha vindo durante a noite trazer-nos as provisões do costume.

— E é para lamentar, porque das anteriores já nada resta — acrescentou Max Huber.

— Talvez isto queira dizer que chegámos ao final da viagem — sugeriu o *foreloper.*

— Onde? — perguntou John Cort.

— Aonde quer que nos conduzam, meu velho e caro John Cort...

Era uma resposta que não correspondia à pergunta, mas não havia maneira de ser mais explícito.

Outra observação: se a floresta era mais escura, nem por isso era mais silenciosa. Percebia-se como que uma zoada contínua, um rumor desordenado que parecia vir dos ramos superiores. Olhando com atenção distinguia-se vagamente como que um teto, ou plataforma, suspenso a uns cem pés do solo.

Era fora de dúvida que a essa altura os ramos se emaranhavam de forma a não deixar um único interstício por onde a claridade do dia conseguisse infiltrar-se Um teto de colmo não seria mais impenetrável à luz. Esta particularidade explicava a escuridão que envolvia Khamis e os companheiros.

No sítio em que os três tinham acampado nessa noite o solo estava muito modificado. O chão mostrava-se completamente desprovido desses enredados tojos ou dos zízifos espinhosos que o obstruíam para uma e outra banda da vereda. Apenas uma erva rasteira onde nenhum ruminante «poderia medir a largura da sua língua».

Imagine-se uma planície à qual nem as chuvas nem as nascentes refrescassem jamais a superfície!

As árvores, que deixavam entre si intervalos de vinte a trinta pés, pareciam colunas de uma construção colossal e os seus ramos deviam cobrir uma área de muitos mil metros de superfície.

Esta enorme aglomeração de árvores era constituída por sicómoros africanos, cujo tronco se compõe de uma série de lamelas soldadas entre si; por bômbax de tronco simétrico e raízes gigantescas e de um porte superior ao dos seus congéneres; por baobás, fáceis de conhecer pelo tronco em forma de abóbora na base de uma circunferência de vinte a trinta metros e coroado por um enorme feixe de ramos pendentes; por palmeiras *doum*, de tronco bifurcado; por palmeiras *deleb*, de tronco corcovado; pelas árvores queijeiras de tronco escavado numa série de buracos em que um homem cabe enovelado; por acajus que produzem bolas de um metro e cinquenta de diâmetro e em cujo tronco se podem cavar embarcações de quinze a dezoito metros de comprido, deslocando três a quatro toneladas; por dagoeiros de dimensões gigantescas e, finalmente, por babuínas, simples arbustos noutras latitudes e constituindo aqui um dos gigantes da família das leguminosas. Dificilmente se faz uma ideia do que era, a algumas centenas de pés, o conjunto das copas de todas estas árvores.

Passou-se perto de uma hora. Khamis lançava olhares em todos os sentidos, esperando ver aparecer a luz condutora. Por que razão havia ele de renunciar a seguir o seu guia? É verdade que o seu instinto, assim como certas observações que fizera, eram concordes em o levar a supor que tinham sempre seguido a direção de leste. Ora, não era desta banda que se estendia o curso do Oubanghi, não era esse o caminho de regresso. Para onde os havia então arrastado essa estranha luz?

E visto que ela não reaparecia, que deviam fazer?... Deixar o acampamento?... Mas para ir aonde?... Ficar no mesmo sítio? E como alimentar-se em marcha? A fome e a sede apertavam já.

— No entanto — disse John Cort —, sempre temos de partir e quer-me parecer que talvez fosse melhor pormo-nos já a caminho.

— Em que direção? — objetou Max.

Essa era a questão, porque não havia nenhuns indícios que levassem a resolvê-la.

— Enfim — replicou John Cort, já impaciente —, que eu saiba, as pernas ainda nos não faltam. É possível circular-se entre estas árvores e a escuridão não é tão profunda que a gente não veja para nos orientarmos.

— Em marcha — ordenou Khamis.

E os três iniciaram um reconhecimento na extensão de meio quilómetro. Pisavam invariavelmente o mesmo solo limpo de mato, o mesmo tapete nu e seco tal como seria ao abrigo de um teto impenetrável tanto à chuva como aos raios do sol. Por toda a parte as mesmas árvores, de que apenas se viam os ramos inferiores. E sempre esse rumor confuso que parecia vir do alto e cuja origem continuava inexplicável.

O interior dessa floresta seria completamente deserto?... Não, porque por várias vezes Khamis julgara distinguir sombras que deslizavam por entre as árvores. Seria ilusão? Khamis não sabia o que devia pensar de tais visões. Enfim, depois de meia hora de infrutuosas pesquisas, ele e os seus companheiros acabaram por se sentar junto do tronco de uma bauínia.

Os seus olhos começavam a habituar-se à obscuridade, que, além disso, se ia pouco a pouco atenuando. O sol nascente fazia chegar alguma claridade ao solo, também abrigado por esse teto de verdura. Já se podiam distinguir os objetos a vinte passos.

De súbito, ouviram o *foreloper* pronunciar estas palavras em voz baixa:

— Está qualquer coisa a mexer, ali adiante...

— Animal ou homem? — perguntou John Cort, olhando nessa direção.

— Não sei, mas nesse último caso havia de ser uma criança — observou Khamis —, porque é de pequena estatura.

— Ora, é um macaco! — exclamou Max Huber.

E os três conservaram-se imóveis e silenciosos para não espantar o quadrúmano. Se conseguissem deitar-lhe a mão, oh! então, mesmo apesar da repugnância pela carne simiana manifestada por Max Huber e John Cort... É verdade que, sem fogo, como haviam de o grelhar ou assar?

O tal ser simiesco ia-se aproximando pouco a pouco, sem manifestar nenhum espanto. Caminhava sobre as patas traseiras e parou por fim a alguns passos.

Qual não foi o espanto de John Cort e de Max Huber quando reconheceram nele o ente que Llanga tinha salvo, o protegido do indigenazinho!...

— Ele, é ele...

— Sem dúvida nenhuma.

— Mas então, visto que está aqui, também Llanga deve estar.

— Estão certos de se não enganarem? — perguntou o *foreloper.*

— Certíssimos — afirmou John Cort —, e, senão, já vamos ver...

Tirou da algibeira a medalhinha encontrada na criança e, segurando-a pelo fio, balançou-lha diante dos olhos no fito de a atrair.

A criança, assim que deu com os olhos na medalha, formou um salto para lhe deitar a mão. Já não estava doente. Durante esses três dias de ausência recobrara a saúde e ao mesmo tempo a ligeireza natural. Por isso precipitou-se sobre John Cort com a intenção evidente de se apoderar da relíquia.

Mas Khamis deitou-lhe a mão de repente e desta vez não foi já a palavra *ngora* que o ouviram pronunciar, mas, antes, estas outras, nitidamente articuladas:

— «Li Maï! Ngala... ngala!»

Khamis e os companheiros nem sequer tiveram tempo para ver se percebiam a significação destas palavras de uma língua desconhecida mesmo para o *foreloper.* De súbito viram aparecer uns outros indivíduos da mesma espécie, estes porém de grande estatura e não tendo menos de cinco pés e meio dos calcanhares ao alto da cabeça.

Khamis, John Cort e Max Huber não tinham podido ver se se tratava de homens ou de quadrúmanos. Era inútil tentar resistir a estes selvagens da Grande Floresta, talvez em número de doze. O *foreloper* e os seus companheiros foram agarrados pelos braços, impelidos para a frente, obrigados a caminhar por entre as árvores, e, cercados pelo bando, só pararam depois de um percurso de quinhentos a seiscentos metros.

Neste sítio a inclinação de duas árvores bastante próximas uma da outra permitira fixar-lhes uns ramos transversais dispostos de modo a constituir como que uns degraus. Embora não fosse propriamente uma escadaria, sempre era melhor do que uma escada de mão. Cinco ou seis indivíduos dos da escolta marinharam por ela acima, enquanto os restantes obrigavam os prisioneiros, ainda que sem brutalidade, a seguir o mesmo caminho.

À medida que se elevavam, a luz que se infiltrava através da ramagem ia-se tornando mais intensa. Por entre os interstícios conseguiam enfim passar alguns desses raios de sol de que Khamis e os seus companheiros se viam privados desde que se tinham apartado do curso do rio Johausen.

Mas Huber estaria de má-fé se se recusasse a concordar que este facto entrava decididamente na categoria das coisas extraordinárias.

E ficaram realmente surpreendidos quando, aproximadamente a uns cem pés do solo, terminou a ascensão. Diante deles estendia-se uma plataforma amplamente iluminada pelo sol. Por cima ostentavam-se as comas verdejantes das árvores. À sua superfície estavam dispostas com certa ordem algumas cabanas de terra pisada amarela e de folhagem, alinhando ruas cujo conjunto

formava a esta altura do solo uma aldeia de tal modo extensa que se lhe não podiam avistar os limites.

Sobre esta plataforma iam e vinham um sem-número de indígenas de espécie semelhante à do protegido de Llanga. A postura, idêntica à do homem, indicava que tinham o hábito de andar de pé, tendo assim direito ao qualificativo de *erectus*, dado pelo Dr. Eugénio Dubois aos pitecantropos encontrados nas florestas de Java — caráter antropogénico que este sábio, de acordo com as previsões de Darwin, considera como um dos mais importantes do intermediário entre o homem e o macaco[2].

Vários antropologistas têm afirmado que os quadrúmanos mais elevados na escala simiana, os que mais se aproximam da conformação do homem, diferem dele no entanto pela particularidade de se servirem dos quatro membros quando fogem, observação que na realidade se não podia aplicar aos habitantes da aldeia aérea.

Mas Khamis, Max Huber e John Cort tiveram de deixar para mais tarde as suas observações a este respeito. A escolta composta destes seres, quer eles se devessem ou não classificar entre o homem e o macaco, foi-os empurrando para uma das habitações, conversando num idioma incompreensível no meio de uma população que os olhava sem grandes mostras de admiração.

A porta fechou-se atrás deles e ficaram afinal encarcerados na sobredita cabana.

— Sim, senhor... — exclamou Max Huber. — E o que me admira mais é que estas originais criaturas nem parecem prestar-nos atenção. Dar-se-á o caso que já tenham visto homens?

— É possível — replicou John —, mas o que resta saber é se terão o hábito de alimentar os seus prisioneiros...

— Ou se não terão antes o de se alimentar à custa deles!... — acrescentou Max Huber.

E, com efeito, visto que, nas tribos africanas, os Monboutus e outros exercem ainda a prática do canibalismo, porque não teriam estes selvagens, que em nada lhes eram afinal inferiores, o hábito de comer os seus semelhantes— ou quase semelhantes?

Em todo o caso, o que não sofria dúvida era que estes seres fossem antropoides de uma espécie superior aos orangotangos de Bornéu, aos chimpanzés da Guiné, ou aos gorilas do Gabão, que são os que mais se aproximam da humanidade. Com efeito, sabiam fazer fogo e empregá-lo em

diversos usos domésticos: basta recordar o fogo do primeiro acampamento e o facho que o guia conduzira através dessas sombrias solidões. E veio-lhes então à ideia de que as chamas moventes da orla da floresta podiam muito bem ser obra desses estranhos habitantes da Grande Floresta.

Na realidade, admite-se que certos quadrúmanos fazem uso do fogo. Assim, Emir Paxá conta que os bosques de Msob-Rgonia se povoavam nas noites estivais de bandos de chimpanzés conduzindo fachos acesos a fim de penetrarem nas plantações para roubar frutos.

Convinha igualmente notar que estes seres, de espécie desconhecida, tinham todas as analogias com o homem no que respeita à postura e ao caminhar. Nenhum outro quadrúmano seria mais digno do nome de orangotango, que significa literalmente: *homem dos bosques.*

— E depois é preciso notar que falam — acrescentou John Cort, em seguida a várias observações trocadas a respeito dos habitantes da aldeia aérea.

— Pois bem, se falam, é porque têm frases para exprimir o que sentem, e não se me daria de saber agora as que eles usam para significar: «Morro de fome» ou: «Quando vai a gente para a mesa»?

Dos três prisioneiros era Khamis quem estava mais atarantado. Era coisa que não podia entrar no seu cérebro, pouco habituado a discussões de antropologia, que esses seres não fossem animais e esses animais macacos. Seriam, muito embora, macacos que andavam, falavam, faziam fogo e viviam em aldeias, mas, enfim, macacos, e nada mais. Achava mesmo muito extraordinário que na floresta de Oubanghi existissem espécie de que nem sequer havia ainda conhecimento.

A sua dignidade de indígena do continente negro sentia-se ferida por serem esses animais tão aproximados, pelas suas faculdades naturais, dos seus próprios congéneres.

Há duas espécies de prisioneiros: uns que se resignam com a sorte, outros que se não conformam com ela.

John Cort e o *foreloper*, e sobretudo o impaciente Max Huber, pertenciam à segunda categoria. Além da fatalidade de estarem enclausurados no fundo dessa cabana, a impossibilidade de ver através das paredes opacas, as inquietações do futuro e a incerteza no que respeita ao desfecho dessa aventura eram de molde a preocupá-los deveras. E, para mais, a fome apertava: a última refeição datava já dumas quinze horas.

Havia, no entanto, uma circunstância sobre que se podia fundar alguma, embora vaga, esperança: era o facto de o protegido de Llanga habitar essa aldeia

— sua aldeia natal, provavelmente —, no seio da família, se admitirmos que o se que se chama família exista nestes selvagens do Oubanghi.

— Ora — dissera John Cort —, visto que a criança foi salva do turbilhão, é natural supor que Llanga o fosse também. Decerto que, depois disso, se não separaram, e se Llanga vem a saber que três homens foram trazidos para esta aldeia, como não há de ele compreender que se trata de nós? Em suma, até aqui ainda nos não fizeram mal e é provável que também o não tenham feito a Llanga.

— O protegido está evidentemente são e salvo, mas o protetor estará também? Nada nos prova que o nosso pobre Llanga não tenha perecido no rio.

Nada, com efeito.

Nesse momento a porta da cabana, que era guardada por dois vigorosos macacões, abriu-se e apareceu o pequeno.

— Llanga... Llanga! — exclamaram ao mesmo tempo os dois amigos.

— Meu amigo Max, meu amigo John!...— respondeu Llanga, caindo-lhes nos braços.

— Há quanto tempo estás tu aqui? — perguntou o *foreloper.*

— Desde ontem de manhã.

— E como vieste até cá?

— Conduziram-me através da floresta.

— Então os que te levavam caminhavam mais depressa que nós?

— Muito depressa.

— E quem é que carregou contigo?

— Um dos que me tinham salvo... e que vos salvaram também...

— Homens?

— Sim, homens, e não macacos... Não, macacos não!...

Sempre afirmativo, o jovem indígena. Em todo o caso, o mais que podiam ser era sem dúvida tipos de uma raça particular, afetados do sinal «menos» em relação à humanidade... Talvez uma raça intermediária de primitivos ou espécimes desses antropopitecos que faltam na escala animal.

Llanga, então, tratou de contar sumariamente a sua história, não sem ter primeiro beijado por várias vezes as mãos do francês e do americano, salvos como ele na ocasião em que o rápido os arrastara e que não esperava tornar a ver.

No momento em que a jangada esbarrara com as rochas, ele e Li-Maï tinham sido precipitados na corrente...

— Li-Maï? — interrogou Max Huber.

— Sim, Li-Maï, é o seu nome. Repetiu-o muitas vezes, apontando para si: «Li-Maï, Li-Maï...»

— Então ele tem um nome? — perguntou John Cort.

— Evidentemente, John! Quando se fala é muito natural ter-se um nome!

— E essa gente, ou tribo ou como quiserem, também tem um nome? — perguntou John Cort.

— Tem. São os Wagddis... — elucidou Llanga. — Lembro-me de Li-Maï lhes chamar Wagddis!

Na realidade, esse nome não pertencia à língua congolesa. Mas, Wagddis ou não, o que é certo é que estes indígenas estavam na margem esquerda do rio Johausen quando se produzira a catástrofe. Uns correram para a barreira e lançaram-se na corrente em socorro de Khamis, John Cort e Max Huber, outros em socorro de Li-Maï de Llanga. Este, porém, desmaiara, não se lembrava de nada do que se passara em seguida e cuidava que os seus amigos se tivessem afogado no rápido.

Quando Llanga voltou a si, achou-se nos braços de um robusto wagddi, o próprio pai de Li-Maï, o qual estava por seu turno nos braços da *ngora*, sua mãe. Só se podia admitir que, alguns dias antes de ser encontrada por Llanga, a criança se tivesse perdido na floresta e que seus pais se tivessem lançado em sua procura. Sabe-se como Llanga o salvara e como, sem este auxílio, teria perecido nas águas do rio.

Bem tratado e bem cuidado, Llanga foi transportado para a aldeia wagddiana. Li-Maï em breve readquiriu as forças, perdidas pela fome e pela fadiga. Depois de ter sido o protegido de Llanga, tornou-se o seu protetor. O pai e a mãe de Li-Maï tinham-se mostrado muito reconhecidos para com o jovem indígena. O reconhecimento que existe nos animais pelos serviços que lhes são prestados, porque se não havia de encontrar também em seres que lhes são superiores?

Em suma, nessa manhã mesmo, Li-Maï conduzira Llanga à cabana dos dois amigos. Por que razão? Ignorava-o, então. Mas ouviu umas vozes, prestou ouvidos e reconheceu serem as de John Cort e Max Huber.

Eis o que se passara depois da separação na barreira do rio Johausen.

— Bem, Llanga, muito bem, mas, como nós morremos de fome, se tu pudesses... graças às tuas sérias proteções e antes de continuar a narração...

Llanga saiu e voltou em breve com algumas provisões: um grande pedaço de búfalo grelhado, temperado à maravilha, uma meia dúzia de frutos de acácia adansónia chamados «pães-de-macaco» ou «pães-de-homem», algumas bananas

frescas e, numa cabaça, uma água límpida adicionada do suco leitoso do látex, destilado de um cipó de cauchu da espécie *landolfia africa.*

Compreende-se facilmente que a conversação tivesse de ser interrompida. John Cort, Max Huber e Khamis tinham uma formidável necessidade de se alimentar para se poderem mostrar exigentes pela qualidade.

Do pedaço de búfalo, do pão e das bananas, apenas deixaram os ossos e as cascas.

John Cort, então, interrogou o pequeno, informando-se se os Wagddis eram numerosos.

— Muitos, muitos!... Vi muitos... nas ruas, nas cabanas... — respondeu Llanga.

— Tantos como nas aldeias do Bornu ou do Bighirmi?

— Sim.

— E nunca descem?

— Sim... descem... para apanhar raízes e frutos e para recolher água...

— E falam?

— Sim, mas eu não os compreendo... E, no entanto... há certas palavras... umas palavras... que eu conheço... como as que diz Li-Maï.

— E o pai e a mãe dessa criança?

— Oh! são muito bons para mim: e tudo o que eu vos trouxe vem deles.

— Não tarde que eu lhes testemunhe todo o meu reconhecimento... — declarou Max Huber.

— E esta aldeia nas árvores como se chama?

— Ngala.

— E em Ngala existe algum chefe? — perguntou John Cort.

— Existe.

— Viste-o?

— Não, mas ouvi chamarem-lhe Msélo-Tala-Tala.

— São palavras indígenas! — exclamou Khamis.

— E que significam essas palavras?

— O Tio-Espelho — explicou o *foreloper.*

É assim, com efeito, que os Congoleses designam um homem que usa óculos.

Capítulo 14 — Os Wagddis

Sua Majestade Msélo-Tala-Tala, rei da tribo dos Wagddis e governador da aldeia aérea! Eis um facto, deve convir-se, de molde a preencher todas as aspirações de Max Huber.

Na fúria da sua imaginação de francês, não idealizava ele, sob as profundezas da misteriosa floresta do Oubanghi, gerações novas, cidades desconhecidas e todo um mundo extraordinário de que ninguém jamais suspeitara a existência?

E via agora plenamente justificadas as suas aspirações.

Foi ele o primeiro a regozijar-se por ter previsto os factos com tanta exatidão, antes mesmo que John Cort o interpelasse com esta não menos exata observação:

— Está provado, caro amigo, que é, como os poetas, adivinho, e que adivinhou...

— Pois sim, caro John, mas no entanto não tenho a intenção de acabar a minha existência na capital desta tribo semi-humana dos Wagddis...

— Então, caro John! Temos de nos demorar aqui o suficiente para estudar esta raça sob o ponto de vista etnológico e antropológico, a fim de publicar a esse respeito um grosso volume in-quarto que fará a sensação nos Institutos dos dois continentes.

— Seja — admitiu Max Huber —, observaremos, compararemos e ventilaremos todas as teses relativas à questão antropomórfica, mas com duas condições...

— Vejamos a primeira.

— Teremos inteira liberdade (conto com ela!) de irmos e virmos nesta aldeia a nosso bel-prazer.

— E a segunda?

— Que, depois de termos circulado livremente, possamos partir quando nos convier.

— Mas a quem nos havemos de dirigir? — perguntou Khamis.

— A Sua Majestade o Tio-Espelho — respondeu Max Huber. — Mas afinal por que razão é que os seus súbditos o denominam assim?

— Demais a mais em língua congolesa... — acrescentou John Cort.

— Será pelo facto de Sua Majestade ser míope ou presbita... e usar óculos?

— observou Max Huber.

— Mas, primeiro que tudo, donde é que vieram esses óculos? — tornou John Cort.

— Pouco importa — prosseguiu Max Huber. — Quando pudermos conversar com esse soberano, quer tenha ele aprendido a nossa língua, quer nós a dele, havemos de o levar a assinar um tratado de aliança ofensiva e defensiva com a América e com a França, e poderemos esperar que nos não fará menos do que presentear-nos com a grã-cruz da Ordem Wagddiana...

Max Huber não teria sido confiado de mais contando com a completa liberdade e com a faculdade de depois abalarem quando lhes parecesse? Ora, se John Cort, Khamis e ele não tornassem à feitoria, quem é que se lembraria de os vir procurar nessa aldeia de Ngala, no mais profundo da Grande Floresta?... Não vendo voltar ninguém da caravana, quem é que duvidaria de que ela se tivesse totalmente perdido nas regiões do alto Oubanghi?

Quanto à questão de saber se Khamis e os seus companheiros ficariam ou não prisioneiros na cabana, essa foi quase imediatamente resolvida. A porta rodou nos seus ligamentos de cipó e apareceu Li-Maï.

Logo de entrada, a criança dirigiu-se a Llanga e prodigalizou-lhe mil carícias, que este retribuiu de boa vontade.

Oferecia-se a John Cort ensejo de examinar com maior atenção esta singular criatura.

Mas, como a porta ficasse aberta, Max Huber propôs saírem e misturarem-se com a população aérea.

Ei-los pois que saem da cabana guiados pelo selvagenzinho — não será lícito classificá-lo assim? — que ia pela mão do seu amigo Llanga.

Encontraram-se então no meio de uma espécie de encruzilhada por onde os Wagddis passavam e tornavam a passar, *tratando dos seus negócios.*

Esta encruzilhada estava cercada de árvores, ou, por outra, era ensombrada pela folhagem das árvores, cujos robustos troncos suportavam a construção aérea. A aldeia repousava, a uns cem pés da superfície do solo, sobre os ramos principais das potentes bauínias, bômbax e baobás. Este tablado, constituído por peças transversais, solidamente ligadas por cunhas e cipós, era coberto por uma camada de terra batida.

Este solo factício nem sequer tremia sob os pés, de tal modo os seus pontos de apoio eram numerosos e sólidos! Mesmo quando as violentas rajadas sopravam através da alta folhagem, a armação desta superstrutura apenas se ressentia numa ligeira vibração.

Os raios do sol penetravam pelos interstícios da folhagem. Nesse dia, o tempo estava esplêndido. Para lá dos últimos ramos mostravam-se grandes retalhos de céu azul.

Uma brisa carregada de aromas penetrantes refrescava a atmosfera.

Os Wagddis, homens, mulheres e crianças, olhavam o grupo dos estrangeiros, enquanto estes passeavam, sem manifestar nenhuma surpresa.

Trocavam entre si diversos colóquios, com uma voz rouca, numas frases curtas ligadas precipitadamente a umas palavras incompreensíveis. No entanto, o *foreloper* julgou compreender algumas expressões da língua congolesa, o que não era para admirar, visto que Li-Maï empregara repetidas vezes a palavra *ngora*. Contudo, este facto parecia inexplicável. Mas o que ainda o tornava mais anormal era o facto de John Cort ter surpreendido por diversas vezes algumas palavras alemãs — entre outras, *vater*[3], circunstância que este fez logo saber aos companheiros.

— Que quer, meu caro John — respondeu Max Huber. — Eu já não acho nada extraordinário, e talvez tomasse como coisa natural ver um destes seres dar-me uma palmada na barriga e dizer: *Como estás tu*, *meu velho?*

De tempos a tempos, Li-Maï, deixando a mão de Llanga, dirigia-se a um e a outro, como criança viva e alegre. Sentia-se orgulhoso por conduzir uns estrangeiros através das ruas da aldeia.

E não o fazia ao acaso — via-se bem —, antes os conduzia a um sítio determinado, e por isso o melhor era deixarem-se conduzir por esse guia de cinco anos.

Estes primitivos — assim os designava John Cort — não estavam completamente nus.

Além da pelugem arruivada que lhes cobria parte do corpo, homens e mulheres vestiam-se com uma espécie de tanga de um tecido vegetal idêntico, se bem que mais imperfeitamente fabricado, aos de fios de acácia, tecidos muito vulgares em Porto Novo, no Daomé.

O que John Cort notou especialmente foi que as cabeças dos Wagddis, arredondadas e reduzidas às dimensões do tipo microcefálico, com ângulo facial muito próximo do humano, apresentavam pouco prognatismo.

Além disso, as arcadas superciliares não apresentavam a saliência comum a todas as raças simianas.

Quanto à cabeleira, era aquela cabeleira lisa e barba pouco basta dos indígenas da África Equatorial.

— E não têm pés preênseis — observou John Cort.

— Nem apêndice caudal — acrescentou Max Huber —, nem a mínima ponta de cauda.

— É verdade — tornou John Cort —, o que já é um sinal de superioridade. Os macacos antropomorfos não têm nem cauda, nem bolsas bucais, nem calosidades. Movem-se vertical ou horizontalmente, à sua vontade.

No entanto, observou-se que os quadrúmanos que caminham eretos não assentam a planta do pé, antes se apoiam sobre as costas dos dedos voltados. Ora não sucede isso com os Wagddis, porque a sua marcha é absolutamente a do homem, força é reconhecê-lo.

Judiciosa observação que fazia, visto tratar-se, evidentemente, de uma raça nova.

Além disso, no que respeita ao pé, alguns antropologistas admitem que não há nenhuma diferença entre o do homem e o do macaco, e que aquele teria mesmo o polegar oponível se o pé se não tivesse deformado pelo uso do calçado.

Existem, além disso, outras semelhanças físicas entre as duas raças.

Os quadrúmanos que possuem a postura humana são os menos petulantes, os menos trejeitadores, numa palavra, os mais graves e os mais sérios da espécie. Ora, era precisamente esse caráter de gravidade que se manifestava assim na atitude como nos atos dos habitantes de Ngala. Além disso, quando John Cort os pudesse examinar mais detidamente, notaria que o sistema dentário era idêntico ao do homem.

Foram estes pontos de contacto que, até certo ponto, escudaram a doutrina da variabilidade das espécies e da evolução ascensional preconizada por Darwin.

Foram mesmo considerados decisivos quando derivados da comparação dos exemplares mais elevados da escola simiana com os mais primitivos da humanidade-

Lineu sustentou que existiram homens troglodítas, expressão que em todo o caso se não podia aplicar aos Wagddis, que viviam nas árvores. Vogt foi mais longe, pretendendo que o homem deriva dos três grandes macacos: o orangotango, tipo braquicefálico de longa penugem castanha, que seria, na sua opinião, o antepassado dos negritas; o chimpanzé, tipo dolicefálico, de maxilares menos maciços, o antepassado dos negros; finalmente do gorila, caracterizado pelo desenvolvimento do tórax, pela forma do pé e pelo porte que lhe é próprio, e pelo caráter osteológico do tronco e das extremidades, descenderia o homem branco.

Mas a estas semelhanças podem opor-se diferenças de uma importância

capital sob o ponto de vista moral e intelectual — dissemelhanças que devem decidir sobre as doutrinas darwinianas.

Pesando os carateres distintivos destes três quadrúmanos, convém pois admitir que pertençam a uma raça superior da animalidade, mas não que o seu cérebro possua os doze milhões de células e os quatro milhões de fibras do cérebro humano. Mas o que nunca se poderá concluir daqui é que o homem seja um macaco aperfeiçoado, ou o macaco um homem degenerado.

Quanto ao microcéfalo, de que pretendem fazer um intermediário entre o homem e o macaco, espécie em vão predita e procurada pelos antropologistas, esse elo, enfim, que falta para ligar o reino animal ao reino *hominal*[4], seria lícito supô-la representada pelos Wagddis? Porventura teriam os singulares acasos dessa viagem reservado a sua descoberta para o francês e para o americano?

Mas, mesmo admitindo que essa raça desconhecida se aproximasse fisicamente da raça humana, seria preciso que os Wagddis tivessem os carateres de moralidade e de religião exclusivos do homem, assim como a faculdade de conceber abstrações e generalizações, e a aptidão para artes, ciências e letras. Sòmente então seria possível pronunciar-se de uma maneira decisiva entre as teses monogenistas e poligenistas.

Um facto certo, pelo menos, era que os Wagddis falavam.

Não limitados somente ao instinto, possuíam ideias — o que supõe o emprego da linguagem falada — e palavras, cuja reunião formava o dialeto. Em lugar de gritos, completados pelo olhar e pelo gesto, empregavam as palavras articuladas tendo por base uma série de sons e de figuras convencionais legadas decerto por atavismo.

E foi disto que John Cort mais se admirou.

Esta faculdade, que implica a participação da memória, indicava uma influência congenital da raça.

Entretanto, enquanto observavam os hábitos e os costumes dessa tribo selvagem, John Cort, Max Huber e Khamis iam avançando através das ruas da aldeia.

Seria grande essa aldeia? A sua circunferência não devia certamente ser inferior a cinco quilómetros.

— E se, afinal, não passa de um ninho, pelo menos é bem vasto — observou Max Huber.

Esta instalação, construída pela mão dos Wagddis, traduzia uma arte superior às das aves, das abelhas, dos castores ou das formigas. E se estes primitivos, que pensavam e exprimiam os seus pensamentos, viviam nas árvores, é que o

atavismo a tal os levava.

— Em todo o caso — comentou John Cort —, a natureza, que nunca se engana, lá teve as suas razões para levar os Wagddis a adotar a existência aérea. Em lugar de rastejarem num solo maninho, que os raios do sol nunca penetram, vivem no meio salutar da folhagem das árvores.

A maioria das cabanas, frescas e verdejantes, dispostas em forma de cortiços, estavam amplamente abertas. Nelas se entregavam ativamente as mulheres à lide rudimentar de suas casas. As crianças eram numerosas, sendo as mais novinhas amamentadas por suas mães. Quanto aos homens, uns procediam entre os ramos à recolha de frutos, outros desciam pela escadaria para tratar das suas ocupações habituais. Uns voltavam com algumas peças de caça, outros traziam bilhas cheias de água enchidas na corrente do rio.

— É pena — disse Max Huber — não sabermos nós a língua destes naturais. Assim nunca poderemos conversar com eles e ter conhecimento exato da sua literatura. Afinal, eu ainda não descortinei a biblioteca municipal... nem o liceu dos rapazes ou das raparigas!

No entanto, como a língua wagddiana, segundo o que dela se tinha ouvido por Li-Maï, possuía bastantes palavras indígenas, Khamis experimentou dirigir-se à criança com algumas das mais usuais.

Mas Li-Maï pareceu não compreender. E, no entanto, pronunciara diante de John Cort e de Max Huber a palavra *ngora*, quando estava deitado na jangada. E, depois disso, Llanga soubera de seu pai que a aldeia se chamava Ngala e o seu chefe Msélo-Tala-Tala.

Finalmente, depois de uma hora de passeio, o *foreloper* e os seus companheiros atingiram o extremo da aldeia.

Nesse ponto elevava-se uma cabana mais importante, construída entre os ramos de um enorme bômbax, de fachada gradeada com caniços e cujo teto se perdia na folhagem. Seria acaso esta cabana o palácio real, o santuário dos feiticeiros ou o templo dos génios, como os que possuíam a maioria das tribos selvagens da África, da Austrália ou das ilhas do Pacífico?

Era chegado o momento de tirar de Li-Maï algumas indicações mais precisas. Por isso John Cort, segurando-o pelos ombros, voltou-o para a cabana e interrogou 5

— Msélo-Tala-Tala?

Um movimento de cabeça foi a única resposta que obteve.

Era pois ali que morava o chefe da aldeia de Ngala, Sua Majestade Wagddiana.

E sem mais cerimónia Max Huber dirigiu-se afoitamente para a supradita cabana.

A este movimento a criança, mudando de atitude, deteve-o, deixando transparecer verdadeiro terror.

Nova insistência de Max Huber, que repetiu por várias vezes:

— Msélo-Tala-Tala?

Mas, no momento em que Max Huber ia atingir a cabana, o pequeno correu para ele e, atravessando-se-lhe no caminho, impediu-o que fosse mais adiante.

Era então proibido aproximarem-se da habitação real?

Com efeito, neste momento apareceram duas sentinelas que, brandindo uma espécie de machados de pau-ferro e azagaias, impediram a entrada.

— Sempre o mesmo! — exclamou Max Huber. — Aqui, como em toda a parte, na grande floresta do Oubanghi como nas capitais do mundo civilizado, sempre os mesmos guardas de corpo, os guardas reais, os pretorianos de guarda ao palácio... e que palácio! o de uma majestade simiana!

— Não há motivos para admirações, meu caro Max.

— Pois bem — exclamou este —, visto que não podemos ver esse monarca, pedir-lhe-emos uma audiência por carta...

— Bem — tornou John Cort —, mas, apesar de estes primitivos falarem, creio que ainda não sabem ler nem escrever! Parece-me antes que, mais selvagens ainda que os indígenas do Sudão e do Congo, Founds, Chiloux, Denkas ou Monboutus, ainda não atingiram esse grau de civilização que implica a preocupação de mandar os filhos à escola...

— Duvido muito, John. Demais, como havemos nós de mandar uma carta a uma pessoa cuja língua nos é desconhecida?

— Deixemo-nos guiar por este pequeno — propôs Khamis.

— Conheces a casa dos pais dele? — perguntou John Cort a Llanga.

— Não, amigo John — respondeu ele —, mas Li-Maï com certeza nos leva lá... O melhor é segui-lo.

E, aproximando-se da criança e estendendo o braço para a esquerda, interrogou:

— Ngora? Ngora?

Sem dúvida que este compreendeu, porque a sua cabeça baixou-se e ergueu-se vivamente.

— O que indica — acudiu John Cort — que o sinal de negação e afirmação é instintivo e comum a todos os humanos... Outra prova de que estes primitivos andam muito próximos da humanidade.

Alguns minutos depois, os visitantes chegavam a um «bairro» da aldeia, mais ensombrado, onde a folhagem se emaranhava mais Intimamente.

Li-Maï parou diante de uma palhota asseada cujo teto era feito com as grandes folhas da *enseté*, essa bananeira tão espalhada na Grande Floresta, a mesma cujas folhas o *foreloper* empregara no toldo da jangada.

As paredes da palhota, a que dava acesso uma porta aberta nesse momento, eram feitas com uma espécie de terra batida.

Li-Maï indicou a casa a Llanga, que a reconheceu logo.

— É esta — disse ele.

O interior era constituído por um só quarto. Ao fundo, uma cama de ervas secas, fácil de renovar. A um canto, numa fornalha constituída por algumas pedras, consumiam-se uns tições. Como únicos utensílios, duas ou três cabaças, uma bilha de barro cheia de água e duas panelas da mesma substância. Estes selvagens ainda não conheciam a utilidade dos garfos: comiam com os dedos,

Aqui e acolá, umas tábuas presas às paredes, alguns frutos e raízes, um bocado de carne cozida, uma meia dúzia de pássaros depenados para a próxima refeição e, pendurados em fortes espinhos, umas tiras de tecidos de películas de *agoulie.*

Um wagddi e uma wagddiana levantaram-se no momento em que Khamis e os seus companheiros penetraram na palhota.

— Ngora! Ngora! Lo-Maí... Lo-Mai! — exclamou a criança.

E o wagddi acrescentou, como se pensasse ser mais facilmente compreendido:

— Vater, Vater!

Pronunciava esta palavra, que em alemão quer dizer *pai,* bastante mal. De resto, haveria coisa mais extraordinária que uma palavra alemã na boca desses seres?

Logo que entrara, Llanga dirigira-se à mãe e esta abrira-lhe os braços, apertava-o contra si e acariciava-o com a mão, traduzindo todo o seu reconhecimento ao salvador do filho.

Eis o que John Cort observou mais particularmente:

O pai era de estatura elevada, bem proporcionado, de aspeto vigoroso, os braços um pouco mais compridos do que os de um homem, mãos grandes e fortes, as pernas ligeiramente cambadas e a planta do pé inteiramente aplicada no chão.

Tinha a tez quase clara dessas tribos de indígenas mais carnívoros que

herbívoros, uma barba curta e como em flocos e uma cabeleira negra e encarapinhada. Cobria-lhe o corpo todo uma espécie de pelugem. A cabeça era do tamanho médio e os maxilares pouco proeminentes; os olhos, de pupilas cintilantes, brilhavam com vivos reflexos.

A mãe era assaz graciosa, com a sua fisionomia meiga e agradável, o olhar que expressava uma grande afetuosidade, os dentes regularmente alinhados e de uma brancura natural, e — em que indivíduo do sexo frágil se não manifesta a garridice? — umas flores dispostas na cabeça e — pormenor sobremodo inexplicável! — umas contas de vidro e umas pérolas de marfim.

Esta jovem wagddiana lembrava o tipo dos cafres do Sul com os braços redondos e modelados, os pulsos delicados, as extremidades finas, as mãos nutridas e uns pés capazes de despertar inveja a muitas europeias. Sobre a sua pelugem lanosa deitava um tecido de *agoulie* cingido na cintura. No pescoço trazia uma medalha do Dr. Johausen, semelhante à que fora encontrada no pescoço do filho.

Entabular conversação com Lo-Maï e La-Maï devia crer-se, com bastante desgosto de John Cort, coisa impossível. Mas era fora de dúvida que estes dois primitivos procuravam cumprir todos os deveres da hospitalidade wagddiana. O pai ofereceu alguns frutos, que tirou de cima de uma prateleira: *matofés,* de sabor penetrante, que provêm de uma espécie de cipó.

Os visitantes aceitaram os frutos, de que comeram alguns, com extrema satisfação da família.

Pôde então reconhecer-se a justeza desta observação, feita há muito já: a língua wagddiana, como as línguas polinésicas, oferecia notável paralelismo com o palavreado infantil — o que autorizou os filólogos a afirmar que em todo o género humano houve um largo período de vogais, anteriormente à formação das consoantes. Estas vogais, irmanadas ao infinito, dão combinações muito variadas, tais como *ori, oriori, oro, oroora, orurna,* etc. As consoantes são *o k,* o *t* e o *p,* e as nasais *nh* e *m.* Apenas com as vogais *ha* e *ra* forma-se uma série de vocábulos, que, sem consoantes reais, dão todas as variações da expressão e fazem o papel de nomes, pronomes, verbos, etc.

Na conversação dos Wagddis as perguntas e as respostas eram breves: duas ou três palavras, que começavam quase todas pelas letras *nh, mg* ou *ms,* como as congolesas. A mãe parecia menos loquaz que o pai e provavelmente a sua língua não possuía, como as línguas femininas dos dois continentes, a faculdade de dar doze mil rotações por minuto.

Um facto também a notar — e de que John Cort ficou bastante surpreendido — era que estes primitivos empregavam certos termos congoleses e alemães, quase desfigurados, de resto, pela pronúncia.

Afinal de contas, é muito natural que estes seres não tenham mais ideias do que as que lhes são precisas para as necessidades da existência, nem mais palavras do que as necessárias para exprimir essas ideias. Mas à falta da religião que se nota nos selvagens ainda os mais atrasados, e que eles sem dúvida não possuíam, podia ao menos ter-se a certeza de que eram dotados de qualidades afetivas. Não somente tinham para os filhos esses sentimentos de que os animais não são de todo desprovidos, se bem que só os manifestem enquanto os seus cuidados são necessários para a conservação da espécie, mas ainda tais sentimentos persistiam fora destas circunstâncias, como se podia verificar pelo afeto que os pais mostravam por Li-Maï. E, depois, existia a reciprocidade. Trocavam-se carícias paternais e filiais...

A família existia.

Depois de um quarto de hora de permanência nesta palhota, Khamis, John Cort e Max Huber saíram, conduzidos por Lo-Maï e seu filho. Voltaram para a cabana onde tinham estado aprisionados e que iam ocupar durante... Sempre esta questão, e quem sabe se somente aos seus desejos atenderiam para a resolver...

Despediram-se uns dos outros. Lo-Maï beijou uma última vez Llanga e estendeu, não a pata, como o faria um cão, nem tão-pouco a mão, como faria qualquer quadrúmano, mas as duas mãos, que John Cort e Max Huber apertaram com maior cordialidade do que Khamis.

— Caro Max — disse então John Cort —, um dos vossos grandes escritores afirmou que em todos os homens existia o *eu* e o *outro*... Pois bem, é provável que um dos dois falte a estes primitivos...

— Mas qual deles, John?

— O *outro,* com certeza... Em todo o caso, para os estudar a fundo, seria preciso viver muitos anos com eles... Ora, espero que dentro de alguns dias poderemos partir...

— Isso depende de Sua Majestade. Quem sabe se el-rei Msélo-Tala-Tala não quererá fazer de nós camaristas da corte wagddiana!...

Capítulo 15 — Três Semanas de Estudo

Quanto tempo John Cort, Max Huber, Khamis e Llanga se demorariam na aldeia?... Seria essa situação, já de si algo inquietante, agravada por algum incidente?... Sentiam-se demasiado vigiados para pensarem em fugir. E mesmo, supondo que conseguissem evadir-se, como encontrar o curso do rio Johausen, como atingir a orla dessa impenetrável região da Grande Floresta?

Depois de tanto ter desejado o extraordinário, Max Huber começava a achar que a situação, de agradável que fora a princípio, ia perdendo imenso com a demora. Por isso, mostrava-se o mais impaciente e o mais desejoso de voltar para a bacia do Oubanghi e de tornar à feitoria de Libreville, donde John Cort e ele não podiam esperar nenhum socorro.

Por outro lado, o *foreloper* desesperava-se pelo facto de a sua má fortuna os ter feito cair nas patas — na sua opinião eram patas — desses animais inferiores.

Nem sequer dissimulava o completo desprezo que lhe inspiravam pelo facto de se não diferençarem sensivelmente das tribos da África Central. Khamis sentia como que uma rivalidade instintiva e inconsciente que os dois amigos bem compreendiam. A bem dizer, não estava menos apressado que Max Huber em abalar de Ngala, e faria tudo o que a este respeito lhe fosse possível fazer.

Era John Cort quem mostrava menos pressa. Interessava-o de um modo particular o estudo dos entes primitivos. Para analisar os seus costumes, a sua existência com todos os pormenores, o seu caráter etnológico e o seu valor moral, para saber, enfim, até que ponto recuavam no campo da animalidade, algumas semanas seriam suficientes. Mas poder-se-ia afirmar que a sua demora ali não fosse além — meses ou até anos? E qual seria o desfecho de uma aventura tão extraordinária?

Em todo o caso, não parecia que John Cort, Max Huber e Khamis estivessem ameaçados com maus tratamentos. Não havia dúvida de que estes selvagens reconheciam a sua superioridade intelectual. Além disso — inexplicável singularidade! —, nunca se tinham mostrado surpreendidos na presença dos representantes da raça humana.

No entanto, se estes quisessem empregar a força para se evadir expor-se-iam decerto a violências que era preferível evitar.

— O que se torna indispensável é conferenciar com o Tio-Espelho, o

soberano dos óculos, para conseguir que ele nos ponha em liberdade.

Afinal, não devia ser impossível ter uma entrevista com Sua Majestade Msélo-Tala-Tala, a não ser que fosse proibida aos estrangeiros a contemplação da sua augusta pessoa. Mas mesmo, quando na sua presença, como trocar as perguntas e respostas? Em língua congolesa não se compreenderiam!... E, depois, qual o resultado? Não seria de todo o interesse para os Wagddis, retendo os estrangeiros, conservar assim o segredo da existência de uma raça desconhecida nas profundezas da floresta do Oubanghi?

E no entanto, na opinião de John Cort, este encarceramento na aldeia aérea tinha circunstâncias atenuantes, visto que a ciência da antropologia comparada lucrava com isso, e que a descoberta desta raça nova iria operar uma revolução no mundo científico. E quanto à maneira como tudo acabaria...

— Diabos me levem, se eu o sei!... — repetia Max Huber, que não era feito da mesma massa que um Garner ou um Johausen.

Quando os três, seguidos de Llanga, penetraram na cabana, notaram logo várias modificações que eram de molde a satisfazê-los.

Em primeiro lugar, um wagddi tratava da arrumação do quarto, se é que podemos empregar esta expressão. Demais, John Cort já tinha observado nestes indígenas o instinto do asseio, qualidade que a maior parte dos animais não possui. Tratavam do quarto, como tratavam da *toilette.* Ao fundo da cabana estavam amontoadas algumas braçadas de ervas secas. Ora, isso estava dentro dos seus hábitos, visto que Khamis e os seus companheiros, desde a destruição da caravana, não tinham tido outra cama.

Além disso, como o mobiliário não compreendesse nem mesas nem cadeiras, haviam colocado no chão vários objetos: alguns utensílios grosseiros, como bilhas e panelas de fabricação wagddiana. Aqui, viam-se frutos de várias espécies e, acolá, um quarto de órix, cozido. Note-se que a carne crua só se adapta aos animais carnívoros e que é raro, mesmo nos mais baixos graus da escala humana, existirem seres que se alimentem exclusivamente de carne não tratada por qualquer processo.

— Ora, quem quer que saiba servir-se do fogo emprega-o para cozer os seus alimentos — observou John Cort. — Não me admiro, pois, de os Wagddis se alimentarem de carne cozida.

A cabana tinha também um lar, constituído por uma pedra chata, e o fumo escapava-se através dos ramos da cidreira que a abrigava.

No momento em que os quatro se apresentaram à porta, o wagddi suspendeu o seu trabalho.

Era um rapaz duns vinte anos, de movimentos ágeis e fisionomia inteligente. Com a mão indicou os objetos que acabavam de trazer. Entre estes, Max Huber,

John Cort e Khamis descobriram — não sem extrema satisfação — as suas três carabinas, um pouco enferrujadas, é certo, mas que era fácil pôr de novo em estado de funcionar.

— Cáspite — exclamou Max Huber —, serão bem recebidas... Não podiam chegar em melhor ocasião...

— Podíamo-nos servir delas — observou John Cort —, se tivéssemos a caixa dos cartuchos...

— Ei-la — respondeu o *foreloper.*

E, dizendo isto, mostrava a caixa metálica colocada à esquerda, perto da porta.

Tenha-se presente que Khamis tivera a presença de espírito de lançar para cima das rochas da barreira, fora do alcance das águas, as armas e a caixa dos cartuchos no momento em que a jangada se afundava.

Fora lá que os Wagddis as tinham encontrado e trazido depois para a aldeia de Ngala.

— O facto de nos terem entregado as carabinas — observou Max Huber — não faz pensar se saberão ou não utilizar-se das armas de fogo.

— Ignoro-o — respondeu John Cort —, mas o que eles sabem é que não devem chamar seu ao que lhes não pertence, o que pugna em favor da sua moralidade.

Em todo o caso, a dúvida de Max Huber não deixava de ser importante.

— Kollo!... Kollo!...

Esta palavra, repetida várias vezes, pronunciou-a claramente o jovem wagddi, que, levantando a mão à altura da fronte e batendo depois no peito, parecia querer dizer:

— Kollo... sou eu!

John Cort, que presumiu ser este o nome do seu novo servo, repetiu-o cinco ou seis vezes, traduzindo este a sua alegria com uma risada prolongada.

Sim, porque estes primitivos riam, facto que se tinha de meter em conta debaixo do ponto de vista antropológico. Com efeito, nenhum ente, a não ser o homem, goza desta faculdade.

Entre os mais inteligentes — no caso, por exemplo —, se por vezes se surpreendem alguns indícios do riso ou do sorriso, estes localizam-se nos olhos, ou quando muito nas comissuras dos lábios. Além disso, os Wagddis não se deixavam levar por esse instinto comum a todos os quadrúpedes, que os faz

cheirar a comida antes de a provar e começar sempre por comer o que mais lhes agrada.

Eis pois em que condições iam viver os dois amigos, Llanga e o *foreloper.* A cabana não se podia chamar uma prisão. Podiam sair dela à vontade. Quanto a sair de Ngala, sem dúvida que disso os impediriam — a menos que obtivessem essa autorização de Sua Majestade Msélo-Tala-Tala.

Tinham pois de, pelo menos provisoriamente, ir dissimulando a impaciência e resignarem-se a viver no meio desse singular mundo selvagem, na aldeia aérea.

Estes Wagddis pareciam, além disso, dóceis de sua natureza, pouco brigões, e — não é de mais insistir — menos curiosos, menos surpreendidos pela presença desses estrangeiros do que o seriam os selvagens mais atrasados da África ou da Austrália. A presença de dois brancos e dois indígenas congoleses não os surpreendeu tanto como surpreenderia a qualquer indígena da África. Não só os deixavam indiferentes, como até se não mostravam indiscretos. Nenhuns sintomas de estolidez ou snobismo. Mas no que respeita a proezas de acrobatismo, como marinhar às árvores, voltejar de ramo em ramo ou precipitar-se das escadas de Ngala abaixo, nesse ponto levariam a palma aos próprios Billy Hayden, Jöe Bib ou Foottit, que batiam nessa época o recorde da ginástica de circo.

Os Wagddis, enquanto mostravam estas qualidades físicas, denotavam também grande precisão do golpe de vista. Quando se entregavam à caça dos pássaros, abatiam-nos com pequenas frechas. E os seus golpes não deviam ser menos certos quando perseguiam os veados, os alces e os antílopes e mesmo os búfalos e os rinocerontes nas moitas vizinhas. Fora então que Max Huber os quisera acompanhar — não só para admirar as suas proezas cinegéticas, como também para tentar escapar-se-lhes.

Sim! fugir, era nisso que os prisioneiros pensavam continuamente.

Ora a fuga só era praticável pela única escada, onde no patamar superior se conservavam de guarda alguns guerreiros, a cuja vigilância seria difícil escapar.

Max Huber sentiu por várias vezes desejos de atirar sobre os voláteis que abundavam na floresta, tais como *sou-mangas,* pintadas, poupas, *griots,* e muitas outras a que estes selvagens davam grande consumo. Mas estes forneciam-lhes quotidianamente caça, particularmente carne de diversos antílopes, tais como órix, *inyalas, sassabys, waterbucks,* tão numerosos na floresta do Oubanghi. O seu criado Kollo não lhes deixava faltar nada; renovava todos os dias o provimento de água fresca para as necessidades da casa e a provisão de ramos

secos para alimentação da lareira.

Depois, o fazer uso das carabinas como armas de caça tinha o inconveniente de revelar o seu poder. Seria melhor guardar esse segredo e, sendo preciso, utilizá-las como armas ofensivas ou defensivas.

Se os Wagddis forneciam os seus hóspedes de carne, é porque eles também se alimentavam dela, quer grelhada em carvões incandescentes, quer cozida em vasos de barro fabricados por eles próprios. Era mesmo isto o que Kollo fazia por sua conta, deixando-se auxiliar por Llanga e não por Khamis, a quem o orgulho indígena não deixava imitar.

Convém notar — isto com o máximo contentamento de Max Huber — que o sal já não faltava. Não era o cloreto de sódio conservado em solução na água do mar, mas o sal-gema, tão espalhado na África, Ásia e América, e cujas eflorescências deviam cobrir o solo nas proximidades de Ngala. Apenas o instinto bastaria para ter ensinado aos Wagddis, como a qualquer outro animal, a utilidade deste mineral — o único que entra na alimentação.

Um ponto que interessou John Cort foi a questão do fogo. Como é que esses primitivos o obteriam? Seria pelo atrito de um pedaço de madeira rija com outro de madeira branda, segundo o método dos selvagens? Não; procediam doutro modo, servindo-se do sílex, de que tiravam faíscas pelo choque. Estas faíscas bastavam para incendiar a penugem do fruto do *rentenier,* muito comum nas florestas africanas e que tem as propriedades de isca.

Além disso, as famílias wagddianas completavam o alimento azotado com um alimento vegetal inteiramente a cargo da natureza. Eram, por um lado, duas ou três espécies de raízes comestíveis, e, por outro lado, uma grande variedade de frutos, tais como os que dá a acácia adansónia, cujo nome é indiferentemente o de pão-do-homem ou pão-do-macaco, ou o *karita,* cuja castanha se enche de uma substância gorda suscetível de substituir a manteiga, como ainda o *kijelia,* que dá umas bagas de sabor algum tanto insípido, compensado pelo seu valor alimentício e pelo volume, visto que não medem menos de dois pés de comprido, ou ainda outros como as bananas, os figos, as mangas bravas e esse *tso* que dá uns frutos medíocres, tudo acompanhado de vagens de tamarindo, a modo de condimento. Os Wagddis faziam igualmente uso do mel, cujos cortiços descobriam seguindo o cuco revelador. E misturando à água do rio, quer este precioso produto, quer o suco de diversas plantas — entre outras o látex destilado por uma espécie de cipó —, preparavam assim bebidas fermentadas de elevado grau alcoólico. O caso não é extraordinário. Acaso se não reconheceu

que os mandris africanos, que não passam de macacos, têm um fraco especial pelo álcool?

Acrescente-se um curso de água muito piscoso, que passava por debaixo de Ngala e onde havia as mesmas espécies que as encontradas no rio Johausen por Khamis e pelos seus companheiros. Mas seria ele navegável e servir-se-iam os Wagddis de embarcações? Eis o que seria importante saber, em caso de fuga.

Ora este curso de água era visível da extremidade da aldeia oposta à residência real. Postando-se junto das últimas árvores distinguia-se-lhe o leito, de trinta a quarenta pés de largo. A partir desse ponto perdia-se entre os renques de soberbas árvores, bômbax de cinco caules, magníficos *mparamousis* de troncos nodosos ou *msoukoulios* admiráveis, cujo tronco se vestia de cipós gigantescos, esses epífitos que os estreitam em seus meandros de serpente.

Pois bem, os Wagddis sabiam construir embarcações — arte que não é ignorada ainda pelos mais recuados naturais da Oceânia. O aparelho flutuante, que eles usavam, era mais que a jangada e menos que a piroga: um simples tronco de árvore cavado a machado e a fogo. Manobravam-no com uma pá chata, e, quando a brisa soprava de lado favorável, com uma vela tensa entre duas ripas, feita de *agoulie* tornado flexível por uma batedura regular operada com uns malhos de pau-ferro extremamente duro.

O que John Cort notou, no entanto, foi que estes primitivos não faziam uso para a sua alimentação de legumes ou de cereais. Não sabiam cultivar nem sorgo, nem milho, nem arroz, nem mandioca, o que constitui a ocupação normal das tribos da África Central. Mas não podia exigir-se destes indígenas o que produz a indústria agrícola dos Denkas, dos Founds ou dos Monboutus, que se podem classificar, sem receio de errar, na raça humana.

Enfim, feitas todas estas observações, John Cort tratou de reconhecer se os Wagddis possuíam os sentimentos da moralidade e da religião.

Um dia, Max Huber perguntou-lhe qual era o resultado das suas observações a este respeito.

— Possuem, é verdade, uma certa moralidade e uma certa probidade. Não há dúvida de que distinguem o que é justo do que é mal feito. Também têm o sentimento da propriedade. Sei que muitos animais o possuem e que os cães, entre outros, não deixam que lhes tirem de sua vontade o que estão comendo. Na minha opinião, os Wagddis têm a noção do teu e do meu. Observei isto a propósito de um deles ter roubado uns frutos numa cabana onde se introduzira.

— Citaram-no em polícia ordinária ou em polícia correcional?

— Graceje, caro amigo. Mas o que eu digo tem a sua importância, e o ladrão foi desancado pelo roubado, a quem os vizinhos prestaram auxílio. Acrescento que estes primitivos se destacam ainda por uma instituição que os aproxima da humanidade...

— Qual é?...

— É a da família, constituída por eles regularmente; é a vida em comum do pai e da mãe, os cuidados que estes têm com os filhos e a persistência da afeição paternal e filial. Não a observamos nós em Lo-Maï? Estes Wagddis têm mesmo impressões de ordem humana. Por exemplo, o nosso Kollo... Acaso não cora ele sob a ação de uma influência moral? Quer seja por pudor, por timidez, por modéstia ou por confusão, isto é, por uma das quatro eventualidades que fazem corar a face humana, o que é certo é que este efeito se produz nele. Daí um sentimento... e, por consequência, uma alma!...

— Então, visto que os Wagddis possuem tantas qualidades humanas, porque não classificá-los na espécie humana?

— Porque parece faltar-lhes uma conceção inerente a todos os homens, caro Max.

— Que quer dizer com isso?

— A conceção de um ser supremo, numa palavra, a religião, que se encontra entre as tribos mais selvagens. Nunca observei que adorassem quaisquer divindades. Nem ídolos, nem sacerdotes...

— A menos que essa divindade não seja precisamente o rei Msélo-Tala-Tala, de cuja augusta pessoa ainda nos não deixaram ver a ponta do nariz! — sugeriu Max Huber.

Estava então naturalmente indicado tentar uma experiência concludente: resistiriam esses primitivos à ação tóxica da atropina, à qual o homem sucumbe, ao passo que os animais a suportam impunemente? Se resistissem, seriam animais; no caso contrário, humanos. Mas a experiência não podia ser feita por falta da substância indicada. Note-se, além disso, que durante a permanência de John Cort e de Max Huber em Ngala não houve nenhum falecimento, ficando assim sem solução a questão de saber se os Wagddis queimam ou enterram os cadáveres e se professam o culto dos mortos.

No entanto, se é certo que, se não existiam entre eles nem sacerdotes, nem mesmo feiticeiros, já o mesmo não sucedia com os guerreiros, dos quais se via certo número — uns cem pouco mais ou menos — escolhidos entre os mais vigorosos e mais perfeitamente constituídos — armados de arcos, azagaias, lanças e machados. Seriam unicamente destinados à guarda do rei ou empregar-

se-iam também na ofensiva e na defensiva? Podia ser que a Grande Floresta encerrasse outras aldeias da mesma natureza e da mesma origem e, visto que os seus habitantes se contavam aos milhares, porque não brigariam eles com os seus semelhantes, como o fazem as tribos da África?

Quanto à hipótese de que os Wagddis já se tivessem relacionado com os indígenas do Oubanghi, do Baghirmi, do Sudão ou do Congo, era pouco admissível, ainda mesmo com essas tribos de anões, os Bambustis, industriosos cultivadores que o missionário inglês Alberto Llyd encontrou nas florestas da África Central e de que Stanley falou na narrativa da sua última viagem. Se o contacto se tivesse dado, havia muito que a existência desses selvagens teria sido revelada e não ficaria reservado para John Cort e Max Huber o descobri-la.

— Mas — tornou este último —, por pouco que estes entes singulares se matem uns aos outros, basta isso para os classificar sem contestação na espécie humana.

De resto, era muito provável que os guerreiros da tribo se não entregassem à ociosidade e que organizassem ataques nas proximidades. Às vezes voltavam, após umas ausências, que duravam dois a três dias, alguns feridos, e trazendo objetos diversos, como utensílios e armas de construção wagddiana.

Por várias vezes fez o *foreloper* tentativas infrutuosas para sair da aldeia. Os guerreiros, que guardavam a escada, intervieram com certa violência. De uma vez então, Khamis ficaria mesmo muito maltratado se Lo-Maï, atraído pela cena, não acorresse em seu auxílio.

Houve até grande discussão entre este último e um valente mocetão chamado Raggi. Pelo fato de peles que vestia, pelas armas que pendiam da cintura e pelas penas que lhe ornavam a cabeça, era natural supor-se que fosse o chefe dos guerreiros. Bastava o seu ar feroz, os gestos imperiosos e a natural brutalidade para mostrar a sua índole apropriada ao comando.

Esperavam os dois amigos que, em resultado dessas tentativas, fossem levados à presença de Sua Majestade e que veriam finalmente esse rei escondido no fundo da residência real pelos zelosos cuidados dos seus súbditos. Viram, porém, desfeitas as suas esperanças. Era provável que Raggi tivesse grande autoridade, e convinha pois não se exporem de novo à sua cólera. As probabilidades de evasão ficavam por isso muito reduzidas, a menos que os Wagddis, atacando alguma aldeia vizinha, fossem atacados por seu turno. Talvez que numa agressão se apresentasse ensejo propício para uma escapada... Mas que lhes sucederia depois?

Demais, a aldeia não foi ameaçada durante as primeiras semanas, a não ser

por certos animais que Khamis e os seus companheiros não haviam ainda encontrado na Grande Floresta. Se bem que os Wagddis passassem a sua existência em Ngala e voltassem sempre das suas excursões ao cair da noite, no entanto possuíam algumas cabanas nas margens do rio. D ir-se-ia um pequeno porto fluvial onde se reuniam as embarcações de pesca que eles tinham para se defender dos hipopótamos, dos lamantins ou peixe-mulher, e dos crocodilos, assaz numerosos nas águas africanas.

Um dia, na data de 9 de abril, produziu-se um violento tumulto. Ouviram-se grandes gritos, vindos da direção do rio. Seria um ataque intentado contra os Wagddis por seres semelhantes a eles? Não havia dúvida de que, graças à sua situação, a aldeia estava fora do perigo de uma invasão. Mas bastava que pegassem fogo às árvores que a sustinham para que a sua destruição fosse negócio de algumas horas apenas. Ora era muito possível que os seus vizinhos empregassem contra os Wagddis os meios que estes primitivos empregavam talvez contra eles.

Logo aos primeiros clamores Raggi e uns trinta guerreiros precipitaram-se pelas escadas abaixo com uma velocidade simiana. John Cort, Max Huber e Khamis, dirigidos por Lo-Maï, ganharam o extremo da aldeia, donde se distinguia o curso de água.

Fora um ataque às cabanas estabelecidas nesse local. Um bando, não de hipopótamos, mas de queropótamos, ou, antes, potamoqueros, que são mais particularmente os porcos do rio, acabava de irromper das moitas e devastava tudo à sua passagem.

Estes potamoqueros, que os Boers chamam *bosck-wark* e os Ingleses *bush-pigs,* encontram-se na região do Cabo da Boa Esperança, assim como na Guiné, no Congo e no Camarão, onde causam grandes estragos. São de corpulência inferior à do javali europeu, têm o pelo mais sedoso, a cobertura castanha, tirante a alaranjado, as orelhas pontiagudas e terminadas por pincel de pelos, uma juba preta salpicada de branco, que lhes corre ao longo do dorso, o grunhido muito desenvolvido e, nos machos, a pele levantada entre o focinho e o olho por uma protuberância óssea. Tais porcos são temíveis, e estes eram-no tanto mais quanto se encontravam em condições de superioridade numérica.

Com efeito, nesse dia podiam-se contar uns cem, que se precipitavam para a margem esquerda do rio. Por isso a maioria das cabanas tinham já sido derribadas antes da chegada de Raggi e dos guerreiros. John Cort, Max Huber, Khamis e Llanga presenciaram a luta.

Foi curta, mas não sem perigos. Os guerreiros expunham-se com grande

coragem. Servindo-se das lanças e dos machados, de preferência aos arcos e às azagaias, precipitaram-se com um ardor que igualava o furor dos assaltantes. Atacavam-nos corpo a corpo, ferindo-os na cabeça às machadadas e furando-lhes os flancos com as lanças. Em resumo, depois de uma hora de combate, os animais foram postos em fuga e alguns ribeiros de sangue misturaram-se às águas do rio.

Max Huber pensara em tomar parte na batalha. Não seria coisa demorada nem difícil ir buscar as carabinas, ele e John descarregá-las do alto da aldeia sobre o bando e fulminar com uma saraivada de balas os potamoqueros com extrema surpresa dos Wagddis. Mas o ajuizado John Cort, apoiado pelo *foreloper,* tratou de acalmar o seu irrefletido amigo.

— Não — advertiu John —, reservemos a nossa intervenção para circunstâncias mais decisivas. Quando se dispõe do raio, caro Max...

— Apenas se deve fulminar no momento preciso, tem razão. E, visto que ainda não chegou a ocasião de trovejarmos, deixemos a trovoada para mais tarde.

Capítulo 16 — Sua Majestade Msélo-Tala-Tala

Nesse dia — ou antes, essa tarde de 15 de abril — ia trazer uma exceção aos hábitos pacíficos dos Wagddis. Havia três semanas que não se apresentava aos prisioneiros de Ngala qualquer ensejo para retomar, através da Grande Floresta, o caminho do Oubanghi. Vigiados de perto, encerrados nos limites insuperáveis dessa aldeia, era-lhes impossível fugir. Na verdade, fora-lhes permitido — muito particularmente a John Cort — estudar os costumes de um tipo colocado entre o antropoide mais aperfeiçoado e o homem, e observar por que instintos contactavam com a animalidade e por que dose de razão se aproximavam da raça humana.

Sobre este tema podia fazer-se todo um tesouro de observações, que viriam esclarecer a discussão das teorias darwinianas. Mas, para as relatar ao mundo científico, tinham ainda de atingir o caminho do Congo francês e voltar a Libreville.

O tempo estava magnífico. Um sol poderoso inundava de calor e de luz a ramagem que ensombrava a aldeia aérea.

Depois de ter quase atingido o zénite no momento da sua culminação, a obliquidade dos raios, se bem que já tivessem decorrido três horas, nem por isso abrandava o seu ardor.

As relações de John Cort e de Max Huber com os Maï tinham sido frequentes. Nem um só dia havia passado sem que esta família deixasse de vir à palhota dos dois amigos ou que estes fossem à deles.

Uma verdadeira troca de visitas, às quais só faltavam os bilhetes usuais. Quanto ao pequeno, esse não largava Llanga, a quem se afeiçoara por uma verdadeira amizade.

Infelizmente, continuava a ser impossível compreender a língua destes primitivos, reduzida a um pequeno número de palavras: apenas as necessárias para o diminuto número das suas ideias. Embora John Cort tivesse obtido a significação de algumas delas, com isso não conseguiam ainda dialogar com os habitantes de Ngala. O que continuava a surpreendê-lo era que figurassem diversas locuções indígenas no vocabulário wagddiano — umas doze quando muito. Não indicava este facto que os Wagddis tinham tido relações com as tribos do Oubanghi — ainda que apenas fosse com um congolês que não tivesse depois voltado ao Congo? Hipótese assaz plausível, deve convir-se. E, depois,

dos lábios de Lo-Maï escapavam-se às vezes algumas palavras de origem alemã, mas sempre tão incorretamente pronunciadas que era difícil reconhecê-las.

Ora, era esse um ponto que John Cort considerava absolutamente inexplicável. Com efeito, supondo mesmo que os indígenas e os Wagddis se tivessem já encontrado, era acaso admissível que estes últimos houvessem tido relações com os alemães do Camarão?

Nesse caso, o americano e o francês não teriam sido os primeiros a fazer essa descoberta. Se bem que John Cort falasse corretamente a língua alemã, nunca tivera ocasião de se servir dela, visto que Lo-Maï apenas conhecia duas ou três palavras.

Entre outras locuções tiradas da língua indígena, a de Msélo-Tala-Tala, aplicada ao soberano dessa tribo, era a mais corretamente empregada. Sabe-se quanta vontade tinham os dois amigos de ser recebidos por essa majestade invisível. Todas as vezes que eles pronunciavam o seu nome, Lo-Maï baixava a cabeça em sinal de profundo respeito.

Mas, quando no decurso do seu passeio habitual passavam diante da residência real e manifestavam vontade de entrar, Lo-Maï detinha-os e desviava-os, levando-os para a direita ou para a esquerda. E fazia-lhes compreender a seu modo que ninguém tinha o direito de passar o limiar dessa habitação sagrada.

Ora aconteceu que nessa tarde o *ngoro*, a *ngora* e o filho vieram ter com Khamis e os seus companheiros.

Em primeiro lugar, notaram que a família se enfeitara com as suas vestimentas mais vistosas — o pai com um barrete de penas e um manto de *agoulie*; a mãe com uma saia do mesmo tecido, de fabricação wagddiana, algumas folhas verdes nos cabelos e no pescoço um rosário de missangas e pequenos objetos de metal; o filho com uma pequena tanga cingida à cintura — o seu «fato de domingo» — disse Max Huber.

Vendo assim os três tão «endomingados», exclamou:

— Que significa isto? Pensarão eles em nos fazer uma visita oficial?

— Isto é com certeza dia de festa... — respondeu John Cort. — Será em honra de qualquer deus? Seria o ponto interessante para resolver a questão da religião...

Antes que ele tivesse terminado esta frase, Lo-Maï pronunciara como resposta:

— Msélo-Tala-Tala.

— O Tio dos Óculos — traduziu Max Huber.

E saiu da cabana com a esperança de que o soberano fosse passando na

ocasião.

Completa desilusão! Max Huber nem sequer entreviu a sombra de Sua Majestade. No entanto, notou que Ngala estava em movimento. De toda a parte afluía gente, alegre e tão enfeitada como a família Mai.

Grande aglomeração de povo, uns seguindo pelas ruas em procissão para a extremidade oeste da aldeia, outros dando-se as mãos como camponeses folgando, outros, enfim, dando cabriolas como macacos dumas árvores para outras.

— Há qualquer coisa de novo — observou John Cort, parando no limiar da porta.

— É o que vamos ver — replicou Max Huber.

E, voltando-se para Lo-Maï:

— Msélo-Tala-Tala? — repetiu.

— Msélo-Tala-Tala — respondeu Lo-Maï, cruzando os braços e inclinando a cabeça.

John Cort e Max Huber pensaram que a população wagddiana ia saudar o seu rei de óculos, que não tardaria a aparecer envolto em toda a sua glória.

Mas eles não tinham fatos de cerimónia para vestir.

Estavam reduzidos ao único fato de caça, já bem estragado e sujo, e à roupa branca, que traziam tão limpa quanto podiam. Por consequência, não havia nenhuma *toilette* a fazer em honra de Sua Majestade, e, como a família Maï saía da cabana, seguiram-na, acompanhados de Llanga.

Quanto a Khamis, não sentindo desejos de se misturar com essa gente inferior, esse ficou só em casa, tratando de arrumar os utensílios, de limpar as armas e de preparar a comida. Convinha estar pronto para todas as eventualidades, e quem sabe se estaria próximo o momento em que teriam de se servir das armas!

John Cort e Max Huber deixaram-se pois conduzir através da aldeia, então cheia de animação. Não existiam ruas, na verdadeira significação desta palavra. As palhotas, distribuídas segundo a fantasia de cada um, concordavam apenas na sua distribuição com as árvores ou, antes, com as ramagens que as abrigavam.

A multidão era bastante compacta. Um milhar de Wagddis, pelo menos, dirigia-se para a extremidade de Ngala, onde se levantava a cabana real.

— É impossível ter mais semelhanças com uma multidão humana!... — observou John Cort. — Os mesmos movimentos, a mesma maneira de exprimir a satisfação por gestos, por gritos...

— E por caretas — acrescentou Max Huber —, e é o que faz aproximar estes

estranhos seres dos quadrúmanos.

Com efeito, os Wagddis, normalmente sérios, reservados e pouco comunicativos, nunca se tinham mostrado tão expansivos e careteadores. E sempre essa inexplicável indiferença para com os estrangeiros, a quem não pareciam ligar a mínima atenção — atenção que seria incómoda e enfadonha da parte dos Denkas, dos Monboutus ou doutros povos africanos.

Nem por isso este facto era muito humano!

Depois de um longo passeio, Max Huber e John Cort chegaram à praça principal, limitada pelas ramagens das últimas árvores da banda de oeste, e cujos ramos verdejantes pendiam em volta do palácio real.

À frente estavam postados os guerreiros com todo o arsenal de armas, vestidos com peles de antílope ligadas com cipós finos, e com as cabeças cobertas de frontes de *steinbock,* cujas defesas lhes davam o aspeto de um rebanho. Quanto ao coronel Raggi, coberto com uma cabeça de búfalo, o arco ao ombro, machada à cintura e lança na mão, campeava na frente do exército wagddiano.

— Provavelmente o soberano — disse John Cort — prepara-se para passar revista às suas tropas.

— E se ele não aparece — retorquiu Max Huber — é porque nunca se mostra aos seus fiéis súbditos!... Não se faz ideia do prestígio que dá a invisibilidade a um monarca, e talvez este...

E, dirigindo-se a Lo-Maï, fez compreender por gestos:

— Msélo-Tala-Tala sai?

Sinal afirmativo de Lo-Maï, que parecia querer dizer:

— Logo... logo...

— Pois seja logo — volveu Max Huber —, contanto que possamos enfim contemplar o seu augusto rosto.

— Entretanto — tornou John Cort —, não percamos nada do espetáculo.

Eis o que de mais curioso os dois puderam então observar:

O centro do largo estava inteiramente livre de árvores no espaço de um meio hectare. Enchia-o a multidão, sem dúvida com o fim de tomar parte na festa até ao momento em que o rei aparecesse no limiar do seu palácio.

Prosternar-se-iam então diante dele? Perdulariar-se-iam em adorações?

— Afinal—advertiu John Cort —, não se poderiam levar essas adorações em conta sob o ponto de vista da religião, porque, em rigor, teriam por alvo apenas um homem...

— A menos que esse homem não seja de pau ou de pedra — acudiu Max

Huber. — Se esse potentado não passar de um ídolo no género dos que os naturais da Polinésia adoram...

— Nesse caso, caro Max, já nada faltaria aos habitantes de Ngala para completar o ser humano... Teriam tanto direito para ser classificados entre os homens como esses selvagens de que acaba de falar...

— Admitindo que estes o mereçam — contestou Max Huber, num tom pouco lisonjeiro para a raça polinésica.

— Ah! Isso não... caro Max. Basta crerem na existência de uma divindade qualquer... Nunca ninguém se lembrou de os classificar entre os animais, ainda que fosse entre os que ocupam o mais alto nível da animalidade!

Graças à família de Lo-Maï, Max Huber, John Cort e Llanga puderam colocar-se num ponto donde tudo vissem.

Assim que a multidão deixou livre o centro do largo, os jovens de ambos os sexos puseram-se a dançar, enquanto os mais velhos começavam a beber como os heróis de uma quermesse holandesa.

O que estes selvagens ingeriam eram as bebidas fermentadas e apimentadas tiradas das vagens do tamarindo.

Deviam ser extremamente alcoólicas, porque em breve as cabeças começaram a esquentar-se e as pernas a vacilar de um modo inquietante.

Essas danças estavam longe de lembrar as nobres figuras do passa-pé ou do minuete, se bem que também não se comparassem com os paroxismos do desnalgar e das grandes cabriolas, tanto em favor nos arraiais dos arredores de Paris.

Afinal, faziam mais carantonhas e trejeitos que contorções, mas também mais trambolhões. Numa palavra, nas suas atitudes coreográficas transparecia mais o macaco do que o homem. E, note-se bem, não se trata aqui dos macacos amestrados para as exibições das feiras, mas sim do macaco entregue aos seus instintos naturais.

Além disso, as danças não eram executadas com acompanhamento de clamores da parte dos espectadores, mas sim ao som de instrumentos dos mais rudimentares: cabaças tapadas por uma pele tensa e sonora vibrando sob repetidos golpes, canas vazias talhadas em assobio, onde uma dúzia de vigorosos executantes assoprava com um fôlego de rebentar os pulmões. Não! Nunca um charivari mais ensurdecedor feriu os ouvidos de um branco!

— Parece que não têm a noção do compasso... — observou John Cort.

— E muito menos a do tom — redarguiu Max Huber.

— Em suma, são sensíveis à música, o que já é alguma coisa...

— Mas é que os animais também o são, caro John... alguns pelo menos... No meu entender, a música é uma arte inferior que se dirige a um sentido inferior... Se se trata, pelo contrário, de pintura, escultura ou literatura, nenhum animal se deixa influenciar por elas, e nunca se viu algum, por mais inteligente que seja, mostrar-se comovido em frente de um quadro ou pela audição de uma tirada de poeta!

Seja como for, o que é certo é que os Wagddis se aproximavam do homem, não somente por experimentarem os efeitos da música, como ainda por porem eles próprios em prática essa arte.

Passaram-se assim duas horas, com extrema impaciência de Max Huber. O que o arreliava mais era ver que Msélo-Tala-Tala se não queria incomodar para vir receber as honras dos seus súbditos.

No entanto, a festa continuava num redobrar de gritos e de danças.

As bebidas começavam a provocar as violências da embriaguez e ameaçavam já seguir-se algumas cenas de desordem quando subitamente se interrompeu o tumulto.

Acalmou-se tudo, todos se prostraram e imobilizaram.

Às suas ruidosas manifestações, ao fragor ensurdecedor dos tantãs e ao estrídulo silvo das flautas seguiu-se silêncio absoluto.

Nesse momento abriu-se a porta da residência real e os guerreiros formaram alas de ambos os lados.

— Enfim — disse Max Huber —, vamos ver esse soberano de selvagens...

Mas não foi Sua Majestade que saiu da palhota.

Uma espécie de móvel, coberto com um tapete de folhagem, foi trazido até o meio da praça.

E qual não foi a legítima surpresa dos dois amigos quando reconheceram nesse móvel um órgão vulgar da Barbaria!... Era muito provável que esse instrumento sagrado só servisse nas grandes cerimónias de Ngala, e que os auditores ouvissem as suas mais ou menos variadas árias com o deleite de diletantes!

— É o órgão do Dr. Johausen! — afirmou John Cort.

— Só pode ser essa maquineta antediluviana — retorquiu Max Huber. — Agora explico como é que na noite da nossa chegada à aldeia de Ngala tive a vaga impressão de ouvir a impiedosa valsa do «Freyschütz» por de cima da minha cabeça!...

— Mas nada nos disse a esse respeito, Max...

— Julguei que tinha sonhado...

— Quanto ao órgão — prosseguiu John Cort —, foram certamente os Wagddis que o trouxeram da gaiola do doutor...

— Depois de terem maltratado esse pobre homem!... — acrescentou Max Huber.

Um soberbo wagddi — evidentemente o chefe da orquestra do sítio — veio postar-se diante do instrumento e começou a fazer girar a manivela.

Imediatamente a mencionada valsa, a que faltavam algumas notas, começou a *desembrulhar-se*, com grandíssimo prazer da assistência.

Aos exercícios coreográficos sucedia-se um concerto. A multidão escutava, batendo com a cabeça o compasso — desencontrado, é certo. Na realidade, não parecia experimentar essa impressão giratória que uma valsa comunica sempre aos civilizados do Antigo e Novo Mundo.

E, gravemente compenetrado da importância das suas funções, o wagddi continuava a manobrar a caixa de música.

Mas saberiam em Ngala que o órgão continha outras árias? Eis o que perguntava a si mesmo John Cort.

Com efeito, não seria o acaso que fizera descobrir a estes primitivos que, carregando num botão, se substituiria a melodia de Weber por qualquer outra?

Seja como for, o que é certo é que depois de uma meia hora consagrada à valsa do «Freyschütz», eis que o executante carrega numa mola lateral, como teria feito um tocador das ruas no instrumento suspenso do pescoço.

— Ah! Com mil diabos! É de mais! — exclamou Max Huber.

Era de mais, com efeito, a não ser que alguém tivesse ensinado a esses selvagens o segredo do mecanismo e como se podiam tirar desse instrumento barbaresco todas as melodias contidas no seu seio!...

A manivela pôs-se de novo em movimento. E, então, a ária alemã deu lugar a uma ária das mais populares: a chorosa canção da «Graça de Deus».

Toda a gente conhece este *primor de arte* de Luísa Puget. Ninguém ignora que a letra é entoada em lá menor durante dezasseis compassos, repetida pelo estribilho em lá maior segundo as tradições da arte dessa época.

— Ah, desgraçado! Ah, miserável! — vociferou Max Huber, cujas exclamações provocaram murmúrios muito significativos da assistência.

— Que miserável?... — perguntou John Cort. — O que toca o órgão?

— Não; o que o fabricou. Para economizar as notas, não se esqueceu ele de meter na sua caixa o dó e o sol bemóis?... E este estribilho que devia ser cantado em lá maior:

Meu filho, vai... Adeus,
Com a graça de Deus...

não o toca ele em dó maior?!

— Ah!... é um crime — exclamou, rindo, John Cort.

— E estes bárbaros que não notam isso, que se não arrepelam como qualquer ser dotado de um ouvido humano...

Não!... Os Wagddis não sentiam todo o horror dessa abominação! Aceitavam indiferentes essa criminosa substituição. Ainda que não aplaudissem — não por falta de mãos desmarcadas ainda assim —, a sua atitude traduzia profundo êxtase.

— Basta isto — disse Max Huber — para que mereçam ser recuados para o meio dos animais.

Tudo levava a crer que esse órgão não contivesse outras músicas além da valsa alemã e da canção francesa. Alternaram-se invariavelmente durante meia hora. As outras árias estavam provavelmente desarranjadas. Felizmente, o instrumento possuía as notas requeridas pela valsa, que não dava a Max Huber as náuseas que as coplas da romanza lhe faziam sofrer.

Quando o concerto acabou, as danças recomeçaram com maior furor ainda e as bebidas correram mais copiosas que nunca pelas goelas wagddianas.

O sol afundara-se detrás das ramagens do poente e os Wagddis tratavam de acender alguns archotes, dispostos nas árvores, de modo a iluminarem a praça que o curto crepúsculo ia em breve mergulhar na escuridão.

Max Huber e John Cort, dando-se já por satisfeitos, pensavam em voltar para a palhota quando Lo-Maï pronunciou este nome:

— Msélo-Tala-Tala.

Seria verdade? Viria Sua Majestade receber as adorações do seu povo? Dignar-se-ia enfim sair da sua divina invisibilidade? John Cort e Max Huber não pensavam já em se ir embora.

Com efeito, fazia-se um movimento do lado da palhota real, a que respondia um surdo rumor da assistência. A porta abriu-se, formou-se uma escolta de guerreiros e o chefe Raggi abriu o cortejo,

Logo em seguida viu-se aparecer um tronco — um sofá velho coberto de panos e de folhagem — conduzido às costas de quatro portadores, sobre o qual se pavoneava Sua Majestade.

Era uma personagem de uns sessenta anos de idade, coroada de verdura, o cabelo e a barda brancos, e de uma corpulência tal que o seu peso devia parecer

um tanto duro aos ombros robustos dos seus servos. O cortejo pôs-se em marcha de forma a dar a volta à praça.

A multidão curvava-se até tocar no chão, silenciosa e como hipnotizada pela augusta presença de Msélo-Tala-Tala.

O soberano parecia de todo indiferente, de resto, às honras que recebia, de que era digno e a que já estava provavelmente habituado. A custo mexia a cabeça em sinal de contentamento.

Nem um único gesto, a não ser por duas ou três vezes o de coçar o nariz — um respeitável nariz encavalgado por grossos óculos —, o que justificava o seu sobrenome de Tio-Espelho.

Os dois amigos olharam-no com extrema atenção quando ele lhes passou pela frente.

— E esta! É um homem! — exclamou John Cort.

— Um homem? — objetou Max Huber.

— Sim... um homem, e, o que é mais... um branco!

— Um branco?!

Sim, não havia dúvida; o que iam passeando na sua *sedia gestadoria* era um ser diferente desses Wagddis, seus vassalos, e não um indígena das tribos do alto Oubanghi!... Não havia engano possível; era um branco, um representante qualificado da raça humana!

— E a nossa presença não produz nele a mínima impressão — observou Max Huber. — Parece mesmo que nem nos vê!... Que diabo! Nós, no entanto, não nos parecemos com estes semimacacos de Ngala e, pelo facto de termos vivido com eles três semanas, parece-me que ainda não perdemos o aspeto humano!

E esteve quase a gritar:

— Eh! cavalheiro... tenha a bondade de olhar para cá…

Nesse instante, porém, John Cort travou-lhe o braço e com voz em que transparecia o cúmulo da surpresa:

— Reconheci-o! — exclamou.

— Reconheceu-o? Quem é?

— Sim! Reconheci, é o Dr. Johausen!...

Capítulo 17 — Em Que Estado, o Dr. Johausen!

John Cort tinha outrora encontrado o Dr. Johausen em Libreville. Não havia dúvida possível: era o doutor o soberano dessa tribo dos Wagddis.

Nada mais simples do que resumir o princípio da sua história nalgumas linhas ou mesmo reconstituí-la toda. Os factos ligavam-se sem interrupção nessa cadeia que ia desde a gaiola da floresta até à aldeia de Ngala.

Três anos atrás, esse alemão, desejoso de recomeçar a tentativa, senão pouco séria, pelo menos abortada do professor Garner, partira de Malimba com uma escolta de negros conduzindo consigo material, munições e víveres para bastante tempo. Não se ignorava o que era intenção sua fazer a leste do Camarão. Formara o inverosímil projeto de se estabelecer no meio dos macacos para estudar a sua língua. Mas, como era muito original e maníaco, ou, para empregar uma expressão bastante usada, por ter «pancada na bola», não dera parte a ninguém da direção em que contava dirigir-se.

As descobertas feitas por Khamis e pelos seus companheiros durante a viagem de regresso provavam à evidência que o doutor chegara ao ponto da floresta em que corria o rio batizado com o seu nome por Max Huber. Construíra uma jangada e, depois de ter despedido a escolta, embarcara nela com um indígena conservado ao seu serviço. Em seguida descera com ele o rio até ao pântano, em cuja extremidade foi construída a cabana gradeada ao abrigo das árvores da margem direita.

Aqui cessam os dados certos relativos às aventuras do Dr. Johausen. Quanto ao que depois se seguira, as hipóteses feitas a este respeito passavam agora a factos confirmados.

O leitor deve estar lembrado de que Khamis, pesquisando nessa ocasião a gaiola vazia, encontrara uma caixinha de cobre que continha um caderno de notas. Ora essas notas reduziam-se a algumas linhas traçadas a lápis em diversas datas, desde 27 de julho de 1894 até 24 de agosto do mesmo ano.

Estava, pois, demonstrado que o doutor desembarcara no dia 29 de julho, acabara a sua instalação a 13 de agosto e habitara a sua cabana até o dia 25 do mesmo mês, isto é, um total de treze dias.

Que motivo o levaria a abandoná-la? Teria sido de sua própria vontade? Não, evidentemente. Khamis, John Cort e Max Huber bem sabiam que os Wagddis avançavam por vezes até às margens do rio. Esses fogos que iluminavam a orla

da floresta à chegada da caravana, acaso não eram eles que os passeavam de árvore em árvore? Daqui a conclusão de que os Wagddis tivessem encontrado a cabana do professor, apoderando-se da sua pessoa e do material e transportando depois tudo para a aldeia aérea.

Quanto ao criado indígena, esse tinha com certeza fugido através da floresta. Se tivesse sido conduzido a Ngala, John Cort, Max Huber ou Khamis tê-lo-iam já encontrado, ele, que não era rei nem habitava a cabana real. Além disso, teria figurado na cerimónia, na qualidade de dignitário, ou porque não mesmo de primeiro-ministro?

Assim, os Wagddis não tinham tratado o Dr. Johausen pior que a Khamis e os seus companheiros. Maravilhados sem dúvida pela sua superioridade intelectual, tê-lo-iam eleito soberano — o que poderia ter acontecido a

John Cort ou a Max Huber se o lugar não estivesse já tomado. Havia, pois, três anos que o Dr. Johausen, o Tio-Espelho — devia ter sido ele quem lhes ensinara esta expressão — ocupava o trono wagddiano sob o nome de Msélo-Tala-Tala.

Explicavam esta circunstância muitos factos até então assaz misteriosos, como, por exemplo, o de palavras da língua congolesa figurarem na linguagem desses selvagens, assim como duas ou três palavras da língua alemã, como o manejo do órgão da Barbaria lhes era familiar, como sabiam fabricar certos utensílios, como enfim se efetuara um certo progresso nos costumes desses selvagens, colocados no último grau da escala humana.

Eis no que concordaram os dois amigos quando do regresso à sua cabana, depois de Khamis ser posto ao corrente de tudo.

— O que eu não posso explicar — prosseguiu Max Huber — é que o Dr. Johausen não se tenha inquietado com a presença de estrangeiros na sua capital... Como... pois ele não nos fez comparecer à sua presença... nem parece mesmo ter notado, durante a cerimónia, que não temos nenhumas semelhanças com os seus súbditos!... Oh! mas mesmo nenhumas!...

— Também a mim, Max — acrescentou John Cort —, me é impossível compreender por que razão Msélo-Tala-Tala não nos chamou ainda ao seu palácio.

— Talvez ignore que os Wagddis fizeram uns prisioneiros nesta parte da floresta — sugeriu o *foreloper.*

— É possível, mas não deixa por isso de ser singular — redarguiu John Cort. — Há qualquer outra circunstância que eu ignoro, mas que convém esclarecer...

— Por que forma? — perguntou Max Huber.

— Indagando bem, talvez o consigamos! — respondeu John Cort.

De tudo isto resulta que o Dr. Johausen, que viera à floresta do Oubanghi para viver entre os macacos, estava entre as mãos de uma raça superior ao antropoide, de cuja existência nem sequer se suspeitava. Não tivera o trabalho de lhes ensinar a falar porque já falavam; limitara-se a ensinar-lhes algumas palavras das línguas congolesa e alemã. Depois, prestando-lhes sem dúvida os seus cuidados de médico, ganhara uma certa popularidade, que o levara ao trono! E, na verdade, John Cort tinha reparado que os seus vassalos gozavam de excelente saúde, que se não contava um só doente na aldeia e também, como já o dissemos, que nenhum habitante da aldeia havia morrido desde a chegada dos estrangeiros.

O que se impunha admitir, em todo o caso, era que, apesar de haver um médico na aldeia — e um médico de que tinham feito um rei —, nem por isso a mortalidade aumentara. Eis uma reflexão que, embora pouco atenciosa para com a Faculdade, Max Huber se permitisse fazer.

Agora, que decisão tomar?

A presença do Dr. Johausen em Ngala não devia modificar a situação dos prisioneiros? Hesitaria esse soberano de raça teutónica em dar-lhes a liberdade se se apresentassem pedindo-lhe a repatriação?

— Não o julgo capaz disso — respondeu Max Huber.

— A nossa conduta acha-se de antemão indicada... É possível que tenham encoberto a nossa presença ao doutor-rei... Admito mesmo, se bem que isso seja assaz inadmissível, que durante a cerimónia nos não tenha notado no meio da multidão... Pois bem, nestas circunstâncias, mais razão há, julgo eu, para penetrar na residência real...

— Quando? — perguntou John Cort.

— Esta tarde mesmo, e, visto que esse soberano *é* adorado pelo povo, o povo há de obedecer-lhe quando ele nos puser em liberdade e mandar conduzir até à fronteira, com todas as honras devidas aos semelhantes de Sua Majestade wagddiana.

— E se ele recusa?

— Porque há de ele recusar?

— Sei lá, meu caro Max — respondeu John Cort, rindo. — Por razões diplomáticas, por exemplo...

— Pois bem, se recusar — exclamou Max Huber —, dir-lhe-ei que seria, quando muito, digno de governar os monos mais inferiores e que fica muito aquém do mais ínfimo dos seus súbditos!

Em suma, fora os aditamentos fantasistas, essa proposição era digna de ser tomada em conta.

A ocasião era, além disso, propícia. Chegada a noite, interromper-se-ia a festa, mas não o estado de embriaguez em que se achava mergulhada toda a população da aldeia. Não convinha aproveitar essa circunstância, que se não repetiria provavelmente tão cedo? Desses Wagddis meio embriagados, uns adormeceriam nas suas palhotas, outros espalhar-se-iam pelas profundezas da floresta... Os próprios guerreiros não tinham receado macular a farda bebendo até perder a tramontana... A residência real ficaria guardada com menos cuidado e não seria difícil introduzirem-se até ao quarto de Msélo-Tala-Tala...

Tendo este projeto sido aprovado por Khamis, homem sempre ajuizado, esperou-se que a noite se cerrasse mais e que a embriaguez fosse mais completa na aldeia. Escusado será dizer que Kollo, que tivera autorização para ir ao festival, ainda não tinha voltado.

Seriam nove horas quando Max Huber, John Cort, Llanga e o *foreloper* saíram da palhota.

Ngala, desprovida de iluminação municipal, estava obscura. Os últimos clarões dos archotes resinosos colocados nas árvores acabavam de se extinguir. Ao longe, como de sob Ngala, propagavam-se uns rumores confusos, vindos de direção oposta à habitação do Dr. Johausen.

John Cort, Max Huber e Khamis, prevendo o caso de que, com ou sem autorização de Sua Majestade, lhes fosse possível fugir naquela noite mesmo, tinham trazido as carabinas e guarnecido as algibeiras com todos os cartuchos da caixa. Com efeito, se fossem surpreendidos, talvez tivessem necessidade de fazer falar as armas de fogo — linguagem que decerto os Wagddis não conheciam.

Iam pois os quatro a caminhar por entre as cabanas, na maioria vazias, quando, uma vez chegados à praça, que notaram estar deserta e mergulhada em trevas, lobrigaram uma única luz, que saía da palhota real.

— Ninguém — observou John Cort.

Ninguém, efetivamente, nem mesmo diante da residência de Msélo-Tala-Tala.

Raggi e os guerreiros tinham abandonado o seu posto e nessa noite o soberano passaria sem guarda real.

Podia ser, no entanto, que estivessem alguns *camaristas de serviço* junto de Sua Majestade e que fosse difícil fugir à sua vigilância.

No entanto, Khamis e os seus companheiros achavam a ocasião demasiado tentadora para retirarem. Visto que um favorável acaso lhes permitira chegar ao

palácio sem serem vistos, haviam de penetrar nele.

Esgueirando-se ao longo dos ramos, pôde Llanga atingir a porta, verificando que bastaria empurrá-la para poderem entrar. John Cort, Max Huber e Khamis reuniram-se-lhe logo. Antes de entrar conservaram-se alguns minutos de ouvido à escuta, prontos a bater em retirada em caso de alarme.

Não se ouvia nenhum ruído quer no interior, quer fora da habitação.

Foi Max Huber quem primeiro franqueou o limiar da porta. Os seus companheiros seguiram-no, fechando-a atrás de si.

A habitação compreendia dois quartos contíguos, constituindo os aposentos de Msélo-Tala-Tala.

O primeiro estava completamente às escuras e deserto.

Khamis aplicou o olho na porta que comunicava com o segundo aposento — uma porta mal ajustada, por onde se filtravam alguns clarões.

O Dr. Johausen lá estava, meio estendido num sofá.

Não havia dúvida de que este, como os outros móveis que guarneciam o aposento, provinham do material da gaiola e tinham sido transportados para Ngala juntamente com o seu proprietário.

— Entremos! — disse Max Huber.

Ao ruído dos passos, o Dr. Johausen voltou a cabeça e levantou-se... Talvez o viessem tirar de um sono profundo... Seja como for, a presença dos visitantes não produziu nele a mínima impressão.

— Dr. Johausen, os meus companheiros e eu vimos prestar as devidas homenagens a Vossa Majestade!... — saudou John Cort, em alemão.

O doutor não respondeu... Não teria compreendido? Depois desses três anos de convivência com os Wagddis, dar-se-ia o caso de ter esquecido a própria língua?

— Vossa Majestade compreende-me? — prosseguiu John Cort. — Somos uns estrangeiros que trouxeram para a aldeia de Ngala...

Nem sombra de resposta.

O monarca parecia olhar sem os ver e escutar sem os ouvir. Não fazia um único movimento, nem um gesto, como se estivesse em estado de completa demência.

Max Huber aproximou-se e, com pouco respeito pelo soberano da África Central, segurou-o pelos ombros e sacudiu-o vigorosamente.

Sua Majestade fez uma carantonha, que não teria desagradado ao mais trejeitador dos mandris do Oubanghi.

Max Huber sacudiu-o novamente.

Sua Majestade mostrou-lhe a língua.

— Estará ele doido?... — sugeriu John Cort.

— Tudo o que há de mais doido, com mil diabos!... Doido varrido!... — exclamou Max Huber.

Sim... o Dr. Johausen estava completamente demente. Já meio desequilibrado quando partira do Camarão, tinha acabado de perder a razão depois de estar em Ngala. E quem sabe mesmo se não teria sido essa degenerescência mental que lhe valera o ser proclamado rei dos Wagddis? Os índios de Far West e os selvagens da Oceânia veneram mais a loucura que a sabedoria, e o louco é considerado a seus olhos como um ser sagrado, depositário da potência divina.

A verdade é que o pobre doutor estava de todo desprovido de intelectualidade. E era esta a razão por que ele se não importava com a presença dos quatro estrangeiros na sua aldeia, e por que não tinha reconhecido neles indivíduos da sua espécie, tão diferente da dos Wagddis.

— Só há uma coisa a fazer — declarou Khamis. — Não podemos contar com a intervenção deste inconsciente para nos vermos em liberdade...

— Isso não, decerto! — concordou John Cort.

— E esses animais nunca nos deixarão fugir... — acrescentou Max Huber... — Visto pois que se apresenta ensejo de fugir, fujamos...

— E imediatamente — apoiou Khamis. — Aproveitemos a noite...

— E o estado em que se encontram todos estes semimacacos.

— Vamos — disse Khamis, dirigindo-se para o primeiro quarto. — Tentemos alcançar a escada e fugir através da floresta...

— Está combinado — aprovou Max Huber —, mas... o doutor?

— O doutor? — repetiu Khamis.

— Não podemos deixá-lo no seu reino!... O nosso dever é libertá-lo.

— Sim, decerto, caro Max — concordou John Cort. — Mas esse desgraçado já não tem o uso da razão... há de provavelmente resistir... E se recusar seguir-nos?

— Experimentemos sempre — insistiu Max Huber, aproximando-se do doutor.

Este, que era gordíssimo, devia ser dificilmente transportável, e, se ele se não prestasse a isso, como conseguir transportá-lo?

Khamis e John Cort, auxiliados por Max Huber, pegaram no doutor pelos braços.

Mas o doutor, vigoroso ainda, repeliu-os e, deitando-se a todo o comprimento, começou a espernear como um crustáceo caído de costas.

— Com mil diabos, pesa mais sozinho que a Tríplice inteira!

— Dr. Johausen! — gritou uma última vez John Cort.

Sua Majestade Msélo-Tala-Tala, por única resposta, começou a coçar-se da maneira mais simiana.

— Decididamente — afirmou Max Huber —, não conseguiremos nada desse animal humano! Tornou-se macaco... pois que fique macaco e que continue a governar macacos...

Só lhes restava sair da residência real... Infelizmente, enquanto se contorcia, Sua Majestade pusera-se a gritar com tanta força que, se os Wagddis estivessem nas proximidades, deviam tê-lo ouvido.

Por outro lado, perder alguns segundos que fosse era exporem-se a deixar escapar essa esplêndida ocasião de fugir... Raggi e os guerreiros iam naturalmente acorrer... A situação dos estrangeiros, encontrados na residência do Msélo-Tala-Tala, agravar-se-ia e talvez tivessem depois de renunciar a qualquer esperança de recobrar a liberdade.

Khamis e os seus companheiros deixaram pois o Dr. Johausen e, abrindo a porta, precipitaram-se para o exterior.

Capítulo 18 — Inesperado Desfecho

O acaso decidira-se a favor dos fugitivos. Todo aquele motim no interior da cabana não atraíra ninguém. Estava deserta a praça, como desertas estavam as ruas que nela desembocavam. Mas a dificuldade era não se perderem no meio desse escuro dédalo e, circulando por entre as ramas, atingir o mais depressa possível a escada de Ngala.

De súbito, eis que Lo-Maï apareceu diante de Khamis e dos seus companheiros.

Lo-Maï vinha acompanhado por seu filho. O pequeno, que os seguira quando se dirigiam para casa do Msélo-Tala-Tala, fora prevenir o pai. Este, receando que Khamis e os seus companheiros corressem algum perigo, apressou-se em ir ter com eles.

Compreendendo então que procuravam fugir, ofereceu-se para lhes servir de guia.

Foi uma felicidade, porque nenhum deles saberia encontrar o caminho da escada.

Mas quando chegaram ao patamar superior, qual não foi o seu desapontamento!

A entrada estava guardada por Raggi e por uns doze guerreiros.

Seria possível forçarem os quatro a passagem com probabilidades de sucesso?

Max Huber julgou chegado o momento de utilizar a carabina.

Raggi e dois guerreiros acabavam de arremeter contra ele.

Max Huber, recuando alguns passos, fez fogo sobre o grupo.

Raggi, atingido em pleno peito, caiu fulminado.

Não havia dúvida de que os Wagddis ignoravam o uso das armas de fogo e os seus efeitos. A detonação e a queda de Raggi causou-lhes um terror de que é difícil fazer uma ideia. Um raio que fulminasse a praça durante a festa desse dia não os teria aterrorizado mais. O grupo dos guerreiros dispersou-se num momento, voltando uns para a aldeia e precipitando-se outros pelas escadas abaixo com ligeireza de quadrúmanos.

O caminho ficou livre por momentos.

— Para baixo! — gritou Khamis.

O melhor era seguir Lo-Maï e o pequeno, que tomaram a dianteira. John

Cort, Max Huber, Llanga e o *foreloper* deixaram-se, por assim dizer, escorregar sem encontrar obstáculo. Depois de terem passado por baixo da aldeia dirigiram-se para a margem do rio, alcançaram-no em alguns minutos e, desamarrando uma das canoas, embarcaram com o pai e o filho.

Mas nesse momento apareceram por todos os lados archotes acesos e um grande número de wagddis que erravam nas proximidades da aldeia. Ouviram gritos de cólera e ameaça, secundados por uma nuvem de frechas.

— Vamos a isto — disse John Cort. — É preciso!

E Max Huber e ele apontaram as carabinas, enquanto Khamis e Llanga manobravam a canoa para a afastar da margem.

Soou uma dupla detonação. Dois wagddis foram atingidos e a multidão ululante dissipou-se.

Nesse momento a canoa foi colhida pela corrente e, levada pelo seu impulso, desapareceu em breve a jusante, por detrás de um maciço de arvoredo.

Seria ocioso narrar — por miúdo, pelo menos — o que foi essa navegação para sudoeste da Grande Floresta.

Se existiam ou não outras florestas, os dois amigos nada viriam a saber a esse respeito.

Como as munições não faltavam, a caça devia assegurar a alimentação, visto que nestas regiões, vizinhas do Oubanghi, abundam diversas espécies de antílopes.

No dia seguinte, à tarde, Khamis amarrou a canoa a uma árvore da margem para ali passarem a noite.

Durante o percurso, Max Huber e Llanga não tinham poupado os testemunhos de reconhecimento a Lo-Maï, pelo qual sentiam a simpatia que poderiam dedicar a um ser humano.

Quanto a Llanga e ao pequeno, ligava-os uma amizade verdadeiramente fraternal.

Como poderia o indigenazinho compreender as diferenças antropológicas que o classificavam acima desse pequeno ser?

John Cort e Max Huber esperavam conseguir que Lo-Maï os acompanhasse até Libreville.

O regresso seria fácil, seguindo o curso desse rio, que devia ser um dos afluentes do Oubanghi. O essencial era que não fosse obstruído por rápidos ou por quedas.

Foi na tarde de 16 de abril que a embarcação fez uma paragem após um percurso de quinze horas. Khamis calculava em quarenta a cinquenta

quilómetros a distância percorrida desde a véspera.

Decidiu-se que a noite se passaria nesse local. Organizado o acampamento e terminada a refeição, adormeceram, vigiados por Lo-Maï, num sono reparador, que felizmente não foi de modo algum perturbado.

Quando acordaram, Khamis fez os preparativos de partida e só restava entregar a canoa à corrente.

Nesse momento, Lo-Maï, que segurava o filho pela mão, esperava postado na margem.

John Cort e Max Huber foram ter com ele e rogaram-lhe que os acompanhasse.

Mas Lo-Maï, abanando a cabeça, apontou com uma mão o curso do rio e com a outra as espessas profundezas da floresta.

Os dois amigos insistiram e bastavam os seus gestos para os fazer compreender. Queriam levar Lo-Maï e Li-Maï para Libreville.

Ao mesmo tempo Llanga enchia o pequeno de carícias, beijando-o e apertando-o nos braços... Procurava arrastá-lo para a canoa.

Mas Li-Maï apenas pronunciou uma palavra:

— Ngora!

Sim... sua mãe que ficara na aldeia e para junto da qual ele e o pai queriam voltar... Nada podia separar esta família!...

Depois de a alimentação de Lo-Maï e do pequeno ficar assegurada para o seu regresso até Ngala, trocaram-se os adeuses definitivos.

John Cort e Max Huber não ocultavam a emoção que sentiam ao pensar que não tornariam a ver essas duas criaturas boas e afetuosas, ainda que de raça inferior.

Quanto a Llanga, esse não pôde deixar de chorar e os olhos do pai e do filho humedeceram-se também com bastas lágrimas...

— Então, meu caro Max — perguntou John Cort —, ainda não acredita que estes pobres entes pertencem à humanidade?

— Agora, sim, acredito, John, visto que possuem, como o homem, o riso e as lágrimas!

A canoa tomou o fio da corrente e, numa curva da margem, Khamis e os seus companheiros enviaram a Lo-Maï e a seu filho o derradeiro adeus.

Os dias de 17 a 26 de abril foram gastos em descer o rio até à sua confluência com o Oubanghi. Como a corrente era muito rápida, calcularam em perto de trezentos quilómetros o caminho percorrido desde a aldeia de Ngala.

O *foreloper* e os seus companheiros achavam-se então pela altura dos rápidos

do Zongo, pouco mais ou menos no ponto em que o rio faz um ângulo obliquando para o sul. Era impossível vencer esses rápidos na canoa e eram necessários carregadores para que se pudesse recomeçar a navegação mais abaixo. É verdade que o itinerário permitia seguir a pé a margem esquerda do Oubanghi na parte limítrofe do Congo independente e do Congo francês. Mas a canoa era infinitamente preferível a esse penoso caminhar. Não constituía ela tempo ganho e fadigas poupadas?

Felizmente, Khamis pôde evitar a difícil operação da condução da canoa.

O Oubanghi é navegável para lá dos rápidos do Zongo até à sua confluência com o rio Congo. Não são raros os navios que fazem o tráfico dessas povoações, onde não faltam nem aldeias nem estabelecimentos de missionários. John Cort, Max Huber, Khamis e Llanga percorreram os quinhentos quilómetros que os separavam do termo da viagem a bordo de uma dessas grandes embarcações que começam a ser auxiliadas pelo reboque a vapor.

Foi a 28 de abril que pararam junto de uma povoação da margem direita. Refeitos de todas as fadigas e bem dispostos, apenas lhes faltavam novecentos quilómetros para chegar a Libreville.

O *foreloper* tratou logo de organizar uma caravana que, caminhando diretamente para oeste, atravessou as extensas planícies congolesas em vinte e quatro dias.

Finalmente, a 20 de maio, John Cort, Max Huber, Khamis e Llanga chegavam à feitoria, antes da povoação, onde os seus amigos, deveras inquietos por uma ausência tão prolongada e sem notícias suas havia seis meses, os receberam de braços abertos.

Nem Khamis nem o jovem indígena se tornariam a separar de John Cort e de Max Huber. Não eram Llanga o seu filho adotivo e o *foreloper* o seu guia devotado durante essa aventurosa viagem?

E o Dr. Johausen? E a aldeia aérea perdida sob os maciços da Grande Floresta?

Pois bem, cedo ou tarde uma expedição travará, no interesse da ciência antropológica moderna, relações mais íntimas com esses estranhos Wagddis...

Quanto ao doutor alemão, esse está bem doido e, supondo que a razão lhe volte e que o tragam para Malimba, quem sabe se se não lembrará com saudade do tempo em que reinava sob o nome de Msélo-Tala-Tala, ou se, graças a ele, essa tribo de primitivos não passará um dia para o protetorado do império alemão?

No entanto, bem pode ser que a Inglaterra...

Notas

[1] Mílon de Crotona foi um atleta do século VI a. C., natural de Crotona, quase sempre vencedor dos Jogos Olímpicos e Píticos. A sua força hercúlea tornou-se lendária. Reza a lenda também que, velho já, e querendo experimentar as suas forças, propôs-se fender de alto a baixo, com as mãos, um tronco já entreaberto. Porém, as duas partes do tronco, unindo-se, conservaram-no cativo, até que morreu devorado por um leão. Há no Louvre um grupo em mármore de Puget representando o colosso cativo, atacado pelo leão. *(N. do T.)*

[2] Foi no quaternário inferior de Samatra que M. E. Dubois, médico militar holandês, de Batávia, encontrou um crânio, um dente e um fémur em bom estado de conservação. Este ser parece realmente ter sido o intermediário entre o antropoide e o homem, visto que o conteúdo da caixa craniana era muito superior ao do maior gorila e inferior ao do homem. Assim, para estabelecer as consequências desta descoberta, tentou-se uma viagem a Java empreendida por um jovem sábio americano, o Dr. Walter, à custa do milionário Vanderbilt.

[3] Pai, em alemão.

[4] Expressão de Quatrefages.